



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PLÁCIDO JOSÉ MARQUES DOS SANTOS

“Deus, o grande mistério”

**Reflexão sobre a prática pedagógica relativa à UL 2 do
9ºano do programa de EMRC e contributos teológicos
para a sua valorização**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Pedro Lopes Angélico**

Porto

2020

*À minha filha Maria
pela beleza do dom da sua vida*

Siglário

AAS – Acta Apostolicae Sedis

AE – Aprendizagens Essenciais

A.T. – Antigo Testamento

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

CNSL – Colégio Nossa Senhora de Lourdes

CRIAD – Congregação Religiosa das Irmãs do Amor de Deus

DGE – Direção-Geral da Educação

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

ERE – Ensino Religioso Escolar

Jr – Profeta Jeremias

MCAD – Missão Carismática Amor de Deus

N.T. – Novo Testamento

PASEO – Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória

PECNSL – Projeto Educativo Colégio Nossa Senhora de Lourdes

PEMRC – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

PES – Prática de Ensino Supervisionada

RICNSL – Regulamento Interno Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Sir – Ben Sira

SI – Salmos

SNEC – Serviço Nacional de Educação Cristã

Tg – Carta de S. Tiago

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UL – Unidade Letiva

Resumo

O presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionado é realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas – Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica, procura apresentar uma reflexão sobre a prática pedagógica da UL2 do 9º ano: *Deus, o grande mistério* e apresentar contributos teológicos para a sua valorização. Deus é um mistério que se vai desvelando na história e que promove uma experiência nova e edificante à humanidade, que se deixa contagiar e conduzir por ela. A questão de Deus surge na dimensão espiritual e religiosa da pessoa e por isso é uma questão universal e intemporal na qual os homens e mulheres sempre procuraram um significado existencial e de sentido, que nos tempos atuais requer uma leitura mais transversal que envolva, além da teologia, outras áreas das ciências humanas. Com o nosso trabalho pretendemos exatamente abrir novos horizontes que permitam uma perspectiva do tema de Deus numa forma mais abrangente, tendo em conta as inquietações atuais, fomentando assim uma hermenêutica mais próxima à sua realidade promovendo uma educação integral aos nossos alunos.

Palavras chave: EMRC, Educação, Escola, Currículo, Deus, Mistério, Experiência religiosa, Contemporaneidade

Abstract

The following Final Report on Supervised Teaching Practice is prepared within the scope of the Master in Religious Sciences - Catholic Moral and Religious Teaching, and wishes to present a reflection on the pedagogical practice of the UL2 of the 9th grade: *God, the great mystery* and to present theological contributions for its valorization. God is a mystery which unfolds in history and promotes a new and edifying experience to mankind, that allows itself to be infected and guided by it. The question of God arises in the spiritual and religious dimension of the person and, therefore, it is a universal and timeless question in which men and women have always sought an existential and meaningful meaning, which today requires a more transversal reading that involves, in addition to theology, other areas of the human sciences. With our work we intend to open new horizons that allow a perspective of the theme of God in a more comprehensive way, taking into account the current concerns, thus fostering a hermeneutic closer to its reality, promoting an integral education to our students.

Keywords: EMRC, Education, School, Curriculum, God, Mystery, Religious Experience, Contemporary

Introdução

O presente Relatório é realizado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada do curso de Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica. A PES teve como orientador na Universidade o Professor Dr. Francisco Guimarães e como orientador cooperante no estabelecimento onde se realizou o estágio, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Porto, o Professor Doutor António Filipe Barbosa.

Como tal, o presente trabalho pretende explicar tudo o que foi trabalhado e concretizado ao longo do estágio pedagógico realizado no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes no ano letivo de 2018-2018. Além disso pretende ser um contributo valorativo do programa de EMRC partindo da nossa experiência, das inquietações dos nossos discentes e das tensões construtivas sentidas ao longo de todo o percurso do mestrado.

A Igreja está presente na educação com a sua missão específica através da EMRC e *“procura proporcionar à pessoa a visão cristã do mundo, do homem e de Deus, e não se demitirá de continuar a oferecer, com total liberdade, propostas educativas”* (CEP, 2006, p. 7).

Para cumprir com efeito esta missão, os docentes de EMRC devem ter capacitação técnica, ter um claro interesse pelo fator religioso, em especial cristão, o suficiente conhecimento da teologia católica e da vida eclesial no momento presente e na história, talento de educador com capacidade didática e pedagógica e uma comum exigência de normalidade ética. Ele deve ser um docente esperto e apaixonado pela cultura religiosa, pois esta é a chave que está em jogo. Deve conhecer bem a teologia cristã, deve ter presente que a cultura religiosa inclui um panorama muito mais amplo de saberes, que pertencem ao rico património cultural comum do seu país (Laporta, 2006).

O professor de ERE deve ser um competente e entusiasta conhecedor de tanta cultura religiosa comum e, por sua vez, um esperto indutor da mesma. Por isso deve procurar saber cada vez mais, através de formação contínua. O docente deve ser capaz de ajudar a estabelecer a compreensão da correlação que existem entre as diversas áreas da dimensão religiosa cristã e do património cultural comum (Laporta, 2006). Além disso, o professor de EMRC deve ser uma testemunha da fé cristã professada e vivida e que em nome da Igreja desempenha essa nobre missão.

Tendo consciência do perfil e da missão do professor de EMRC colocamo-nos de no caminho para aprender e crescer enquanto educador, deixando-nos contagiar pelos diversos atores que nos ajudaram nesta jornada. *“O professor deve ser um ser humano que se sente sempre um aprendiz, um ser que está sempre aberto, que pratica a recetividade e que jamais se esquecerá da sua condição de educando* (Torralba, 2015, p. 19) ante a de educador. Assim nos colocamos perante a experiência de lecionação.

No núcleo de estágio foi-nos atribuída a turma A do 9º ano de escolaridade. Em conformidade com o PEMRC (2014), para este ano de estudos na disciplina de EMRC são-nos apresentas três unidades letivas: UL 1 – *A dignidade da vida humana*; UL 2 – *Deus, o grande mistério*; UL 3 – *O projeto de vida*. Diante das possibilidades, optamos para ser objeto da aplicação pedagógico-didático e de aprofundamento neste relatório a UL 2: *Deus, o grande mistério*.

Nos tempos hodiernos falar de Deus implica uma reflexão ajustada à situação cultural atual, ou seja, esta vem acompanhada de inúmeros pressupostos que estão inerentes à experiência humana, que num tempo de globalização aparece com uma enorme carga subjetiva, marcada pelo individualismo, pela necessidade das sensações e emoções e pelos perigos atuais de idolatrias que sufocam os homens e mulheres do nosso tempo.

Numa sociedade aparentemente estruturada, organizada e desenvolvida existe cada vez mais uma maior *“necessidade de valores hierarquizados, que pautem a vida, e uma procura do transcendente e de religiosidade, sem o quais a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efêmera e conduz a uma sociedade vazia de sentido”* (CEP, 2006, pp. 9-10).

A EMRC e o tema de Deus tratado neste nosso relatório pretende exatamente ser um contributo para ajudar os jovens a abrirem-se ao grande mistério que é Deus e procurar Nele a origem e sentido para a sua vida e que esta seja vivida de acordo com a axiologia cristã. No entanto, temos de ter presente a educação requer a construção harmoniosa da pessoa que pertence a um grupo e que esta pertença traz consigo uma riqueza multicultural. A educação cristã requer a integração e a interação dessa cultura, tornando-se assim mais inclusiva e incluidora (CEP, 2002).

Assim, o nosso trabalho é constituído por três partes sendo que na primeira parte apresentamos a caraterização instituição onde decorreu o estágio pedagógico, a caraterização da turma e a gestão curricular que foram importantes para a construção pedagógico-didática da UL. A segunda parte corresponde ao processo ensino-

aprendizagem onde apresentamos as planificações da UL, a sequência do processo de ensino-aprendizagem, os recursos e os instrumentos de avaliação utilizados. Além disso fazemos um balanço crítico do nosso desempenho ao longo da PES. Na terceira parte apresentamos reflexões teológico-antropológicas que nos permitam, depois de realizarmos uma análise crítica da UL, apresentar contributos para uma valorização e enriquecimento curricular da UL 2: *Deus, o grande mistério*.

Iª Parte

Caraterização da Turma e Gestão curricular

1.1 Caraterização da Turma

“O sistema turma é considerado como um sistema aberto, por incluir relações de vária ordem, principalmente aquelas que envolvem o sistema educativo e o subsistema familiar intervindo, em geral, na interpretação das aprendizagens dos alunos. Assim, a turma “enquanto grupo secundário e artificial é fortemente condicionada pelo meio, partilha das propriedades dos sistemas abertos, das características e fenómenos (...) dos pequenos grupos” (Silva M. I., 2007, p. 48) .

Assim, esta primeira parte do relatório, visa a realização da caraterização da turma. Não podemos fazer uma leitura da turma sem olharmos para o contexto educativo onde esta está inserida, daí a necessidade de realizar uma caraterização da escola, partindo dos documentos vértices como o projeto educativo e regulamento interno. Sendo uma escola católica, existem outros documentos sobre o carisma da instituição que foram igualmente tidos em conta. A extensão da leitura realizada, prende-se com o facto de ser a primeira vez que a Universidade realiza um protocolo de realização de estágios com a instituição. Além disso, enquanto docente da escola, foi uma oportunidade para aprofundar os eixos centrais da matriz educativa. Foi bastante enriquecedor realizar este trabalho.

Para a caraterização da turma foram recolhidos dados em dois momentos: na *Ficha de Caraterização da Turma*¹¹, disponibilizada por nós aos alunos, e os dados obtidos do Conselho de Turma na qual participamos.

Após a recolha de dados, foi realizada uma análise dos dados, bem como uma leitura crítica dos mesmos, donde podemos retirar ilações pedagógico-didáticas. Estas leituras foram essenciais para a gestão curricular que optamos na lecionação. A recolha dos dados observou o Regime de Proteção de Dados em vigor e o regulamento do estabelecimento de ensino.

¹¹ Cf. Anexo A.

1.1.1 Projeto educativo e Instituição de ensino

O projeto educativo é o documento central e a referência, que orienta toda a atividade escolar, baseado numa relação de participação entre os seus agentes. (Alabat, 1989)

Por isso, o projeto deve ser atrativo, benéfico e funcional para a comunidade educativa, distinto de qualquer outro, ciente das suas decisões, coerente dos seus princípios e valores, distribuidor de responsabilidades, flexível no seu desenvolvimento, inovador, atento às realidades locais e às aspirações de cada um, potenciador da melhoria organizacional e do sucesso escolar e educativo e aberto à sociedade (Martins, s.d.).

Carlinda Leite (2003) afirma que o projeto educativo surge quando se reconhece que a qualidade da formação escolar passa pelo envolvimento dos agentes educativos na configuração de ações adequadas às populações que as vão viver. O projeto ultrapassa o simples treino do educando no desempenho de destrezas, ou seja, a escola é uma instituição geradora de educação e não de mera instrução. Como tal, os professores não são meros consumidores de currículo.

O projeto educativo é assim um documento que rompe com a “normalização” e proporciona um enquadramento e um sentido para as ações individuais. Logo, o projeto educativo é um contrato que vincula e compromete todos os membros da comunidade educativa numa finalidade comum (Leite, 2003).

Partindo destas leituras e com o objetivo de realizar uma justa e verdadeira leitura da instituição onde se realiza a PES, comecei por ler o PEEAD, o RICNSL e a MCAD, bem como outros documentos imprescindíveis na vida da Congregação Religiosa das Irmãs do Amor de Deus.

Geograficamente, o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes situa-se na atual União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, concelho e distrito do Porto. O colégio é propriedade da Congregação das Religiosas do Amor de Deus, com personalidade

jurídica e plena capacidade de autonomia, reconhecida pela legislação vigente (CRIAD, b).



FIGURA 2 - MAPA ATUAL DAS FREGUESIAS DO MUNICÍPIO DO PORTO.

O Colégio de Nossa Senhora de Lourdes identifica-se como colégio católico, apresentando um projeto educativo que proporciona uma opção cristã (CRIAD, b).

O Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus estrutura-se tendo como gongo a Identidade e a Qualidade, na medida em que nasce não apenas por imperativos legais, mas antes, e acima de tudo, do sonho do Padre Jerónimo Usera², que idealizou uma escola e uma educação onde o Amor – o Amor à imagem do Amor de Cristo – a exigência e o rigor pedagógicos assumissem um papel determinante no processo educativo (CRIAD, a).

A Congregação Religiosa das Irmãs do Amor de Deus tem como propósito assegurar o carisma educativo cujo objetivo é fazer de cada aluno um ser integral, segundo o pensamento humanista cristão que tem Cristo como supremo modelo e horizonte de utopia (CRIAD, a). O carisma das Irmãs do Amor de Deus consiste em experimentar o amor gratuito de Deus e em ser expressão desse amor junto dos outros através da educação (CRIAD, 2001).

² Fundador da Congregação. Jerónimo Mariano Usera y Alarcón nasceu em Madrid, a 15 de setembro de 1810 e faleceu a 17 de maio de 1891. Fundou a Congregação das Irmãs do Amor de Deus que se dedica à Educação, porque o melhor bem que podia fazer à sociedade era instaurar um sistema de educação baseado no amor.

O projeto do Homem integrado que o colégio procura, e no qual aplica as energias vocacionais e profissionais de toda a sua comunidade, exprime-se nos seguintes campos de aprendizagem: aprender a ser, aprender a amar, aprender a pensar, aprender a tomar decisões, aprender a fazer (CRIAD, a). Como tal a metodologia seguida tem como principal ator o aluno, que deve ser guiado e orientado pelos educadores, na medida das suas necessidades.

Na matriz educativa das Irmãs do Amor de Deus, a comunidade educativa é composta pelos alunos, pais/encarregados de educação, docentes, não docentes e a entidade titular, Comunidade das Irmãs do Amor de Deus (CRIAD, a). O corpo docente é bastante estável, pois mais de 90% dos docentes pertencem ao quadro laboral da instituição à cinco ou mais anos, segundo dados fornecidos.

O Projeto Educativo do Colégio abrange os aspetos didáticos, pedagógicos e pastorais, compreendidos como uma realidade inseparável. Nele se orienta toda a tarefa educativa para o objetivo final do Homem que se projeta num modelo de escola: *pessoa livre, solidária e transcendente à luz do Evangelho* (CRIAD, 2001, p. 72).

Devido à sua matriz educativa cristã de cultura católica, todos os alunos têm Educação Moral e Religiosa Católica em todos os anos dos ciclos de ensino lecionados no estabelecimento. A EMRC pertence à matriz curricular da escola com aulas de 60 minutos para todos os anos do ensino básico e lecionadas por professores com habilitação própria e qualificação profissional. A disciplina tem relevância no contexto escolar para cumprir os princípios a que a escola se pressupõe: formar pessoas livres e solidárias à luz da mensagem cristã, da pessoa de Jesus e da encarnação dos valores evangélicos (CRIAD, a). Ora a disciplina tem como objetivo fornecer aos discentes conteúdos e experiências que permitam atingir esse ideal de pessoa, salvaguardando sempre a especificidade da disciplina, separando-a da missão catequética, que é disponibilizada noutro contexto.

O colégio tem uma forte atividade pastoral, com especial relevo nos tempos litúrgicos de Advento-Natal e Quaresma-Páscoa. Além disto, tem oferta catequética do 1º ao 9º ano, sempre com uma relação institucional com a Paróquia do Santíssimo Sacramento, onde são realizados os sacramentos inerentes à formação cristã. Conjuntamente com a catequese, o colégio tem ainda outra oferta pastoral direcionada aos jovens denominada de JADES – Jovens do Amor de Deus. A partir destas realidades pastorais são realizadas ao longo do ano muitas atividades internas e externas, conjuntamente com outro estabelecimento de ensino da CRIAD: Colégio Amor de Deus sito na Avenida de Sintra, nº 1451, Cascais.

A atividade pastoral visa, ainda, sensibilizar os alunos para a solidariedade social. Assim, existem ao longo do ano campanhas de angariação de bens e alimentos para apoiar muitas famílias em situação de pobreza. Estas famílias são acompanhadas ao longo de todo o ano.

A ação educativa do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes desenvolve-se em dois polos: um com a sede na Rua Rainha D. Estefânia, nº 54, onde funcionam o 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e outro na Rua Rúben A, nº 90, onde funcionam a educação pré-escolar e a valência de creche. De referir que, ao longo do ano letivo, existem inúmeras atividades que pretendem estabelecer uma perfeita simbiose entre os dois polos.

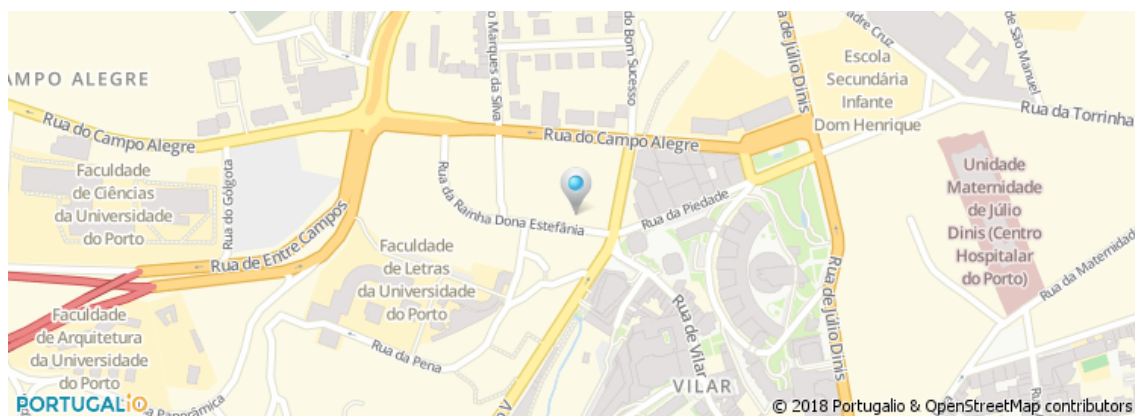


FIGURA 3 - LOCAL DO EDIFÍCIO SEDE DO COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES

No edifício sede, onde funcionam o 1º, 2º e 3º ciclos, existem três turmas para cada ano que compõem os ciclos mencionados, à exceção do 9º ano de escolaridade que apenas tem duas turmas constituídas por 27 alunos.

A relação escola-família é muito estreita e forte, pois a direção da escola, os diretores de turma e os restantes docentes têm uma relação muito próxima com os encarregados de educação. Além do contacto presencial, existe um domínio de email, uma plataforma de aprendizagem *Moodle* e *Inovar* que permitem aos pais acompanhar todas as atividades da escola bem como dos seus educandos.

Relativamente ao sucesso escolar, no ano letivo 2017-2018 a taxa de sucesso foi de 100%, bem acima da média nacional. No que respeita ao 9º ano, todos os alunos foram aprovados e a média das Provas Finais do ano mencionado, foi, também, acima da média nacional.

Na escola existe uma relação muito próxima entre alunos, professores e funcionários, estes últimos vistos também como educadores do Amor de Deus. Esta relação muito estreita permite acima de tudo a valorização do trabalho dos alunos, minimizando ou suprimindo as dificuldades dos alunos, o crescimento social e espiritual dos

alunos. Este trabalho próximo e cooperativo entre todas as partes permite a valorização humanista dos intervenientes, mas acima de tudo, a formação integral pretendida para o aluno.

Quanto ao espaço físico da escola sede, local onde tem lugar o ensino básico este tem dois edifícios interligados: um onde estão os serviços administrativos e diretivos, cantina, salas de música, sala de jogos e a residência das Irmãs do Amor de Deus e outro onde estão as salas das turmas, biblioteca, sala de projetos, sala de Inglês, Capela, Bar, Enfermaria, Papelaria, Gabinete da Pastoral, salas de Educação Visual e Tecnológica, sala dos professores, Polivalente e Pavilhão Gimnodesportivo. Além disso tem dois parques infantis, pátios, campo de jogo e parque de estacionamento.

A escola tem desenvolvido parte do currículo do 1º ciclo através da aprendizagem baseada em projetos. Este trabalho será, a curto prazo, alargado ao 2º ciclo e posteriormente ao 3º ciclo. Tem implementado o projeto Eco - Escolas e possui a bandeira verde do projeto.

1.1.2 Caraterização da turma

1.1.2.1. Instrumentos de recolha de dados

No intuito de realizar a caraterização da turma, foi elaborada uma *Ficha de Caracterização da Turma* específica para a disciplina. Esta foi elaborada pelos estagiários e pelo professor orientador da escola onde realizamos a PES.

Os dados disponibilizados pelo Conselho de Turma, na qual participamos, também foi uma oportunidade para recolher dados relevantes para a disciplina de EMRC.

Os dados recolhidos serão analisados de forma séria pois são essenciais para a persecução dos objetivos da disciplina e para a tomada de decisões curriculares que beneficiem o processo ensino-aprendizagem a missão do professor de ensinar e fazer aprender.

1.1.2.2. Dados recolhidos a partir da “Ficha de Caraterização da Turma”

A turma A do 9º ano de escolaridade é composta por 27 alunos, sendo que 14 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Os alunos têm idades compreendidas entre os

13 e os 15 anos: dois alunos têm 13 anos, vinte e quatro têm 14 anos e um aluno têm 15 anos de idade.

Na sua maioria, os alunos são naturais do Porto, existem dois que são naturais do Luxemburgo e um de Leicester. No que toca à residência, a sua maioria reside no Porto. No entanto, existem ainda alunos residentes em Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Maia. A maioria dos alunos vem para a escola de carro, existindo ainda dois alunos que se deslocam a pé e ainda outros dois que se deslocam de transporte público. Na deslocação, os alunos demoram em média entre onze a vinte minutos a chegar à escola.

A idade dos pais situa-se entre os 41 e os 63 anos de idade. Alguns alunos não colocaram a idades dos seus pais. A maioria dos pais têm formação superior, sobretudo licenciaturas. Existem quatro com mestrados e sete com doutoramento. Apenas uma mãe possui o 12º ano de escolaridade. Existem ainda casos, residuais, em que os alunos não sabem o grau de educação dos pais bem como a sua profissão. Na sua maioria, o Encarregado de Educação é a mãe. Apenas em dois casos o pai é o Encarregado de Educação e num caso é o avô materno.

Na sua maioria, os alunos têm irmãos e vivem com os pais e os respetivos irmãos. Contudo, existem alunos ou que vivem só com a mãe e irmãos ou só com o pai e irmãos. Existe ainda um caso em que o discente vive com o pai, madrasta, irmãos e avó.

Quanto ao acompanhamento da vida escolar dos alunos, a maioria dos pais conversa muitas vezes com os educandos sobre o seu dia a dia, sobre os amigos, sobre os gostos e interesses, sobre os resultados escolares, controlam muitas vezes o estudo e costumam participar muitas vezes nas reuniões na escola. Segundo os alunos, os pais conversam poucas vezes sobre os problemas da sociedade. Os alunos, na sua maioria, referem que os pais nunca controlam os cadernos e a caderneta.

Questionados sobre o porquê de andar na escola, a maioria respondeu que está na escola para aprender e porque alguém os inscreveu. Existem ainda outras respostas, tais como “porque é obrigatório”, “para fortalecer a cultura geral”, “para aumentar os conhecimentos”, “porque necessito de educação competente”. Sobre o que mais gostam na escola a resposta mais escolhida foi “estar com os amigos”, seguida de “o ambiente”, “o intervalo”, “aprender”, “conviver”, “turma”, “campo de jogos”, “tudo”.

Relativamente à disciplina mais preferida os alunos, na sua maioria elegeu a Matemática, seguida de Educação Física, Inglês, História e Geografia. Quanto à disciplina menos preferida, nomearam Físico-Química seguida de Português, História,

Inglês, Matemática, Ciências Naturais, Francês e Geografia. Nenhum aluno escolheu a disciplina de EMRC.

Na relação com o estudo, a maioria dos alunos afirma que estuda em casa e no seu quarto. Existe outra resposta além das mencionadas que é o centro de estudo. A maioria afirma não ter apoio ao estudo. Os que têm, afirmam que o apoio advém de um explicador, dos pais ou avó, num dos casos. Todos têm computador e acesso à internet em casa.

Questionados sobre o seu futuro, todos pretendem frequentar o ensino superior. Todavia, a maioria ainda não sabe o curso que pretende frequentar. Alguns dizem querer estudar engenharia industrial, civil e informática, humanidades, medicina, fisioterapia, direito, gestão e medicina veterinária. Quanto à profissão de futuro a maioria igualmente refere que ainda não sabe. Porém, alguns referem querer ser informático, advogado, biólogo, veterinário, engenheiro industrial, engenheiro civil, engenheiro aeroespacial, hospedeira, fisioterapeuta, juiz e médica.

A maioria, à exceção de dois alunos, pratica alguma atividade desportiva. Como atividade desportiva nomearam a dança, ginástica artística, ginástica acrobática, ginástica olímpica, atletismo, ballet, triatlo, futebol, surf, ténis, voleibol, polo aquático, boxe e equitação.

Como passatempos preferidos, o mais referido é o estar ou sair com os amigos, seguido de jogar futebol, ouvir música, jogar computador, ver filmes ou séries, dançar, correr, viajar, nadar, puzzles, jogar voleibol, cantar, desenhar, jogar ténis e surfar.

Interrogados sobre as qualidades que mais apreciam nos outros, os alunos elegeram a “simpatia” como a qualidade mais apreciada. Além desta, escolheram outras como a honestidade, o ser engraçado, a sinceridade, o ser alegre, a confiança, a lealdade, paciência, o ser verdadeiro, ser amigo, generosidade, respeito, humildade, sentido de humor, felicidade, persistência, calma, expressividade, responsabilidade, o ser organizado e divertido.

Relativamente às qualidades que mais aprecia num professor, “simpatia” é a qualidade mais apreciada pelos alunos. Outras qualidades apreciadas são: a descontração, a competência, o bom ambiente de aula, o ser divertido, ser paciente, inteligente, engraçado, respeitador, sincero, sábio, honesto, prestável, amigo, trabalhador, exigente e que tenha uma boa relação com os alunos.

Na relação entre os alunos e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, os alunos foram questionados sobre as suas expectativas relativamente à disciplina. Seis alunos referem que não têm nenhuma expectativa relativamente à disciplina, quatro alunos

referem que têm a expectativa que a disciplina os ajude a serem melhores pessoas, ainda quatro referem que pretendem aprender mais sobre as religiões. Existem outras respostas tais como “*aumentar a cultura geral*”, “*discutir assuntos da atualidade e saber respeitar as diferenças dos outros*”, “*aprender sobre diversos temas*”, “*discutir acontecimentos da atualidade que afetam a atualidade*”, “*melhorar a cultura religiosa*”, “*tirar boa nota*”, “*aprender um pouco mais sobre Jesus*”, “*respeitar os outros e a dignidade humana*”, “*desenvolver capacidades de comunicação*”, “*aprender sobre tudo e que possa evoluir*”. Porém, existem três alunos que não responderam a esta questão.

1.1.2.3 Dados recolhidos no Conselho de Turma

Segundo Conselho de Turma, todos os alunos transitaram do 8º ano e pertencem à mesma turma o 7º ano de escolaridade. A mudança do ano letivo traz outras mudanças internas na escola: os alunos mudam de sala e, conseqüentemente, a mudam de andar no edifício onde decorrem as aulas.

Relativamente ao aproveitamento académico, a turma, no final ano transato, obteve a avaliação qualitativa de “Bom”³. Quanto ao comportamento, a turma foi avaliada, também, com “Bom”. No entanto, foram referenciados alguns alunos que apresentam desconcentração durante as aulas e que mantêm conversas paralelas com outros colegas.

Neste contexto, foi referido que existe uma aluna com o *Síndrome de Wolff-Parkinson-White*⁴. Além disso existe um aluno que está ao abrigo do DL 55/2018, de 6 de julho, cujo diagnóstico indica um défice de atenção. O aluno apresenta uma retenção no 7º ano de escolaridade. O aluno beneficia de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão: tempo suplementar na realização das tarefas e instrumentos de avaliação.

Convém referir que o Conselho de Turma é constituído por doze professores e que a aula de EMRC realiza-se às segundas feiras das 12h05 às 13h05.

³ A escala de classificação do aproveitamento tem os seguintes parâmetros: Pouco Satisfatório, Satisfatório e Bom.

⁴ A síndrome de Wolff-Parkinson-White é uma doença congénita em que há uma conexão elétrica adicional entre os átrios e os ventrículos. Os portadores dessa doença podem ter episódios de batimentos cardíacos extremamente acelerados. Cf. www.msmanuals.com.

1.1.3 Leitura crítica e ilações curriculares e pedagógico-didáticas

1.1.3.1 Leitura Crítica

O facto de a turma A do 9º ano estar junta desde o 7º ano de escolaridade permite, a cada aluno e aos professores, desenvolver um trabalho contínuo. A estabilidade da turma fomenta, de certa forma, o sucesso do processo ensino-aprendizagem. A juntar a esta realidade, o corpo docente da escola é estável e a composição do conselho de turma entre o 7º e o 9º ano de escolaridade sofre muito poucas alterações, o que permite um trabalho contínuo que favorece o processo ensino-aprendizagem dos discentes.

A turma apresenta um equilíbrio no que concerne ao número de rapazes e raparigas: 13 rapazes e 14 raparigas. Todos se conhecem e mantém uma relação saudável. O aluno abrangido pelo DL 55/2018, de 6 de julho, tem dificuldade em estar mais atento, daí estar mais próximo do professor para fomentar o seu sucesso. Tendo em conta isto, procuramos estar atentos ao desenvolvimento das aprendizagens do aluno, de forma a garantir o seu sucesso. Sempre que necessário, ajustamos o processo ensino-aprendizagem, aplicando as medidas necessárias para o sucesso do aluno, de acordo com o DL 55/2018, de 6 de julho.

Relativamente ao seu comportamento, e de acordo com a diagnose apresentada no conselho de turma procuramos manter o nível bastante positivo do comportamento dos alunos, tendo uma atitude mais próxima com os alunos que apresentam algumas dificuldades de concentração nas aulas.

1.1.3.2 Ilações curriculares e pedagógico-didáticas

Importa realçar que todos os alunos pretendem frequentar o ensino superior. Igualmente importante, foi o facto de perceber que futuros académicos e profissionais pretendem seguir. Relacionando isso com o nosso currículo, a Unidade Letiva 3, sobre o *Projeto de Vida*, é bastante importante para os alunos. Durante a lecionação, exploramos os seus projetos proporcionando-lhes momento de reflexão e análise crítica sobre os seus desejos e a realidade concreta de cada área de estudo que pretendem, confrontando-os com a personalidade de cada um.

Alertamos para a importância da última questão onde são explanadas as expectativas que os alunos têm relativamente à disciplina. Olhando as respostas dos alunos, a Unidade Letiva 1: *A Dignidade da Vida Humana*, vai de encontro ao que manifestaram: *ser melhor pessoa, respeitar os outros e a dignidade humana, respeitar as diferenças dos outros, discutir problemas que afetam a nossa sociedade*, etc. Podemos aqui inserir a Unidade Letiva 2: *Deus, o Grande Mistério*, quando os alunos, ainda que apenas quatro alunos o manifestem, dizem que querem desenvolver conhecimentos sobre as *religiões, alcançar conhecimentos e cultura e melhorar a cultura religiosa*.

Olhando para as leituras realizadas, buscamos ajudar os alunos a atingirem estas expectativas usando de forma adequada e inovadora processos pedagógicos e didáticos que facilitem a missão de ensinar e fazer aprender. Uma vez que todos os alunos têm computador e internet em casa, tentamos ao máximo explorar estes recursos.

Para os alunos, o professor é peça fundamental para o sucesso da disciplina. Tivemos em conta, as qualidades que os alunos elencaram como esperado no professor. Facilitou o nosso trabalho, enquanto docente, e o deles, enquanto discentes.

Sabendo que cada aluno é único, tornando a turma num contexto diversificado, tivemos de ter em conta sempre as decisões tomadas pelo Conselho de Turma, o PEMRC, as AE e o PEAE. No entanto, todos estes contextos e documentos de referência são importantes no ato de planificar e de optar por recursos didáticos e métodos pedagógicos. Assim, tomamos as seguintes decisões que foram utilizadas durante a realização da PES:

- Diversificamos as metodologias que ajudassem os alunos de atingirem os objetivos, metas curriculares do programa e as competências elencadas nas AE;
- Privilegiamos o método existencial-hermenêutico;
- Promovemos o debate como forma de partilha de experiências e ideias, bem como para o desenvolvimento do espírito crítico;
- Fizemos o acompanhamento mais individualizado dos alunos durante a realização de tarefas sobretudo dos alunos que apresentassem mais dificuldades e do aluno que apresenta necessidades educativas especiais;
- Adequamos o currículo aos níveis linguísticos dos alunos e da sua faixa etária;
- Promovemos a realização de trabalhos de grupo como estratégia diferenciadora e promotora da cooperação entre pares;
- Possibilitamos a apresentação oral de trabalhos individuais e de grupo como promotor do crescimento ao nível da comunicação;

- Recorremos a músicas e pequenos vídeos para ajudar os alunos a aprofundar os conteúdos lecionados, valorizando, assim, as novas tecnologias por eles possuídas;
- Valorizamos o diálogo vertical e horizontal, bem como a participação ativa, como oportunidade de correção, verificação e consolidação das aprendizagens;
- Promovemos a utilização das TIC, utilizando programas que auxiliassem no processo ensino-aprendizagem;
- Diversificamos os instrumentos de avaliação, através do modelo tradicional e recorrendo a plataformas tecnológicas que permitissem a recolhas de dados sobre as aprendizagens realizadas pelos alunos;
- Criamos uma grelha de observação de aula onde registamos a atitude dos alunos durante as aulas.

A leitura realizada da instituição e da turma onde se desenrola a PES demonstra bem a realidade educativa da comunidade escolar do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes.

O terreno fértil para a disciplina de EMRC favoreceu um trabalho sempre renovado e inovador que permitiu aos alunos aprenderem. Além disso, foi visível uma relação de interdisciplinaridade, onde EMRC não é exceção. Existiu, sempre que possível, uma relação transversal entre os currículos das diferentes disciplinas. Daí a perspetiva futura da aprendizagem a partir da metodologia de projetos, conforme explanado pelo Diretor Pedagógico no início do ano letivo.

Os dados apresentados foram importantes para o trabalho que se desenvolveu com os alunos da turma. As decisões pedagógica-didáticas tomadas tiveram como pano de fundo esta leitura. No entanto, não podemos descurar todo o resto contexto curricular, a gestão de turma por parte do diretor de turma e das indicações emanadas do conselho de turma.

Devemos ter em conta que as ilações retiradas foram dinâmicas, uma vez que foi essencial fazer uma leitura e recolha de dados frequentes, através de grelha de observação de aula, através de instrumentos de avaliação diversificados, para aferir o sucesso do processo ensino-aprendizagem e assim fazer os ajustamentos necessários para que os alunos conseguissem atingir as aprendizagens essenciais para o seu ano e ciclo de estudos, como se poderá verificar na IIª parte do nosso relatório.

Podemos afirmar que a missão da disciplina neste contexto escolar foi ao encontro do que nos apresenta a Lei de Bases do Sistema Educativo⁵: fomenta “*formação moral e cívica dos jovens*”, assente em “*valores morais, espirituais e cívicos da liberdade, autonomia, responsabilidade, abertura ao outro, solidariedade, intervenção e espírito crítico*, que permitam a “*formação do carácter*”.

1.2 Gestão Curricular

1.2.1 Referencial teórico

Para pensarmos num desenvolvimento curricular, temos de pensar numa organização de um percurso de ensino e aprendizagem, orientado por finalidades curriculares claras, que seja planeado como o mais adequado à população de alunos em causa, de modo a que se apropriem dos saberes e se tornem competentes nas diversas áreas curriculares (Roldão M. d., 2013).

No entanto, se procurarmos defini-lo diacronicamente, no quadro histórico-cultural da relação da escola com a sociedade, então podemos dizer que currículo escolar é – em qualquer circunstância – o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar (Roldão & Almeida, 2018b).

Gerir o currículo terá que ser sempre gerir, isto é decidir o que ensinar e porquê, como, quando, com que prioridades, com que meios, com que organização, com que resultados (Roldão M. d., 1999). No entanto, as grandes decisões nesta matéria advêm da administração central que apenas coloca na mão dos professores a distribuição dos conteúdos por trimestre e à atribuição das classificações e, no plano individual, à planificação das suas aulas quotidianas (Roldão M. d., 1999). O professor de EMRC tem um papel difícil, pois a extensão do programa prevê que este acrescente ou retire conteúdo, na gestão do currículo.

Toda a ação educativa é um processo de gestão e de permanente tomada de decisões orientado para as finalidades que se pretendem atingir, o qual implica analisar a situação

⁵ Decreto-Lei nº. 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, artigo 2º e 8º.

que se apresenta e confrontá-la com aquilo que se pretende conseguir (Roldão M. d., 1999).

Deve ser dado à escola uma maior responsabilidade na gestão do seu currículo, para poder assim trabalhar profissionalmente para uma determinada comunidade, com o seu conjunto concreto de alunos, tendo em conta o meio social onde se encontra e as suas devidas particularidades.

O currículo define a natureza da instituição escolar, isto é, a escola existe porque enquanto se reconhece de, através dela, veicular, desenvolver e fazer adquirir, um currículo ou corpo de aprendizagens – seja o que for que se considere dever constituí-lo (Roldão & Almeida, 2018b). No entanto, não deve ser prescritível e imutável. Antes deve estar em constante mutação e balanço para se ajustar às realidades sociais, culturais, atendendo às contantes pressões.

A escola deve sobretudo garantir que os alunos adquiram as aprendizagens essenciais que com eficácia aceitável que lhes permita assegurar a sua sobrevivência social e pessoal e um nível de pertença e desempenho sociocultural que permita à sociedade manter-se equilibrada e superar os riscos de rutura (Roldão & Almeida, 2018b).

Ora, a dependência e o aprisionamento do órgão central nesta matéria colocam os professores como meros transmissores de saberes já pré-estabelecidos, sem atender às mutações constantes no contexto escolar e pessoal de cada aluno.

Urge uma enorme inovação nesta matéria que vise dar aos professores uma maior autonomia curricular, para que seja possível uma melhor programação dos mesmos potenciando assim as capacidades dos profissionais do ensino bem como dos seus discentes.

É essencial ter como referência um binómio e não um corpo uniforme: o primeiro elemento prende-se com a dimensão do que é socialmente necessário a todos – as aprendizagens essenciais comuns, o *core curriculum*, o que é socialmente reconhecido como competência(s) indispensável(is), sustentadas por sólido conhecimento, que o aluno deverá adquirir na escola; o segundo termo do binómio refere-se à concretização que cada escola faz desse *core curriculum*, concebendo-o como um projeto curricular seu, ou o currículo de escola, operacionalizador do seu projeto educativo, pensado para o seu contexto e para a aprendizagem dos seus alunos concretos, e incorporando adequadamente as dimensões locais e regionais (Roldão & Almeida, 2018b).

Este binómio pressupõe o abandono de um currículo único e uniforme para ser “cumprido”, que advém da tradição centralista, e o abandono da diversidade de currículos

de qualidade desigual, adequado às escolas e aos seus contextos, que provém da tradição descentralista. O core curriculum deve ser comum para todas as escolas, mas deve, aí reside a diferença, ser interpretado por cada uma, sendo ajustada à escola e ao contexto sociocultural. (Roldão & Almeida, 2018a)

Este binómio deve estar na base da gestão curricular, não devendo ser desvirtuado por pressupostas individuais ou proselitistas. O trabalho da gestão curricular deve ter em conta as decisões de natureza pessoal – a preferência que por uma estratégia, a forma de dispor dos alunos, as iniciativas pessoais, etc. – e as decisões de natureza interpessoal – trabalhar um estratégia em articulação com os outros do grupo – por exemplo, aplicar técnicas de desenvolvimento da capacidade de observação ou registo, priorizar a realização de tarefas de apresentação estruturada de ideias pelos alunos (Roldão M. d., 1999).

Os professores devem possuir uma maior autonomia na tomada de decisões, respeitando sempre o binómio consagrado anteriormente. Para isso, é essencial uma atitude de autoavaliação e heteroavaliação constante que permita analisar, decidir, desenvolver, avaliar e redefinir. O marasmo na gestão curricular afunila a perspetiva ambiciosa que se pode ter sobre a matéria no futuro.

O professor é o responsável pela função de ensinar e a escola a instituição a quem compete essa função e que responde socialmente por ela (Roldão & Almeida, 2018b). Estes são os responsáveis diretos pelas tomadas de decisão. No entanto, tem de existir abertura para outros agentes da comunidade que possam contribuir para o enriquecer os conhecimentos.

As AE são documentos importantíssimos de orientação curricular base na planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem, conducentes ao desenvolvimento das competências inscritas no PASEO.

Estes documentos têm com objetivos a consolidação das aprendizagens de forma efetiva, o desenvolvimento de competências que requerem mais tempo (realização de trabalhos que envolvem pesquisa, análise, debate e reflexão) e a permissão efetiva de diferenciação pedagógica na sala de aula.

Segundo o documento, as AE, representam o dominador curricular comum para todos os alunos. No entanto, abre espaço para outras atividades inseridas nos outros currículos de escola. Isto permite um outro tipo de trabalho que complemente as componentes cognitivas que estão inerentes no currículo de cada disciplina e que ajude a chegar ao perfil do aluno à saída da escolaridade.

Devemos, na perspectiva da gestão curricular, considerar na sua planificação e estruturação a perspectiva da CEP a quem é conferida a competência para a elaboração dos conteúdos do ensino da religião e moral católicas, em conformidade com as orientações gerais do sistema de ensino português. Segundo a *Lei de Bases do Sistema Educativo*⁶ a EMRC é um contributo que «*responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.*» Esta leitura vincula a pertinência curricular da disciplina de EMRC na matriz curricular das escolas em Portugal.

Assim sendo, e segundo a entidade eclesiástica, a disciplina de EMRC está inserida na escola e por isso utiliza os seus métodos e tem especificidade própria.

É indispensável perceber que o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e a relacionar-se com outros saberes (CEP, 2006).

A EMRC tem como fim a formação global do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida (CEP, 2006) e fá-lo a partir do diálogo da cultura e dos outros saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa (CEP, 2006).

No ponto nove, o documento (CEP, 2006) diz-nos que EMRC é um serviço prestado à escola. Uma vez a missão da escola é de transmitir o património científico, cultural, estético e artístico, com vista à assimilação sistemática e crítica da cultura e à aquisição de competências para o prosseguimento dos estudos ou para a inserção no mundo do trabalho.

A CEP (2006) afirma que a EMRC interessa à escola, sobretudo à estatal. A EMRC compreende o aluno como sujeito a desenvolver integralmente, tendo em conta todas as suas dimensões, com a originalidade de abranger a questão da transcendência. Muitas vezes esta componente é esquecida pelas restantes áreas de estudo presentes na escola, daí a importância da EMRC (CEP, 2006).

O documento faz ainda referência às escolas católicas, que faz todo o sentido no nosso contexto. Além de vincular a missão da disciplina de EMRC na escola, como já foi

⁶ Decreto-Lei nº. 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, artigo 2º.º4.

referido anteriormente, nestes espaços a responsabilidade ainda é maior, pois requer que esta proporcione aos discentes uma sólida formação cristã, podendo a disciplina ter uma relação muito estreita com a pastoral escolar (CEP, 2006). Aqui tem de existir um enorme cuidado em gerir bem a tensão entre as duas perspetivas, ponderando muito bem o que ensinar e a forma como ajudar os alunos a aprender, sem cair na tentação de ser prescritivo, dogmático e passar ‘a nossa visão do mundo’. Acima de tudo ter o cuidado de ter uma gestão pedagógica ajustada e que seja inclusiva e integral, respeitando a liberdade religiosa de cada um.

A pedagogia, afirma o documento da CEP (2006), deve ser corporativa que se deve desenvolver em três fases:

- Reflexão e partilha sobre a experiência humana;
- Aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na tradição cristã e nos dados da ciência;
- Síntese e prática de vida.

Atendendo à leitura realizada, foi importante a fazer uma leitura integradora dos documentos essenciais à gestão do currículo e conseqüente planificação, esta última que veremos mais à frente neste relatório. Os documentos importantes para a gestão curricular realizada foram:

- Projeto Educativo Escolas Amor de Deus
- Caracterização da turma
- Programa de Educação Moral e Religiosa Católica
- Aprendizagens Essenciais
- Perfil do Aluno à saída da Escolaridade Obrigatória

A leitura destes documentos foram sempre acompanhadas de uma atitude crítica e reflexiva do programa, realizada nos encontros com o professor cooperante na Universidade, professor cooperante na escola e o colega do núcleo de estágio. Além disso, foram importantes os trabalhos realizados na PES na Universidade que mencionarei no ponto seguinte.

1.2.2 Calendarização e opções curriculares

A proposta de calendarização e as opções curriculares realizadas para o 9º ano de escolaridade, apresentados de seguida, tiveram como base o PEMRC devidamente

analisado, nas suas finalidades, nos seus objetivos e conteúdos e confrontado criticamente com as reflexões apresentadas anteriormente. A juntar estas leituras, foi importante a leitura crítica realizada nas aulas da PES na universidade do documento “*Qu’est-ce qu’un fait religieux*” de Régis Debray (2002) e do texto da Conferência Episcopal Portuguesa “*Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*” (2006), confrontado com a proposta do PEMRC para a UL 2 do 9º ano de escolaridade, *Deus, o Grande Mistério*, que é objeto deste relatório.

“O currículo de uma escola é o conteúdo e o processo formal e informal pelos quais os aprendentes ganham conhecimento e compreensão, desenvolvem aptidões e alteram atitudes, apreciações e valores debaixo dos auspícios daquela escola”
(Doll, 1997, p. 33)

Esta definição mostra-nos que o currículo não é apenas uma série de processos formais que a escola faz cumprir ao longo do ano letivo. Aliás, aqui é valorizado o aluno e tem em conta o processo de mudança dos destinatários, ou seja, todos somos diferentes e as aptidões por cada um desenvolvidas são valorizadas. A partir desta constante mudança o currículo tem necessidade de se reformular e de se adotar às realidades mutantes.

Obviamente, foi essencial conhecer bem a comunidade educativa e o seu projeto educativo, bem como os discentes que caminharam connosco.

O docente de EMRC tem de ter uma enorme capacidade científica, comportamental e avaliativa, ajustando as suas práticas, recursos, instrumentos à realidade do seu *quórum*, devendo ser esta o mais inclusiva possível, segundo as diretrizes do DL 55/2018 de 6 de julho. Este, o docente, não pode estar sujeito a constantes mutações que põem a sua profissionalidade em causa. Só assim poderão ser agentes ativos na construção de currículos que se adaptem às novas realidades e aos novos discentes, baseadas na modernização e inovação.

Partindo desta leitura, da reflexão e partilha com o professor orientador e colega de estágio, propusemos o seguinte quadro da calendarização curricular para a disciplina de EMRC do 9º ano de escolaridade:

CALENDARIZAÇÃO PARA A DISCIPLINA DE EMRC - 9º ANO
ANO LETIVO 2018-2019

AULAS PREVISTAS							CONTEÚDOS		
							UNIDADES	TEMAS	
1º PERÍODO	Set.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Aulas	Receção aos alunos	
		10	11	12	13	14	1	A Dignidade da Vida Humana	Apresentação de professores e aluno.
		17	18	19	20	21	2		Apresentação do material de aula, dos critérios e instrumentos de avaliação.
		24	25	26	27	28	3		Introdução à UL 1. A Vida humana, um valor primordial, mas não absoluto. O dom supremo da vida humana: a vida como dom e direito primordial dos seres humanos. Declarações de Direitos.
		1	2	3	4	5	4		O valor primordial da vida humana nas religiões: Hinduísmo, Budismo, no Islão, no Judaísmo e no Cristianismo.
		8	9	10	11	12	5		Dados científicos sobre a origem da vida humana: singularidade do ser humano e sua formação biológica.
	Outubro	15	16	17	18	19	6		Ataques à vida humana: o aborto.
		22	23	24	25	26	7		Ataques à vida humana: a eutanásia.
		29	30	31	1	2			<i>INTERRUPÇÃO LETIVA</i>
		Nov.	5	6	7	8	9		8
	12		13	14	15	16	9		A mensagem cristã do amor ao próximo: o <i>Bom Samaritano</i> .
	19		20	21	22	23	10		A posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.
	26		27	28	29	30	11		A posição da Igreja Católica na defesa da vida em todas as circunstâncias.
Dez	3	4	5	6	7	12	A dignidade da vida humana em atitudes. Grupos e organizações de defesa e promoção da vida.		
	10	11	12	13	14	13	Avaliação formativa.		
							Considerações sobre a avaliação formativa. Autoavaliação e heteroavaliação.		
2º PERÍODO	Janeiro	1	2	3	4		<i>Interrupção do Natal</i>		
		7	8	9	10	11	1	Introdução à UL 2. A questão da existência de Deus. Crença e Razão.	
		14	15	16	17	18	2	Crença, ateísmo, agnosticismo e relativismo.	
		21	22	23	24	25	3	A turma encontrava-se em visita de estudo	
		28	29	30	31	1	4	Os elementos constitutivos do fenómeno religioso.	
						As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. Atividade interativa de grupo.			

3º PERÍODO	Fev.	4	5	6	7	8	5		As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo (continuação). A arte como forma de representar Deus: o exemplo cristão. Avaliação formativa a partir da aplicação <i>Plickers</i> .
		11	12	13	14	15	6		A grandeza do Deus Judeo-cristão, a fé e as implicações práticas de vida no cotidiano dos crentes. Atividade prática de grupo.
		18	19	20	21	22	7		Análise dos textos bíblicos caracterizando o Deus Judeo-cristão e os valores subjacentes à crença neste Deus. Trabalho de avaliação formativa.
		25	26	27	28	1	8		Apresentação dos trabalhos de avaliação formativa. Consolidação de aprendizagens.
		4	5	6	7	8			<i>Interrupção do Carnaval</i>
		11	12	13	14	15	9		Conceitos de <i>Bem comum e Destino Universal de Bens. Instituições de cariz religioso empenhadas no bem comum.</i>
		18	19	20	21	22	10		Ficha de avaliação formativa
		25	26	27	28	29	11		Entrega e correção da ficha de avaliação formativa – Consolidação de aprendizagens.
	Março	1	2	3	4	5	12	Atividades escolares	
		Abril	22	23	24	25	26		<i>Interrupção da Páscoa</i>
			29	30	1	2	3	1	Introdução à UL 3. O que é um projeto? Projeto de vida e vocação.
		Maio	6	7	8	9	10	2	Apresentação e programação do trabalho de avaliação formativa. Vocação e vocações: definir um projeto de vida, tendo como finalidade a felicidade.
			13	14	15	16	17	3	Projetos marcados pela experiência do encontro com Deus na tradição cristã: Abraão e Paulo de Tarso.
			20	21	22	23	24	4	Propostas de outras religiões para uma vida feliz: judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo e confucionismo.
			27	28	29	30	31	5	Opções de vida e “opção fundamental”. Participação cívica na sociedade. Apresentação dos trabalhos.
	3		4	5	6	7	6	Apresentação dos trabalhos. Autoavaliação e heteroavaliação.	
	Jun	10	11	12	13	13		Feriado Nacional	
	O Projeto de Vida								

Ano letivo 2018-2019					
Aulas previstas					
	segundas	terças	quartas	quintas	sextas
1º período	13				
2º período	12⁷				
3º período	6				

A organização apresentada tem como base as aulas previstas por período, segundo o calendário escolar do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes.

A organização das unidades letivas respeitou a ordem cronológica do PERMC: No primeiro período foi lecionada a UL 1 - *Dignidade da Vida Humana*. No segundo período foi lecionada a UL 2 - *Deus, o Grande Mistério*. No terceiro período foi lecionada a UL 3 - *Projeto de Vida*.

A opção curricular delineada teve como critério a sequência proposta pelo PERMC, confirmadas pelas leituras realizadas da caracterização da turma e da reflexão realizada em contexto do núcleo de estágio com o professor cooperante e com os trabalhos realizados na PES na universidade.

⁷ Foram lecionadas 10 aulas durante o 2º período, correspondendo estas à unidade letiva 2: *Deus o Grande Mistério*. As outras duas aulas previstas (não dadas) não se realizaram devido ao facto de a turma realizar uma visita de estudo, no âmbito de outra disciplina, e de a última segunda feira do período estar destinada a atividades escolares. Ambas previstas no PAA do CNSL.

IIª Parte

Processo Ensino-Aprendizagem

2.1 Planificações e Sequência do processo ensino-aprendizagem

O ato de planificar requer a transferibilidade dos conhecimentos adquiridos nos diversos contextos curriculares frequentados no contexto do Mestrado em Ciências Religiosas – Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica. Este conceito permite uma melhor preparação do docente no ato de planificar.

Esta transferibilidade de conhecimentos por si só não é suficiente para garantir a qualidade duma planificação. Temos de prestar relevância à escola e aos destinatários dessas planificações. O que deve ensinar, a quem ensina, porquê e como o faz, sendo isso um íman muito importante para quem faz a gestão do currículo, que se concretiza nas planificações (Roldão M. d., 2000).

Partindo desta perspetiva, foram importantíssimas as leituras realizadas da escola e dos destinatários, a turma, que estão apresentadas na primeira parte deste relatório. O facto de conhecermos melhor o contexto escolar, o seu projeto educativo e a visão ideológica e carismática da instituição, bem como os seus alunos, permitiram planificar, “*conceptual e metodologicamente, para dar sentido e articulação às diversas componentes da aprendizagem dos alunos*” (Roldão M. d., 2000, p. 14)

Não podemos dispensar nesta matéria a importância do professor, pois a especificidade da profissão docente é, antes de mais, a “*construção de aprendizagens no outro*” (Roldão M. d., 2000, p. 14), ou seja, efetiva o currículo no aluno, através do percurso realizado no decorrer do ano letivo. Este deve dominar o seu *saber*, integra e mobiliza, operacionalizado a convergência para aplicar em cada situação e contexto específico (Roldão M. d., 2007). Este *saber científico* necessita de se acompanhado pelo *domínio técnico-didático*, por um profundo *questionamento intelectual e interpretação permanente* (Roldão M. d., 2007), para conseguir a devida atualização e ajustamento pedagógico-didático.

Na planificação, o currículo ganha sentido e forma e advém dum equilíbrio de interesses e de conflitos provenientes da conexão do docente com a disciplina e o sistema de ensino, e que vive dum conjunto de relações de interdependência entre quem ensina, a quem ensina, onde ensina e porque ensina, e que pressupõe um conhecimento, por parte

do professor, dos espaços próprios de autonomia entre as diversas fases de desenvolvimento curricular (Carvalho, 2015).

A função de planejar requer, igualmente, uma constante inquietação pessoal de quem o faz, aliada à necessidade de partilha, de aprofundamento, de questionamento e de reformulação.

As planificações apresentadas de seguida: planificação anual e planificação da unidade letiva 2: *Deus, o Grande Mistério*, foram realizadas partido exatamente dessa inquietação pessoal e do trabalho realizado com o professor cooperante da PES, Doutor António Filipe, do colega de estágio e do caminho percorrido na PES na Universidade com o Professor Francisco Guimarães. Nestas planificações, tidos como referenciais essenciais o PEMRC, as AE, o PASEO e o quadro teórico dos trabalhos realizados na PES na Universidade sobre o pensamento de Régis Debray (2002) e sobre o documento da CEP (2006). A leal a estas leituras foram importantíssimos a caracterização da instituição, da turma e da gestão curricular apresentadas na primeira parte deste trabalho.

Todas elas foram contruídas partindo dum olhar crítico do programa, com uma visão construtiva e de valorização do programa proposto pelo SNEC (2014).

Após a apresentação das planificações, faremos a sintetização das práticas letivas, correspondendo à descrição das planificações apresentadas, juntando uma reflexão crítica do decurso das aulas.

2.1.1. Planificação anual

Apresentamos a proposta de planificação anual tendo como base de construção os pressupostos enunciados anteriormente. De referir que nesta planificação encontram-se alguns contributos de valorização do programa proposto pelo SNEC (2014). Estes contributos concentram-se, na sua maioria, na linguagem utilizada, tornando-a mais inclusiva, ou seja, uma leitura dos objetivos e conteúdos como *objeto de cultura*, como propõe Régis Debray (2002). Para este, o religioso aparece como contributo para a instituição simbólica e cultural do homem e mulher (Debray, 2002).

Planificação 1º período

13 AULAS PREVISTAS

A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA

Aprendizagens Essenciais: *Identificar perspetiva cristã da origem da vida como dádiva de Deus e um direito primordial; Reconhecer a vida como um bem inviolável; Perceber criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários e em desvantagem social onde a dignidade da vida humana se encontra ameaçada; Reconhecer a dignidade da vida humana desde a sua conceção até à morte natural; Compreender o núcleo central do cristianismo que assume o humano como imagem e semelhança de Deus; Participar em ações promotoras da dignidade da vida humana e de proximidade.*

Esquema Hermenêutico: A Dignidade da Vida Humana: a problemática da igualdade, da discriminação e os riscos para a vida humana.

Metas	Objetivos	Conteúdos
<p>- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>- Reconhecer a proposta do agir ético em situações vitais do quotidiano</p>	<p>- Reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais.</p> <p>- Compreender o valor da vida.</p> <p>- Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social.</p>	<p>- A vida como dádiva de Deus e primordial direito humano;</p> <p>- Dignidade e inviolabilidade da vida humana: declarações de direitos e perspetiva da Igreja Católica;</p> <p>- A vida: condição de possibilidade de todos os outros valores.</p> <p>- A vida humana, um valor primordial, mas não absoluto.</p> <p>- Os grupos minoritários ou «não produtivos»;</p> <p>- A problemática da igualdade e da discriminação.</p> <p>- Os preconceitos sociais e religiosos face a:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Os estrangeiros e a xenofobia; ideologias racistas; genocídios; -Os membros de religiões minoritárias e o fanatismo religioso; -Os portadores de deficiência; -Os idosos; -Os doentes terminais; <p>- A falta de responsabilidade dos adultos face às crianças.</p>

<p>- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>- Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>- Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>- Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.</p> <p>- Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.</p> <p>- Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.</p> <p>- Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspectiva da Igreja Católica.</p>	<p>- Cada pessoa deve considerar o próximo como “outro eu”, respeitá-lo e rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social</p> <p>- Valorização a vida, tornando-se próximo dos mais frágeis.</p> <p>- A fraternidade humana, centro das escolhas morais.</p> <p>- A atenção e o cuidar da vida dos mais necessitados no contexto em que se vive.</p> <p>- O empenho pessoal na denúncia dos atentados à dignidade da vida humana.</p> <p>- A participação em grupos e organizações de defesa e promoção da vida.</p> <p>- O início da vida humana:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que diz a ciência; - O que mostra a reflexão cristã; -Diferentes perspetivas sobre: a fecundação; a viabilidade da vida humana; o nascimento. <p>- O aborto:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Noção de aborto e de Interrupção Voluntária da Gravidez; -Relação entre nível moral e nível jurídico de apreciação do aborto. <p>- A eutanásia:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Noções e perspetivas. -A dignidade da pessoa humana na doença e na velhice.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Planificação 2º período

10 AULAS PREVISTAS

DEUS, O GRANDE MISTÉRIO

Aprendizagens Essenciais: *Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; Reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.*

Esquema Hermenêutico: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

Metas	Objetivos	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. - Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história - Conhecer o percurso da Igreja Católica no tempo e o seu contributo na construção da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. - Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e Cristianismo. - Destacar a bondade e grandeza do Deus para os crentes das tradições religiosas Judaica e Cristã, a partir dos textos religiosos destes: Torah e Bíblia. - Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé. 	<ul style="list-style-type: none"> - O acreditar e o confiar humanos. - A problemática da existência de Deus: Crença e razão. - As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Acreditar em Deus: a perspetiva de uma vida futura. - Os elementos constitutivos do fenómeno religioso. - As representações das divindades nas culturas antigas: Egito, Grécia e Roma. - As representações de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. - Do Deus Nacional ao Deus Universal. - A imensidão e bondade do Deus Judeo-Cristão. - A fé como confiança e entrega. - A coerência entre fé e obras. - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária. - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos, pela vivência da sua fé. - Noção de Bem Comum - Noção de Destino Universal de Bens.

		- Instituições de inspiração cristã empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------

Planificação 3º período

6 AULAS PREVISTAS

O PROJETO DE VIDA

Aprendizagens Essenciais: *Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal; Relacionar Vocação e Profissão na construção do projeto de vida; Mobilizar valores para a concretização de um projeto de vida humana para a sua realização pessoal e no serviço aos outros; Reconhecer nos valores evangélicos fundamentos para um verdadeiro projeto de vida; Valorizar a esperança, a alegria e a confiança na realização própria e nos outros.*

Esquema Hermenêutico: O projeto de vida: a necessidade dum projeto de vida como caminho em busca da felicidade e realização pessoal assente na vocação e profissão, tendo como horizonte a proposta evangélica de felicidade pessoal e da felicidade do outro.

Metas	Objetivos	Conteúdos
<p>- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>- Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>- Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.</p>	<p>- Definição de projeto: –Objetivos e metas pessoais; –Estratégias facilitadoras; –Agir em conformidade; - Projetos pessoais, de grupos e de instituições; - Projeto e/ou projetos? - Vocação e profissão.</p> <p>- Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade: –A felicidade própria e alheia; –A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. - As várias opções de vida e a “Opção fundamental”. - O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais. - Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter;</p>

<p>- Identificar os valores evangélicos.</p> <p>- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>- Identificar o núcleo central nas várias tradições religiosas.</p>	<p>- Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus nas tradições religiosas Judaica e Cristã.</p> <p>- Reconhecer a experiência religiosa como projeto de felicidade.</p>	<p>- Uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o valor do estudo, do trabalho e do esforço; - a importância da partilha de dons e de bens. <p>- O projeto de Abraão.</p> <p>- O projeto de S.Paulo.</p> <p>- A felicidade nas várias tradições religiosas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o amor a Deus e ao próximo (Judaísmo/Cristianismo); - o amor aos inimigos (Cristianismo); - a prática da justiça, da verdade e das boas obras (Islão); - a superação da dor e infelicidade humanas (Budismo); - a realização do Dharma (Hinduísmo); - a preservação da ordem cósmica e do fator humano (Confucionismo).
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2.1.2. *Planificação da Unidade Letiva 2: Deus, o Grande Mistério*


As planificações da unidade letiva apresentadas de seguida, foram resultado dum caminho percorrido no contexto da PES na Universidade, mas sobretudo na escola cooperante. Foram importantes os momentos de partilha e espírito colaborativo existente entre o professor cooperante e o colega de estágio. Os pressupostos apresentados no ponto anterior foram igualmente relevantes para o ato de planificação da UL.

Esta planificações são uma das propostas de aplicação do PEMRC proposto pelo SNEC e careceu de constante reflexão crítica, questionamento, avaliação e adaptação. A

planificação requer, na sua dinâmica, uma leitura de todos os dados obtidos durante as práticas letivas, sendo estas, pressupostos importantíssimos para o processo ensino-aprendizagem e para a missão de ensinar e fazer aprender.

Ao longo de todo o ano, tomaram-se decisões e fizeram-se os ajustamentos necessários ao sucesso do processo educativo na escolha das estratégias, recursos e métodos utilizados.

Assim, apresentamos uma proposta de planificação da unidade letiva 2: *Deus, o Grande Mistério*:

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES</p> <p><i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>	<p>9º ANO (A) – Unidade Letiva 2</p> <p><i>Deus, o grande Mistério</i></p> <p>1ª aula</p>		<p>TEMPO PREVISTO</p> <p>0 60 minutos</p>
<p>Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.</p>			
<p>ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.</p>			
<p>TEMAS ORGANIZADORES</p>	<p>OBJETIVOS</p>	<p>CONTEÚDOS</p>	
<p><i>Deus, o Grande Mistério</i></p>	<p>- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.</p>	<p>- O acreditar e o confiar humanos.</p> <p>- A problemática da existência de Deus: crença e razão</p>	
<p>METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS</p>		<p>OBSERVAÇÕES</p>	<p>AVALIAÇÃO FORMATIVA</p>
<p>-Diálogo - Registos -Sínteses -Exposições -Vídeo -Música -Trabalho de grupo</p>			<p>-Observação do registo de elementos essenciais. -Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada. - Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.</p>

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>Introdução à unidade letiva 2: Deus, o grande mistério.</i> <i>A problemática da existência de Deus: escuta e interpretação da música “Que Deus?” de Boss AC.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> -Computador -Projector -INOVAR -PPT -Caderno -Material de escrita 	5'
1 Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - O acreditar e o confiar humanos. <p>-A problemática da existência de Deus: crença e razão</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Para introduzir o tema, o professor projeta a seguinte questão: Deus existe? - Diálogo vertical e horizontal sobre a questão colocada, deixando os alunos expressarem as suas posições relativamente ao tema. 	<ul style="list-style-type: none"> -PC -Projector -Prezi 	12'
			<ul style="list-style-type: none"> - O professor distribui pelos alunos a letra da música “Que Deus?” do Boss AC. - Escuta da música “Que Deus do Boss AC (2x). - Atividade em grupo (diálogo horizontal): nove grupos de 3 alunos. <p>O professor apresenta, a partir do Prezi, três palavras/expressões: Existe.../não existe.../talvez existe....</p> <p>Os alunos deverão, em grupo, procurar na letra da música um trecho de posicionamento para cada palavra/expressão, apresentando dois argumentos que poderão estar na base do mesmo. Deverão elaborar um texto síntese para apresentar à turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Prezi -Papel -Material de escrita 	9'
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do texto síntese relativo à atividade em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> -Prezi -Material de escrita 	16'
					6'



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE
LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

2ª aula

**TEMPO
PREVISTO**
60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	- Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- A crença em Deus: fé/teísmo - As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
-Diálogo - Registos -Vídeo -Sínteses -Exposições		-Observação do registo de elementos essenciais. - Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada. - Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <i>Conclusão do sumário da aula anterior.</i> <i>A crença em Deus: fê/ateísmo.</i> <i>As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - PPT - Caderno -Material de escrita 	5'
	-Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> - A crença em Deus: fê/teísmo. - As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do texto síntese relativo à atividade em grupo realizado na aula anterior. - Síntese sobre o trabalho realizado na aula anterior. - O professor, através do <i>Prezi</i>, apresenta a perspetiva da crença num Deus: fê/teísmo, deixando espaço para o diálogo vertical e horizontal. - O professor, através do <i>Prezi</i>, apresenta as várias perspetivas da recusa da crença num Deus, deixando espaço para o diálogo vertical e horizontal. - Apresenta cada uma das perspetivas: ateísmo, agnosticismo e relativismo recorrendo ao seu conceito, citações de personalidades conhecidas apresentadas no manual. - Além disso, apresenta um vídeo de um testemunho para cada perspetiva. - O professor pede aos alunos para transcreverem para o caderno diário o significado de cada uma das perspetivas. 	<ul style="list-style-type: none"> - PC - Projetor -Prezi -Prezi - Papel -Material de escrita - Prezi -Material de escrita -Manual 	12' 6' 12' 20'
			<ul style="list-style-type: none"> - Síntese final de aula: diálogo vertical. -Saudação final e ordem de saída da sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel -Material de escrita 	5'



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA
DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

3ª aula

TEMPO
PREVISTO
60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<ul style="list-style-type: none">- Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.	<ul style="list-style-type: none">- Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.- As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AValiação FORMATIVA
<ul style="list-style-type: none">-Diálogo-Registos-Sínteses-Exposições-Trabalho de grupo		<ul style="list-style-type: none">-Observação do registo de elementos essenciais.-Observação das atitudes.- Intervenção educativa imediata e/ou mediada.- Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>Conclusão do sumário da aula anterior.</i></p> <p><i>Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.</i></p> <p><i>As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. Atividade de grupo e apresentação.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - PPT - Caderno -Material de escrita 	5'
	<ul style="list-style-type: none"> -Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. - Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no judaísmo e no Cristianismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão da apresentação das várias formas da recusa de Deus. - Síntese sobre o trabalho realizado na aula anterior. - O professor, através do <i>Prezi</i>, coloca um vídeo onde são apresentados os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Diálogo vertical e horizontal sobre o mesmo e escrita no caderno uma síntese desses elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Atividade de grupo “Descobre e partilha!” (diálogo horizontal): o professor para desenvolver o conteúdo preparou uma atividade de grupo. Nove grupos de 3 elementos. - O professor disponibiliza a cada grupo um QR Code (que direciona para vídeos, que os alunos deverão aceder a partir do seu Smart Phone) ou um texto que apresenta as representações das divindades nas culturas antigas e do Deus Judeo-Cristão. - Os alunos deverão em grupo resumir os conteúdos disponibilizados e apresentá-los à turma. - Apresentação da atividade de grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - PC - Projetor -Prezi https://www.youtube.com/watch?v=M9xGMPavuyE - Prezi -Material de escrita -Smart Phone -QR Code 	<p>8'</p> <p>2'</p> <p>8'</p> <p>15'</p> <p>18'</p>

			<ul style="list-style-type: none"> - Síntese final de aula: diálogo vertical. -Saudação final e ordem de saída da sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel -Material de escrita -Quadro - Giz 	4'
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----



COLÉGIO DE NOSSA
SENHORA DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

4ª aula

TEMPO
PREVISTO

60

minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<p>- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p>	<p>- As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>- A Arte como forma de representar Deus: o exemplo cristão.</p> <p>Aplicação das aprendizagens realizadas.</p>

METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AValiação FORMATIVA
<p>-Diálogo</p> <p>- Registos</p> <p>-Sínteses</p> <p>-Exposições</p> <p>-Trabalho de grupo</p>		<p>-Observação das atitudes.</p> <p>-Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.</p> <p>-Avaliação formativa baseada nas respostas dos alunos.</p>

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<p>- Acolhimento: saudação inicial.</p> <p>- Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos.</p> <p>- Registo do sumário da aula:</p> <p><i>Conclusão da apresentação da atividade de grupo.</i></p> <p><i>As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo: síntese de cada uma das formas de representação.</i></p> <p><i>A Arte como forma de representação de Deus.</i></p> <p><i>Avaliação formativa a partir da aplicação “Plickers”.</i></p>	<p>-Computador</p> <p>-Projeter</p> <p>-INOVAR</p> <p>-Caderno</p> <p>-Material de escrita</p>	5'
	<p>- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p> <p>- Consolidar as aprendizagens realizadas.</p>	<p>- As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>- A Arte como forma de representar Deus: o exemplo cristão.</p> <p>Aplicação das aprendizagens realizadas.</p>	<p>- Conclusão da apresentação das atividades de grupo sobre as representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>- Síntese de cada uma das representações. O professor faz uma leitura mais aprofundada das características das representações de Deus apresentadas pelos alunos. De seguida faz referência à arte como forma de representar Deus, utilizando os exemplos apresentados no manual. Diálogo vertical/horizontal.</p> <p>- Realização de avaliação formativa a partir da aplicação “Plickers” (Plickers é uma aplicação online que permite criar momentos de avaliação de forma rápida onde o resultado é imediato. Cada aluno recebem um cartão-código associado ao seu nome. O professor lança as questões no projetor a partir do seu telemóvel. Os alunos para responderem levantam o cartão-código e o professor lê as respostas de forma imediata e rápida com o seu smartphone. No final, o professor diz a classificação obtida por cada aluno.).</p> <p>- Os alunos responderão a treze questões de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro ou falso).</p> <p>- O professor apresenta aos alunos, individualmente, os resultados obtidos na avaliação formativa.</p> <p>-De seguida faz a correção oral da avaliação realizada aproveitando para consolidar as aprendizagens realizadas pelos alunos.</p>	<p>- PC</p> <p>- Projetor</p> <p>-Prezi</p> <p>-Manual, pág. 74-75</p> <p>-PC</p> <p>-Projeter</p> <p>-Plickers</p> <p>-Cartões de resposta</p> <p>-Smarth Phone (professor)</p>	<p>10'</p> <p>15'</p> <p>20'</p> <p>8'</p>
			<p>- Síntese final da aula: diálogo vertical.</p> <p>-Saudação final e ordem de saída da sala.</p>		2'



COLÉGIO DE NOSSA
SENHORA DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

4ª aula

TEMPO
PREVISTO

60

minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<ul style="list-style-type: none">- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.	<ul style="list-style-type: none">- As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.- Do Deus Nacional ao Deus Universal.- A Arte como forma de representar Deus: o exemplo cristão.-Aplicação das aprendizagens realizadas.

METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
<ul style="list-style-type: none">-Diálogo- Registos-Sínteses-Exposições-Trabalho de grupo		<ul style="list-style-type: none">-Observação das atitudes.-Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.-Avaliação formativa baseada nas respostas dos alunos.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<p>- Acolhimento: saudação inicial.</p> <p>- Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos.</p> <p>- Registo do sumário da aula:</p> <p><i>Conclusão da apresentação da atividade de grupo.</i></p> <p><i>As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo: síntese de cada uma das formas de representação.</i></p> <p><i>A Arte como forma de representação de Deus.</i></p> <p><i>Avaliação formativa a partir da aplicação “Plickers”.</i></p>	<p>-Computador</p> <p>-Projector</p> <p>-INOVAR</p> <p>-Caderno</p> <p>-Material de escrita</p>	5'
	<p>- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p> <p>- Consolidar as aprendizagens realizadas.</p>	<p>- As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>- Do Deus Nacional ao Deus Universal.</p> <p>- A Arte como forma de representar Deus: o exemplo cristão.</p> <p>-Aplicação das aprendizagens realizadas.</p>	<p>- Conclusão da apresentação das atividades de grupo sobre as representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p> <p>- Síntese de cada uma das representações. A partir do <i>Prezi</i> o professor faz uma leitura mais aprofundada das características das representações de Deus apresentadas pelos alunos. De seguida faz a leitura de transição da evolução religiosa judaica para a cristã. Explica de que forma a arte representa Deus, utilizando os exemplos apresentados no manual. Diálogo vertical/horizontal.</p> <p>- Realização de avaliação formativa a partir da aplicação “Plickers” (Plickers é uma aplicação online que permite criar momentos de avaliação de forma rápida onde o resultado é imediato. Cada aluno recebem um cartão-código associado ao seu nome. O professor lança as questões no projetor a partir do seu telemóvel. Os alunos para responderem levantam o cartão-código e o professor lê as respostas de forma imediata e rápida com o seu smartphone. No final, o professor diz a classificação obtida por cada aluno.).</p> <p>- Os alunos responderão a treze questões de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro ou falso).</p> <p>- O professor apresenta aos alunos, individualmente, os resultados obtidos na avaliação formativa.</p> <p>-De seguida faz a correção oral da avaliação realizada aproveitando para consolidar as aprendizagens realizadas pelos alunos.</p>	<p>- PC</p> <p>- Projetor</p> <p>-Prezi</p> <p>-Manual, pág. 69-70; 74-75</p> <p>-PC</p> <p>-Projector</p> <p>-Plickers</p> <p>-Cartões de resposta</p> <p>-Smarth Phone (professor)</p>	<p>10'</p> <p>15'</p> <p>20'</p> <p>8'</p>
			<p>- Síntese final da aula: diálogo vertical.</p> <p>-Saudação final e ordem de saída da sala.</p>		2'



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE
LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

5ª aula

TEMPO
PREVISTO
60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<ul style="list-style-type: none">- Destacar a bondade e a grandeza de Deus para os crentes da tradição religiosa Judaica e Cristã, a partir de textos do livro religioso destes: Torah e Bíblia.- Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé.	<ul style="list-style-type: none">- A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão;- A fé como confiança e entrega;- A coerência entre a fé e as obras;- A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária.- Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
<ul style="list-style-type: none">-Diálogo- Registos-Sínteses-Exposições-Trabalho de grupo		<ul style="list-style-type: none">-Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos.- Observação da realização, qualidade e apresentação do trabalho de grupo.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<p>- Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <i>A coerência entre os princípios de fé e modelo de vida cristã: os textos sagrados e histórias de vida.</i> <i>Atividade de grupo: “Investiga, reflete e cria um Slogan”.</i> <i>Apresentação da atividade de grupo e criação de um mural na sala de aula.</i></p>	<p>-Computador -Projetor -INOVAR -Caderno -Material de escrita</p>	5'
	<p>- Destacar a bondade e a grandeza de Deus para os crentes da tradição religiosa Judaica e Cristã, a partir de textos do livro religioso destes: Torah e Bíblia.</p> <p>- Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé.</p>	<p>- A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão; - A fé como confiança e entrega; - A coerência entre a fé e as obras; - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária.</p> <p>-Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé.</p>	<p>- Introdução ao tema da aula: a coerência entre os princípios de fé e modelo de vida cristã: os textos sagrados e histórias de vida cristã. -Diálogo vertical e horizontal sobre o tema, trazendo ao diálogo os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores.</p> <p>- Atividade de grupo: “Investiga, reflete e cria um Slogan”.</p> <p>- Serão criados 9 grupos de trabalho: 9 grupos de três alunos. - Será distribuído aos alunos um texto do livro sagrado dos cristãos, Bíblia, que se encontram na tabela à direita e uma biografia de pessoas apresentadas pela igreja católica e pela sociedade como modelos de vida cristã. São eles: Aristides de Sousa Mendes, João XXIII, Vicente de Paulo, Charles Focauld e Madre Teresa de Calcutá.</p> <p>- Os alunos são convidados a refletir sobre os textos apresentados e as biografias apresentadas; deverão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • identificar os valores apresentados pelo texto; • resumir a biografia apresentada; • referir de que forma os valores do texto estão presentes na vida da pessoa; • Criar um <i>Slogan</i> que servirá de síntese ao trabalho. <p>- Será disponibilizado uma folha com a fotografia a pessoa em causa para colocar o <i>slogan</i>.</p>	<p>-PC -Projetor -Prezi</p> <p>-Papel -Material de escrita -Cartolinas -Marcadores -Textos Bíblicos: Sir 43, 27-33 SI 23 (22) Jr 7,4-11 Tg 2, 14-17</p>	<p>8'</p> <p>20'</p>

			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da atividade de grupo. - Após a apresentação, a folha com o <i>slogan</i> deverá ser colocada no mural preparado na sala para o efeito. 		18'
			<ul style="list-style-type: none"> - Síntese reflexiva sobre o tema e os trabalhos apresentados: diálogo vertical e vertical. -Saudação final e ordem de saída da sala. 		9'



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE
LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

6ª aula

TEMPO
PREVISTO

60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar a bondade e a grandeza de Deus para os crentes da tradição religiosa Judaica e Cristã, a partir de textos do livro religioso destes: Torah e Bíblia. - Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé. -Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento. 	<ul style="list-style-type: none"> - A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão; - A fé como confiança e entrega; - A coerência entre a fé e as obras; - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária. - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé. -Aplicação das aprendizagens realizadas.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
<ul style="list-style-type: none"> -Diálogo -Registos -Sínteses -Exposições -Trabalho de grupo 		<ul style="list-style-type: none"> - Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos. - Observação da realização do trabalho proposto. - Observação das atitudes em contexto de trabalho colaborativo de grupo.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>A coerência entre os princípios de fé e modelo de vida cristã: a análise dos textos sagrados e histórias de vida.</i></p> <p><i>Trabalho de avaliação formativa.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - Caderno -Material de escrita 	5'
	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar a bondade e a grandeza de Deus para os crentes da tradição religiosa Judaica e Cristã, a partir de textos do livro religioso destes: Torah e Bíblia. - Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência da fé. 	<ul style="list-style-type: none"> - A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão; - A fé como confiança e entrega; - A coerência entre a fé e as obras; - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária. - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência prática da sua fé. 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao tema da aula: o professor relembra o tema da aula anterior: a coerência entre os princípios de fé e modelo de vida cristã.: os textos sagrados e histórias de vida cristã. -Diálogo vertical e horizontal sobre o tema, trazendo ao diálogo os trabalhos apresentados na aula passada. - O professor faz a análise dos textos bíblicos caracterizando o Deus judeo-cristão e os valores subjacentes à crença neste Deus, dando ocasião para o diálogo vertical e horizontal. - Apresentação de histórias de vida em que é latente a vivência da fé cristã e a sua implicação na sociedade e na cultura em que estão inseridas. Histórias de vida que têm subjacentes o valor cristão do amor ao próximo. 	<ul style="list-style-type: none"> - PC - Projetor -Prezi -Manual -Textos Bíblicos: Sir 43, 27-33 Sl 23 (22) Jr 7,4-11 Tg 2, 14-17 - PC -Projetor -Prezi 	8' 14' 8'

	-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.	-Aplicação das aprendizagens realizadas.	- Trabalho de para avaliação formativa. Os alunos receberão um texto de Anselmo Grün, retirado do livro “ <i>O livro das respostas de Anselmo Grün</i> ”, que contém um pergunta e consequente resposta. Essas perguntas vão ao encontro objetivos e conteúdos trabalhados nas aulas ao longo da unidade letiva 2, “Deus, o grande Mistério”. Os alunos devem fazer uma análise crítica mobilizando todas as aprendizagens realizadas até ao momento. Nessa análise crítica devem colocar uma perspetiva pessoal relativamente à questão colocada, ou seja, devem responder a essa mesma pergunta tendo em conta a vossa experiência pessoal.	-Papel -Material de escrita	20’
			- Síntese final de aula: diálogo vertical. -Saudação final e ordem de saída da sala.		5’



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA
DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

7ª aula

TEMPO
PREVISTO

60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	<p>-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p> <p>-Consolidar dos conhecimentos adquiridos na Unidade Letiva: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p>	<p>-Aplicação das aprendizagens realizadas.</p> <p>-Apresentação dos trabalhos de avaliação formativa</p> <p>-Considerações sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.</p>
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p>-Diálogo -Registos -Sínteses -Exposições</p>		<p>- Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos.</p> <p>- Observação da realização e apresentação do trabalho proposto.</p> <p>- Observação das atitudes em contexto de trabalho colaborativo de grupo.</p>

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>Conclusão e apresentação dos trabalhos de avaliação formativa sobre a unidade letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - Caderno -Material de escrita 	5’
	<p>-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas na Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p> <p>-Consolidar dos conhecimentos adquiridos na Unidade Letiva: “Deus, o Grande Mistério” até ao momento.</p>	<p>-Aplicação das aprendizagens realizadas.</p> <p>-Apresentação dos trabalhos de avaliação formativa.</p> <p>-Considerações sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.</p>	<p>- Introdução à aula: o professor apresenta aos alunos o objetivo da aula: terminar o trabalho pedido na aula anterior, que cujo objetivo é aferir a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos ao longo da unidade letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”.</p> <p>- O trabalho consistia no seguinte: Os alunos receberam um texto de Anselmo Grün, retirado do livro “<i>O livro das respostas de Anselmo Grün</i>”, que contém um pergunta e conseqüente resposta. Essas perguntas vão ao encontro objetivos e conteúdos trabalhados nas aulas ao longo da unidade letiva 2, “Deus, o grande Mistério”. Os alunos deveriam fazer uma análise crítica do texto tendo em conta tudo aquilo que aprenderam na unidade letiva. Nessa análise crítica devem colocar uma perspetiva pessoal relativamente à questão colocada, ou seja, devem responder a essa mesma pergunta tendo em conta a experiência pessoal.</p> <p>- Conclusão dos trabalhos.</p> <p>- Apresentação dos trabalhos por parte dos alunos.</p> <p>-No final de cada trabalho o professor fará uma análise do mesmo, dando oportunidade ao diálogo vertical/horizontal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - PC - Projetor -Prezi -Papel -Material de escrita 	5’ 15’ 28’
			<ul style="list-style-type: none"> - Síntese final de aula: diálogo vertical/horizontal. -Saudação final e ordem de saída da sala. 		5’



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA
DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

8ª Aula

TEMPO
PREVISTO

60
minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.

ESQUEMA HERMENÉUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	- Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência da fé.	-Noção de Bem comum; -Noção de Destino Universal de Bens; -Instituições de inspiração cristã empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA
-Diálogo -Registos -Sínteses -Exposições		- Observação das atitudes e da qualidade das intervenções dos alunos. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <i>Noção de Bem comum e de Destino Universal de Bens</i> <i>Apresentação de instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - Caderno -Material de escrita 	5'
	<ul style="list-style-type: none"> - Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência da fé. 	<ul style="list-style-type: none"> -Noção de Bem comum; -Noção de Destino Universal de Bens; -Instituições de origem religiosas empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O professor inicia a aula realizando uma reflexão global sobre os trabalhos apresentados pelos alunos na aula anterior, aproveitando para consolidar algumas aprendizagens. O professor dá oportunidade para o diálogo vertical e horizontal. O professor antes de apresentar as instituições de origem religiosa que têm um papel ativo na sociedade, apresenta as noções de Bem Comum e de Destino Universal de Bens, subjacentes no Catecismo da Igreja Católica e no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Esta apresentação é fomentada pelo questionamento aos alunos: “Como devem ser distribuídos os recursos disponíveis no nosso planeta?”. Diálogo vertical e horizontal. - O professor, fazendo uma leitura sobre tudo o que foi trabalhado na unidade letiva e apresenta instituições de origem religiosa empenhadas o bem comum e na transformação da sociedade: <ul style="list-style-type: none"> - Cáritas; - Conferência de S. Vicente de Paulo ou Conferências Vicentinas; - Santa Casa da Misericórdia; - Ninho. 	<ul style="list-style-type: none"> - PC - Projetor -Manual -Prezi 	<p>8'</p> <p>20'</p> <p>20'</p>
			<ul style="list-style-type: none"> - Síntese final de aula: diálogo vertical. O professor recorda que na próxima aula será realizada a avaliação formativa global de toda a unidade letiva e apresenta a matriz da avaliação. -Saudação final e ordem de saída da sala. 		7'



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE
LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

9º ANO (A) – Unidade Letiva 2

Deus, o grande Mistério

9ª aula


TEMPO
PREVISTO
0
60
minutos

Aprendizagens Essenciais: *Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo solidário. Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.*

ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<i>Deus, o Grande Mistério</i>	-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas ao longo da Unidade Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”.	<ul style="list-style-type: none"> - As várias formas de crença num Deus: fé/teísmo. - As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Noção de Monoteísmo. - Noção de Politeísmo. -As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. - A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão; - A fé como confiança e entrega; - A coerência entre a fé e as obras; - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária. - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé: Aristides de Sousa Mendes. - Noção de Bem comum - Instituições de origem religiosas empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AValiação FORMATIVA
<ul style="list-style-type: none"> - Registos - Diálogo 	-Recursos Interativos	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa baseada nas respostas dos alunos. - Observação das atitudes e comportamentos dos alunos.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>Avaliação formativa global da Unidade Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - Caderno -Material de escrita 	5'
	-Mobilizar as aprendizagens desenvolvidas ao longo da Unidade Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”.	<ul style="list-style-type: none"> - As várias formas de crença num Deus: fé/teísmo. - As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Noção de Monoteísmo. - Noção de Politeísmo. -As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. - A imensidão e bondade do Deus Judeo-cristão; - A fé como confiança e entrega; - A coerência entre a fé e as obras; - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária. - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé: Aristides de Sousa Mendes. - Noção de Bem comum - Instituições de origem religiosas empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	<p>O que é o Plickers? Plickers é uma aplicação online que permite criar momentos de avaliação de forma rápida onde o resultado é imediato. Cada aluno recebe um cartão-código associado ao seu nome. O professor lança as questões no projetor a partir do seu telemóvel. Os alunos para responderem levantam o cartão-código e o professor lê as respostas de forma imediata e rápida com o seu smartphone. Os resultados são apresentados em grelha tipo Excel de forma imediata.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicação do modo como vai decorrer a avaliação e do recurso interativo pela qual será realizada a primeira parte da avaliação. - Os alunos responderão a vinte questões de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro ou falso) – GRUPO I - Após a conclusão da primeira parte da avaliação, o professor entrega um documento com a segunda parte da avaliação. - Os alunos responderão a duas questões de resposta aberta – GRUPO II 	<ul style="list-style-type: none"> -PC -Projetor -Cartões de resposta - Papel - Material de escrita 	5' 25' 20'
			<ul style="list-style-type: none"> - Antes de terminar a aula o professor distribui um poema a cada aluno relacionado com a temática e informa os alunos sobre o que irão realizar na última aula do período: entrega e correção oral da avaliação formativa; autoavaliação e heteroavaliação; observações finais. -Saudação final e ordem de saída da sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel 	5'

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES</p> <p><i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>	<p>9º ANO (A) – Unidade Letiva 2</p> <p><i>Deus, o grande Mistério</i></p> <p>10ª aula</p>		<p>TEMPO PREVISTO</p> <p>060 minutos</p>
<p>Aprendizagens Essenciais: <i>Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo solidário. Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.</i></p>			
<p>ESQUEMA HERMENÊUTICO: A problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.</p>			
<p>TEMAS ORGANIZADORES</p>	<p>OBJETIVOS</p>	<p>CONTEÚDOS</p>	
<p><i>Deus, o Grande Mistério</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidar as aprendizagens desenvolvidas ao longo da Unidade Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”. - Avaliar formativamente as aprendizagens desenvolvidas no 2º período. 	<p>-Reflexão do percurso realizado no processo ensino-aprendizagem da unidade letiva.</p>	
<p>METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS</p>		<p>OBSERVAÇÕES</p>	<p>AValiação FORMATIVA</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Registos - Diálogo 			<ul style="list-style-type: none"> - Observação das atitudes e comportamentos dos alunos.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: saudação inicial. - Chamada dos alunos e registo de eventuais faltas e/ou atrasos. - Registo do sumário da aula: <p><i>Entrega e correção da avaliação formativa.</i> <i>Síntese da unidade letiva “Deus, o Grande Mistério”.</i> <i>Autoavaliação e heteroavaliação.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - INOVAR - Caderno -Material de escrita 	5'
	<ul style="list-style-type: none"> -Consolidar as aprendizagens desenvolvidas ao longo da Unidade Letiva 2: “Deus, o Grande Mistério”. - Avaliar formativamente as aprendizagens desenvolvidas no 2º período. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reflexão do percurso realizado no processo ensino-aprendizagem da unidade letiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - O professor entrega as fichas e os resultados da avaliação formativa realizada na última aula, fazendo considerações sobre os resultados. - Após a entrega, realiza-se a correção oral de todas as questões realizadas na aula anterior aproveitando para consolidar algumas aprendizagens e concluir a unidade letiva. - Depois da realizada a correção da avaliação, o professor distribui os trabalhos de avaliação formativa realizados em grupo, fazendo considerações sobre os mesmo. - Autoavaliação e heteroavaliação: o professor distribui aos alunos um documento onde convida aos alunos a fazer a sua autoavaliação e também a heteroavaliação das aulas, da disciplina, da turma e do professor. Os alunos devem escrever um comentário descritivo em cada um dos parâmetros e atribuir um nível de 1 a 5. -Considerações finais: o professor, de forma sintética e breve percorre o caminho percorrido ao longo do período. 	<ul style="list-style-type: none"> -PC - Projetor - Papel - Material de escrita 	<p>5'</p> <p>20'</p> <p>8'</p> <p>10'</p> <p>7'</p>
			<ul style="list-style-type: none"> - Antes de terminar a aula o professor agradece aos alunos a dedicação e o empenho demonstrado ao longo do período. -Saudação final e ordem de saída da sala. 		5'

2.1.3. Sequência do processo ensino-aprendizagem

Neste momento pretendemos, de formar mais descritiva, sintetizar a sequência do processo ensino-aprendizagem da UL em análise neste relatório, *Deus, o Grande Mistério*, que se encontram nas planificações apresentadas anteriormente. Pretendemos, ainda, fazer uma reflexão crítica de cada aula.

Como esquema hermenêutico da unidade letiva, pretendemos tratar a problemática da existência de Deus: os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

No início de cada aula era feito o acolhimento aos alunos, a chamada e a projeção do sumário e o registo deste no caderno por parte dos alunos. Além disso, o professor fazia uma síntese da aula anterior.

Na *primeira aula*, pretendemos introduzir a unidade letiva colocando o questionamento aos alunos sobre a questão de Deus. Para isso recorreremos e projetamos uma pergunta: “*Deus existe?*”. Depois do diálogo vertical e horizontal resultante da pergunta realizada, propusemos uma atividade em grupo. Esta atividade em grupo tinha como objetivo o seguinte: ouvir e realizar a análise da música “*Que Deus*” do cantor Boss AC. Para a análise da música foi dada aos alunos a letra da música em papel e foram projetadas três expressões: (Deus) “*Existe... não existe... talvez existe...*”. Os alunos deviam procurar na letra dois argumentos que combinem com as expressões apresentadas. Sequentemente, deveriam apresentar um texto síntese com os argumentos retirados e apresentá-lo ao grupo turma. No final das apresentações, o professor apresentava, oralmente, uma síntese da aula conjugando as leituras realizadas e as ilações necessárias a retirar no final da primeira aula: este questionamento sobre Deus é humano e universal; todo o homem e mulher procura o transcendente, o divino e o sagrado; advém da experiência pessoal de cada um, que pode surgir de situações de sofrimento, de ausência de sentido, da consciência de finitude, de encontro e de felicidade.

A primeira aula decorreu conforme estava planificado. As estratégias e recursos utilizados revelaram-se adequadas à realidade da turma. O questionamento dos alunos foi importantíssimo e as respostas que surgiram foram importantes para verificar as suas perspetivas e inquietações. Foi relevante o facto de os alunos fazerem relação da existência, negação ou dúvida dessa existência de Deus, com o bem, o mal, o sofrimento

e finitude humana. Isso foi relevante para a síntese realizada pelo professor no final da aula.

Na **segunda aula**, pretendemos apresentar os diversos posicionamentos sobre a questão de Deus: fé/teísmo, ateísmo, agnosticismo e relativismo. Para isso, o professor, recorrendo ao *Prezi* elaborado e ao manual, apresenta várias citações de autores conhecidos e vídeos de famosos com as suas experiências e posicionamentos sobre a questão de Deus. Partindo daí, o professor explica e apresenta os conceitos de fé/ateísmo, ateísmo teórico e ateísmo prático, agnosticismo e relativismo. Em síntese, juntamente com os conceitos apresentados, o professor refere que crentes e não crentes fazem as mesmas experiências de finitude, do dever moral, da liberdade, do sentido e da ausência dele, assim como da morte. A diferença é a interpretação que cada um, homem e mulher, fazem de todas essas experiências.

A aula correu como esperado e os alunos mostraram-se recetivos aos vários posicionamentos apresentados, revendo-se em muitos deles. Foi importante a forma dinâmica como intervieram na aula, com comentários e questões pertinentes. Os conceitos apresentados e registados no caderno diário por parte dos alunos foram importantes para a compreensão da intencionalidade da unidade letiva no programa de EMRC. Os recursos utilizados, sobretudo os vídeos, cativaram a atenção dos alunos cumprindo a sua intencionalidade. No entanto, devido às numerosas intervenções dos alunos, só foi possível terminar a planificação da aula no início da aula seguinte.

Na **terceira aula** pretendemos a temática do fenómeno religioso, os seus elementos constitutivos comuns a diversas tradições religiosas e apresentar as diversas representações das divindades nas culturas antigas (Egípcia, Grega e Romana) e de Deus no judaísmo e no cristianismo. Para tratar do fenómeno religioso, o professor recorre a um vídeo e ao *prezi*, onde apresenta a transversalidade do fenómeno e os elementos comuns nas diversas tradições religiosas. Para apresentar as representações das divindades e de Deus, o professor propõe uma atividade em grupo. Uns grupos recebem o *QR code* que os remete para um vídeo onde são apresentadas as representações e características das divindades das antigas culturas Egípcia, Grega e Romana e outros grupos recebem um documento com a representação e características de Deus no judaísmo e de Deus no cristianismo. Os alunos deveriam realizar uma síntese do vídeo ou do texto para partilhar no grupo turma. O professor, no final da partilha do resultado da atividade, fazia a síntese da aula.

A aula decorreu conforme planificado. No entanto, só foi possível concluir a partilha do resultado da atividade na aula seguinte. Os alunos mostraram-se bastante recetivos à proposta, pois implica dinâmica, interatividade, partilha, comunicação e a utilização das *novas tecnologias*. Foi uma aula muito produtiva e dinâmica em que os alunos foram interpelando o professor sobre questões pertinentes resultado da visualização dos vídeos e da leitura dos textos.

Na **quarta aula** pretendemos fazer uma leitura transversal sobre as representações das divindades nas antigas culturas e de Deus no judaísmo e no cristianismo, recorrendo ao *Prezi* e ao manual. Pretendemos, ainda, fazer uma transição da tradição religiosa judaica para a cristã. Igualmente, apresentamos a arte como forma de representar Deus, utilizando os exemplos apresentados pelo manual. Nesta aula, realizaremos uma avaliação formativa das aprendizagens realizadas pelos alunos até ao momento. Para isso, recorreremos à ferramenta *Plickers*⁸, onde os alunos responderão a treze questões de resposta fechada (tipologia de escolha múltipla e verdadeiro ou falso). No final serão apresentados, individualmente, os resultados obtidos pelos alunos e realizada, oralmente, a correção da avaliação, aproveitando para consolidar aprendizagens.

A aula teve um resultado bastante positivo, onde os alunos se mostraram empenhados e interventivos quando tratávamos dos conteúdos propostos para a aula. A avaliação realizada demonstrou algumas lacunas nas aprendizagens realizadas pelos alunos, ainda que a média de resultados obtidos se concentre nos 80%. A correção da avaliação mais uma oportunidade para corrigir e consolidar conhecimentos.

A **quinta aula** tem como objetivo apresentar as características do Deus judeo-cristão e a coerência entre os princípios de fé destas tradições e modelos de vida cristã, onde fiquem explanados que a adesão à fé cristã tem implicações na vida pessoal e comunitária. Para trabalhar estes conteúdos, o professor propõe uma atividade em grupo. O professor utilizará como recurso os textos bíblicos apresentados pelo manual e biografias de modelos de vida cristã igualmente apresentadas pelo manual: Aristides de Sousa Mendes, João XXIII, Vicente de Paulo, Charles Focauld e Madre Teresa de Calcutá. Os alunos deverão identificar os conceitos e valores ético-morais apresentados pelos textos bíblicos e fazer uma resenha biográfica das pessoas apresentadas. Como produto final, os alunos deverão relacionar o resultado obtido da análise do texto com a

⁸ Encontra a explicação e modo de funcionamento desta ferramenta no ponto seguinte desta IIª Parte.

resenha biográfica e criar um *slogan*. Os *slogans* deverão ser apresentados à turma com a devida justificação e colocados no mural da sala, devidamente preparada para o efeito.

Os alunos durante a aula demonstraram interesse na atividade realizada, pois permitiu-lhes ter acesso a histórias de vida marcadas pela adesão à fé cristã. De notar o interesse dos alunos nas histórias de vida de Aristides de Sousa Mendes e de Madre Teresa de Calcutá. Talvez o facto de serem mais conhecidos pelo impacto das suas vidas em contextos históricos bem conhecidos, tenha suscitado essa curiosidade. O resultado do trabalho⁹ foi bastante positivo e o seu objetivo foi conseguido. De notar a abertura demonstrada por alguns alunos pelo facto de partilharem, em contexto de turma, as suas experiências pessoais e familiares decorrentes da vivência prática da adesão à fé cristã.

Na **sexta aula** pretendemos consolidar a intencionalidade da aula anterior: realizar uma análise mais profunda das características de Deus judeo-cristão, bem como aferir que a adesão à fé cristã tem implicações na vida pessoal de quem adere e na sua vivência comunitária e social. Para realizar esta análise o professor utiliza como recurso os textos bíblicos e as biografias trabalhadas na aula anterior. Ainda nesta aula propomos a realização de um instrumento de avaliação formativa. Os alunos receberão um documento com os objetivos do trabalho e com os critérios de correção, e um texto retirado do livro de Anselm Grün “*O livro das respostas de Anselm Grün*”. Esse texto vai ao encontro da temática trabalhada na unidade letiva. Cada texto distribuído tem uma pergunta e a consequente resposta do autor. Os alunos devem realizar uma análise crítica do texto, mobilizando as aprendizagens realizadas ao longo da unidade letiva. Devem, ainda, colocar a experiência pessoal relativamente a essa pergunta.

O decurso da aula foi ao encontro da planificação elaborada. Os alunos demonstraram-se interessados na análise dos textos bíblicos apresentados, fomentando interrogações sobre a diferença entre a Bíblia e a Torah. Quanto à avaliação formativa, os alunos demonstram-se bastante recetivos ao instrumento apresentado e aos critérios de correção apresentados. O trabalho foi realizado em grupos de dois alunos e um de três alunos.

A **sétima aula** tem como objetivo a conclusão do instrumento de avaliação formativa iniciada na aula anterior e a apresentação e análise dos trabalhos realizados pelos alunos. Nesta análise realizada pelo professor, este aproveita para consolidar as aprendizagens realizadas pelos alunos até ao momento.

⁹ Cf. Anexo B.

A aula decorreu conforme planificação. Os alunos concluíram os trabalhos no tempo previsto. Foi importante verificar que os trabalhos, na sua grande maioria, corresponderam aos objetivos propostos. As reflexões críticas apresentadas foram pertinentes, sobretudo pelo facto de os alunos conseguirem transpor para estas a sua experiência pessoal. Foram ao encontro do objetivo da unidade letiva que é o tratamento da questão de Deus na vida humana e o posicionamento pessoal sobre a matéria. Muitos alunos, neste trabalho, aproveitaram para partilhar a sua experiência sobre esta realidade, sendo os posicionamentos diversos, como era suposto. De realçar a forma positiva como os alunos mobilizaram os conhecimentos adquiridos ao longo de toda a unidade letiva.

A **oitava aula** tem como objetivo a apresentação dos conceitos de *Bem Comum* e de *Destino Universal de Bens* preconizados no Catecismo da Igreja Católica e na Doutrina Social da Igreja. Consequentemente, são apresentadas instituições de origem religiosa que têm como objetivo o bem comum e a transformação da sociedade, valorizando a dignidade da vida humana. Será apresentada a matriz da avaliação formativa global a realizar na aula seguinte.

Na aula, esta mais expositiva, os alunos demonstraram-se interessados, sobretudo pelos conceitos que apresentamos. Percebemos que estes conceitos eram familiares aos alunos, mas que estes nunca lhes tinham sido apresentados enquanto conceito que está intimamente ligada à fé cristã e à pessoa e dignidade humanas. A apresentação da matriz da avaliação formativa global foi mais uma oportunidade para rever e consolidar aprendizagens.

A **nona aula** tem como objetivo a realização da avaliação formativa global da unidade letiva 2: *Deus, o Grande Mistério*. Esta será composta por dois grupos: o primeiro realizado a partir da aplicação *Plickers*, em que os alunos responderão a vinte questões de resposta fechada (tipologia de escolha múltipla e verdadeiro ou falso); o segundo grupo é composto por duas questões de resposta aberta.

A avaliação decorreu de forma serena, onde os alunos escutaram a explicação do professor sobre o modo de funcionamento da avaliação. Os alunos respeitaram as indicações claras e precisas dadas pelo professor e respeitaram o ritmo de realização do instrumento por parte dos colegas.

Na **décima aula**, última do período e da unidade letiva, pretendemos realizar a entrega dos instrumentos de avaliação realizados na aula anterior, bem como a correção da mesma. Esta correção tem como objetivo consolidar todas as aprendizagens realizadas durante o processo ensino-aprendizagem. Pretendemos realizar a autoavaliação e

heteroavaliação das aulas, da disciplina, da turma e do professor. Para isso recorreremos a um documento preparado para o efeito. Faremos a síntese final da unidade letiva, fazendo uma retrospeção do caminho percorrido ao longo do período letivo.

A aula decorreu como esperado. Foi entregue aos alunos a avaliação formativa global realizada na aula anterior com os resultados obtidos. Estes foram bastantes positivos, o que é relevante para a demonstração do sucesso das estratégias utilizadas ao longo do período. A autoavaliação e heteroavaliação realizadas também foram importantes para a reflexão de todas as dinâmicas subjacentes no processo de ensino-aprendizagem. A reflexão foi importante para recolher informações para o continuar o processo de melhoramento das estratégias, recursos e instrumentos de avaliação a utilizar no futuro.

2.2 Recursos

Ao longo das aulas foram utilizados recurso que facilitassem o processo ensino-aprendizagem. Neste momento, pretendemos apresentar todos os recursos utilizados como facilitadores de todo o processo educativo. Além do material comum de sala de aula (quadro, giz, computador, projetor, programa *Inovar* e plataforma *Moodle*) pretendemos destacar a utilização diversificada de outros recursos:

- **Caderno diário** – este recurso permitiu aos alunos o registo dos sumários, do registo de elementos importantes dos conteúdos lecionados, permitindo aos alunos a organização de um fio condutor da unidade letiva.
- **Manual** – foi um recurso valioso que possibilitou o acesso a outros recursos facilitadores do processo ensino-aprendizagem. Possibilitou aos alunos o acompanhamento dos conteúdos lecionados, bem como recurso para um estudo mais organizado e conciso.
- **Prezi¹⁰** – é um software que permite a criação de apresentações dinâmicas, com grandes funcionalidades que as tornam apelativas. O *Prezi* elaborado foi

¹⁰ O *Prezi* utilizado nas práticas letivas pode ser consultado a partir do link: [Prezi – UL 2: Deus, o grande mistério](#). Optamos por não o colocar como anexo devido à sua extensão.

acompanhando todo o processo de ensino, permitindo a compilação da informação mais pertinente, bem como o agrupar de outros recursos utilizados na prática letiva: vídeos, imagens e músicas. Este foi facilmente partilhado com os alunos na plataforma *Moodle*.

- **QR Code**¹¹ – a utilização deste recurso permitiu a utilização das novas tecnologias, como o *smartphone*. Os alunos, com os seus *smartphones*, liam, partindo duma aplicação que estes contêm, o código gerado no *QR Code* que os remetia para o vídeo proposto pelo professor. O *QR Code* permitiu aos alunos aceder a informações indispensáveis à realização do trabalho proposto.
- **Plickers**¹² – é uma ferramenta online que permite criar momentos de avaliação de forma rápida onde o resultado é imediato. Cada aluno recebe um cartão-código associado ao seu nome e número de aluno. O professor, com o seu *smartphone*, lança as questões no projetor. Os alunos respondem levantando o cartão-código com a alínea selecionada e o professor, com a câmara do seu *smartphone*, lê as respostas de forma imediata e rápida. No final, o programa apresenta de forma imediata os resultados obtidos pelos alunos. Este recurso permitiu a utilização das *novas tecnologias* como forma de motivação dos alunos para a avaliação realizada.
- **Outros recursos** – aqui referimo-nos a textos, imagens, cartolina, material de escrita e documentos orientadores, que facilitaram a realização de atividades de grupo no decorrer da prática letiva.
- **Ficha de Caracterização da turma**¹³ - Este recurso permitiu a recolha de dados individuais dos alunos, bem como de outros dados relevantes para a gestão curricular realizada no início do ano letivo. Estes dados permitiram, igualmente, retirar ilações pedagógicas e didáticas a adotar ao longo do ano letivo.

¹¹ Cf. Anexo C.

¹² Cf. Anexo D.

¹³ Cf. Anexo A.

2.3 Instrumentos de avaliação

A avaliação tem como finalidade regular o ensino e a aprendizagem, orientando o percurso escolar dos alunos e certificar as aprendizagens desenvolvidas, com vista ao seu melhoramento (Cohen & Fradique, 2018).

Como função clarificador dos processos de aprendizagem, a avaliação está ao serviço do aluno, dos seus estilos e ritmos de apreensão do conhecimento e desenvolvimentos de competências (Serpa, 2010).

A avaliação deve reger-se pelo carácter construtivo, mais humanizada, mais situada nos contextos vividos por professores e alunos, mais centrada na regulação e melhoria das aprendizagens, mais participada, transparente e integrada nos processos de ensino e aprendizagem (Fernandes, 2005).

Segundo o Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril, considera-se três modalidades de avaliação: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. A primeira realiza-se sempre que seja necessário e oportuno, em vista à fundamentação dos planos didáticos, de estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos e facilitação da sua integração escolar. A segunda assume carácter contínuo e sistemático, com recurso a instrumentos de recolha de dados diversificados e adequados às aprendizagens desenvolvidas, com vista a informar os intervenientes sobre o desenvolvimento das aprendizagens e levando ao ajustamento dos processos e estratégias. A terceira assume carácter de juízo global em vista à classificação/certificação. A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação e permite obter informação privilegiada e sistemática nos diversos domínios curriculares.

Os critérios de avaliação devem ser percetivos para todos os intervenientes do processo educativo, sobretudo aos professores e aos alunos. Cabe ao docente a clarificação dos mesmos, tornando-os compreensivos para os alunos. (Cohen & Fradique, 2018).

Nesse sentido, na primeira aula do ano letivo, foram apresentados e explicados aos alunos os critérios de avaliação em vigor no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, no ano letivo de 2018-2019, aprovados em Conselho Pedagógico explanados na grelha seguinte:

Domínio	Parâmetros	Peso (%)
Competências Cognitivas	<ul style="list-style-type: none"> • Testes de avaliação; • Trabalhos individuais/grupo; • Fichas de leitura; • Relatórios; • Apresentações escritas e/ou orais. 	70%
Competências Sócio-afetivas	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito pelos outros; • Cooperação, empenho e sentido de responsabilidade; • Material necessário à aula; • Participação nas aulas com assertividade e sentido crítico; • Interesse pelas atividades desenvolvidas; • Realização dos trabalhos de casa; • Assiduidade; • Pontualidade; 	30%

Durante a lecionação da unidade letiva, optamos por privilegiar a avaliação formativa, como forma de orientação da ação do professor e do aluno, de localização e identificação de dificuldades, dos procedimentos que pode contribuir para as ultrapassar, assim como a emergência de pontos fortes nos alunos e no grupo turma que possam alimentar positivamente a dinâmica da *praxis* letiva (Carvalho, 2007)

A avaliação formativa tem como objetivo tornar o aluno consciente da sua aprendizagem e implica-lo no processo, deve adaptar-se às situações, mostrando-se flexível e aberta à pluralidade e à diversidade e que seja referência para aplicação de novas estratégias pedagógicas de determinada amplitude (Abrecht, 1994).

Os instrumentos de avaliação, enquadrados nos objetivos e funções a que se destinam, constituem ferramentas imprescindíveis do ato avaliativo. Diferenciam-se os instrumentos de avaliação em *formais* e *informais*. Os *formais* são dominados por testes

e instrumentos em vista à verificação das aprendizagens e os *informais* são dominados pela autoavaliação e heteroavaliação (Serpa, 2010).

Nesse sentido, conscientes da importância da avaliação e da forma como devemos recolher dados que nos permitam avaliar as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos e as estratégias utilizadas pelo docente, no contexto da unidade letiva 2, *Deus, o Grande Mistério*, foram elaborados os seguintes instrumentos de avaliação:

- 1. Avaliação formativa a partir do Plickers¹⁴** – este instrumento contém 13 perguntas de resposta fechada: questões de escolha múltipla e de verdadeiro ou falso. Este método permite a recolha de dados objetivos e fáceis de quantificar, diminuindo, assim, o risco duma avaliação mais subjetiva. Tem a vantagem da obtenção rápida e imediata dos resultados. Apresentamos de seguida as questões elaboradas e a matriz de correção.

O instrumento de avaliação permitiu aferir a evolução das aprendizagens realizadas pelos alunos até ao momento da sua aplicação. Tivemos o cuidado de, na elaboração das questões, utilizar uma linguagem acessível ao nível da turma, salvaguardando de possíveis leituras desajustadas das mesmas. Os resultados foram bons, onde a média da turma se situa nos 80%. A correção permitiu a consolidação de aprendizagens. Este instrumento permitiu ainda a reflexão docente sobre as estratégias utilizadas até àquele momento, permitindo um ajustamento das mesmas para melhorar as aprendizagens dos alunos.

- 2. Trabalho de avaliação formativa em grupo¹⁵** – este instrumento prevê a análise dum texto retirado do livro “*O livro das respostas de Anselm Grün*”. O texto apresenta um questão e conseqüente resposta do autor. O trabalho pressupõe a análise crítica do texto, mobilizando, para isso, as aprendizagens realizadas ao longo da unidade letiva e a experiência pessoal do aluno relativamente à pergunta que é colocada.

O instrumento permitiu ao professor verificar se as aprendizagens desenvolvidas haviam sido adquiridas pelos alunos, bem como a evolução do

¹⁴ Cf. Anexo E.

¹⁵ Cf. Anexo F.

desenvolvimento crítico dos alunos relativamente à temática e o seu posicionamento pessoal. Os resultados foram significativamente positivos fixando-se a média da turma nos 87%.

3. Avaliação formativa global¹⁶ – este instrumento contém dois grupos: o primeiro grupo realizado a partir da aplicação *Plickers*, onde os alunos respondem a vinte questões de resposta fechada (tipologia de escolha múltipla e verdadeiro ou falso); o segundo grupo é composto por duas questões de resposta aberta. O instrumento é adequado aos conteúdos trabalhados e aos seus destinatários.

O instrumento mostrou-se adequado à realidade turma, onde a média global da turma se encontra nos 85%. Foi mais uma oportunidade de avaliação dos alunos, do professor e das estratégias e recursos utilizados ao longo da prática letiva. A correção do instrumento permitiu realizar uma síntese da unidade letiva, focalizada nos conteúdos e objetivos propostos pelo PEMRC.

4. Grelha de Observação de aulas¹⁷ - este instrumento tem como objetivo a recolha de dados relativos às competências sócio-afetivas dos alunos durante as aulas. São observados dos seguintes parâmetros: assiduidade e pontualidade, material, participação, respeito pelo outro, cooperação e o cumprimento da realização das tarefas pedidas em aula.

O registo realizado ao longo do período, obrigou a uma avaliação atenta e sistemática dos alunos, levando, assim, ao melhor conhecimento destes. Este instrumento tem um valor acrescido, pois os dados obtidos foram importantes para as adaptações e melhoramentos realizados, sobretudo na diferenciação de estratégias e recursos a utilizar durante a lecionação.

5. Ficha de autoavaliação e heteroavaliação¹⁸ - Este documento visa a avaliação de todo o percurso realizado ao longo do período letivo. O documento prevê a autoavaliação do trabalho do aluno, que se avalia de 1 a 5 (quantitativa) nos

¹⁶ Cf. Anexo G.

¹⁷ Cf. Anexo H.

¹⁸ Cf. Anexo I.

parâmetros preconizados nos critérios de avaliação e prevê a heteroavaliação das aulas, da disciplina, da turma e do professor. Na heteroavaliação é pedido aos alunos que a façam de forma descritiva (qualitativa).

A ficha de autoavaliação e heteroavaliação foi um instrumento valorizado pelos alunos e sobretudo pelo docente, uma vez que a visão dos discentes nem sempre se encontra sintonizada com a do professor. A avaliação realizada pelos alunos foi bastante positiva e foi um contributo essencial para avaliar o caminho percorrido e delinear o caminho que ainda há ainda a percorrer para enriquecer a dinâmica do processo ensino-aprendizagem. As leituras realizadas pelos alunos, de forma contributiva, foram tidas em conta na atribuição da nota final do período.

A diversidade dos instrumentos utilizados visam minimizar eventuais situações de injustiça (Serpa, 2010), demonstrando da nossa parte uma dimensão ética da avaliação, em vista a uma “*discriminação positiva*” (Serpa, 2010, p. 249) no momento da classificação a atribuir aos alunos. Todos os instrumentos apresentados foram contruídos e corrigidos de forma colaborativa com a supervisão e validação do professor da escola cooperante, Doutor António Filipe.

2.4 Balanço crítico de desempenho

Os professores têm a missão de passar à prática o currículo da disciplina, com a devida ação pedagógica e didática. São os executores do currículo, construtores e executores a nível da sua gestão (Roldão M. d., 1999).

Imbuídos desta visão unificadora da missão do professor na gestão e execução do currículo, pretendemos neste ponto realizar um balanço crítico sobre o processo ensino-aprendizagem e sobre o caminho percorrido na PES.

Para uma melhor organização deste balanço, iremos tomar como referências os eixos de avaliação realizada na universidade, no final da PES: competência pedagógica, competência científica, competência avaliativa e competência comportamental.

Relativamente à **competência pedagógica** e no que às planificações diz respeito, a evolução na conceção das mesmas foi notória. O rigor utilizado na sua construção permitiu verificar que o ato de planificar não pode prender única e exclusivamente à perceção do professor. Estas necessitam de uma revisão constante tendo em conta todos os pressupostos e agentes da ação educativa: o professor, a turma, o aluno, os conteúdos, os objetivos, as estratégias, os recursos, a coerência, o clima de aula e a disponibilidade de cada agente. Todos devem convergir para o mesmo propósito: o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e para a missão *de ensinar e fazer aprender*. No entanto, reconheço que ainda tenho de disponibilizar mais tempo no aprofundamento e conceção para a planificação a médio e longo prazo. Privilegiei o método existencial hermenêutico, valorizando a experiência humana de cada um, aleada à mensagem cristã e à dimensão ética e moral. Durante a lecionação sempre tive o cuidado com a evolução das aprendizagens dos alunos, adequando as estratégias consoante os ritmos de cada aluno, sabendo que é muito difícil poder chegar a todos da mesma forma. Demonstrei ao longo do ano uma evolução positiva na condução das aulas, nos momentos, nas estratégias aplicadas, na forma de comunicação, vertical e horizontal (aliás, este cuidado era uma constante nas planificações como se pode verificar) e muito facilmente me adaptei a situações imprevistas. Tive o cuidado de criar material didático diversificado dando origens a formas diferentes de transmissão de conteúdos: *Prezi, QR Code, Plickers*, cartolinas, etc, ou seja, privilegiando, sobretudo, o recurso às *novas tecnologias*, como forma de motivação. Penso que é nesta área, demasiado atrativa, que reside o futuro estratégico da prática letiva, daí a insaciabilidade da minha parte nesta área, procurando sempre a inovação. Tive enorme cuidado em gerir o programa de EMRC de forma a chegar aos objetivos propostos, ainda que o tenho feito com alguma flexibilidade. Procurei ao longo da PES utilizar o léxico específico da pedagogia e da didática como forma de transferibilidade dos conhecimentos adquiridos no âmbito do Mestrado.

Quanto à **competência científica** tive o cuidado de esmiuçar o programa da disciplina para esta unidade letiva articulando de forma integradora as metas, objetivos, conteúdos, AE e PASEO com as realidades da escola, dos alunos e das leituras e reflexões críticas dos autores especializados, que, em parte, apresentamos na Iª parte deste relatório. Investi no conhecimento teológico e antropológico ligados à questão de Deus, partindo de reflexões realizadas em várias unidades curriculares do Mestrado. Sem este trabalho de investigação mais específico seria difícil corresponder às exigências e inquietações

apresentadas pelos alunos. No entanto, esta necessária investigação científica deve ser uma realidade constante na vida do professor pelo que necessito de investir ainda mais nesta matéria.

No campo da **competência avaliativa**, procurei ao longo das aulas ter uma atitude avaliativa permanente, utilizando grelhas para realizar anotações espontâneas que pudessem ser úteis na evolução do processo ensino-aprendizagem, que me permitissem verificar o sucesso das estratégias e recursos utilizados ao longo das aulas. Esta ação foi importantíssima para o meu crescimento enquanto docente, na medida em me levou ao questionamento de todas as minhas práticas com vista ao seu melhoramento. Quanto aos instrumentos de avaliação utilizados, procurei introduzir, como refere Serpa (2010), os *formais*, que têm como referência maior os testes e trabalhos que visem a verificação das aprendizagens e os *informais*, pautados, sobretudo, pela autoavaliação e heteroavaliação. Estes instrumentos foram ajustados à realidade turma e à realidade individual de cada um, tornando-se, no seu objetivo, mais inclusiva. Os instrumentos de avaliação foram importantes para a verificação do sucesso das aprendizagens realizadas pelos alunos e do sucesso das estratégias utilizadas pelo professor. Estes instrumentos serviram para realizar os ajustamentos necessários para o sucesso global e individual fosse uma realidade. A correção e o *feedback*, realizada e dado, foram mais uma forma de consolidação das aprendizagens. No entanto, a componente da avaliação é sempre um campo onde existem mais divergências de pensamento, daí a dificuldade em ser-se totalmente justo, imparcial e coerente. Contudo, procurei ser o mais justo e imparcial possível, demonstrando uma dimensão ética no ato avaliativo, juntamente com o professor cooperante.

Na **competência comportamental**, área em que me sinto mais confortável, penso que demonstrei uma pedagogia de qualidade, tentando ser inovador, empreendedor, cuidado, divertido, fatores que ajudaram no sucesso dos objetivos da disciplina. Penso que o facto de ter experiência de lecionação em anos anteriores, me deu um pouco essa capacidade flexível e ao mesmo tempo incisiva. Sei bem que os vícios também são alguns, vícios estes que tentei emendar ao longo da PES. Sou por inerência uma pessoa bem-disposta, divertida, flexível, curiosa e isso garante um bom clima de sala de aula que, por sua vez, beneficia a aprendizagem, tanto dos alunos como minha, pois também aprendo bastante nas aulas. Pelo facto de ser docente da escola, estou inserido, de forma intensiva, nas atividades da escola, sendo o impulsionador de muitas delas, demonstrando espírito de iniciativa. A relação com os alunos neste contexto é muito próxima, como tal, esta

proximidade estende-se, também, aos encarregados de educação. Sempre demonstrei uma enorme solidariedade com os colegas e isso estreitou laços e ajudou de forma significativa à evolução positiva de todos os intervenientes. Tenho noção das minhas qualidades e das minhas limitações, tanto pessoais como profissionais. Essa consciência de mim mesmo, foi e continua a ser uma alavanca para o crescimento e amadurecimento pessoal e profissional. Ao longo da PES, fui assíduo e pontual, tentando corresponder às exigências impostas pela sua realidade.

O trabalho realizado no decurso da PES foi essencial para aplicar todos os conhecimentos adquiridos nas diversas disciplinas do Mestrado, tentando de alguma forma, dar corpo às aprendizagens por mim realizadas. A organização do Mestrado merece uma avaliação bastante positiva. Contudo, devo referir que a articulação das diversas disciplinas com a PES e a carga letiva de cada uma parecem-me desajustadas. Existem disciplinas que necessitam duma carga letiva acrescida devido à sua especificidade e refiro-me a “*Currículo, Planificação e Avaliação*” e “*Didática Específica em EMRC*”. Senti falta dum maior aprofundamento nestas áreas, que acabaram por não acontecer devido à densidade dos seus programas comparativamente com as horas letivas das mesmas. Além disso, como proposta de valorização, os trabalhos realizados nas diversas disciplinas podiam já ser focalizados para a PES e para o Relatório final, pois o estágio ocupa-nos imenso tempo, ficando o Relatório Final como o *parente pobre* das escolhas imediatas.

A PES na Universidade foi um momento de reflexão, de partilha de aprofundamento e de crescimento na visão global e específica da disciplina de EMRC no contexto escolar e no sistema de ensino português. A visão do Professor Francisco Guimarães permitiu-nos valorizar ainda mais a disciplina, colocando-a ao mesmo patamar das diversas disciplinas do currículo escolar. Só com profissionalismo por parte dos docentes de EMRC no cumprimento do currículo, na planificação e avaliação, tal como nas outras áreas do saber, se consegue elevar a consideração e o respeito que os outros agentes e instituições escolar nutrem pela disciplina.

A PES na escola cooperante, campo da nossa ação e experiência educativa, foi extremamente enriquecedora, onde a experiência, o conselho, a partilha e a correção do Doutor António Filipe foram importantes para o crescimento realizado ao longo do ano letivo. Além disso, os encontros de avaliação das aulas da PES, no final das mesmas, juntamente com o colega de estágio, permitiu, com frontalidade, abertura e humildade,

realizar um caminho de aperfeiçoamento e de valorização das nossas práticas e das decisões tomadas no processo ensino-aprendizagem. Muito devo a estes momentos.

A vocação de professor de EMRC “*exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação*” (Gravissimum Educationis, 1965). Esta conjugação entre as capacidades intelectuais e humanas são duas realidades inseparáveis no projeto docente e que pelas quais sempre me tentei pautar ao longo da minha curta, mas intensa carreira docente. A nossa condição humana, sempre desafiante, requer uma inquietação constante para que a monotonia não prevaleça na ação educativa. Esta monotonia, no ensino e em específico na disciplina de EMRC, podem ser motores de uma “*morte lenta*” desejada por muitos no nosso contexto educativo. Precisamos de nos pautar pela exigência sempre nova de adaptação e inovação, intimamente ligadas ao nosso testemunho cristão. Esse testemunho e experiência de fé é igualmente importante e transformadora na nossa prática letiva, salvaguardando sempre o respeito individual por cada aluno e a motivação inclusiva na educação. A catequese é missão para outros meandros que não a sala de aula. Somos indigitados pelo bispo diocesano para esta missão de presença evangelizadora da Igreja na escola (SNEC, 15), pelo testemunho de vida. Somos iguais, mas diferentes: o testemunho de fé que trazemos connosco torna-nos diferentes, com a missão acrescida de fazer pontes, de ser uma voz ativa na comunidade educativa e de ser sinal de união e transmissor dos valores evangélicos.

Esta experiência da PES, foi uma importante “porta de acesso” à realidade de *ensinar e fazer aprender*, onde fomos tomando consciência que ser professor é bem mais do que entrar numa sala e debitar conteúdos. Entrar na escola é entrar numa *viagem aventureira*, onde os desafios são uma realidade constante e onde as soluções mais positivas se conseguem na partilha, na cooperação, na disponibilidade e na aprendizagem constantes. A riqueza cumulativa que esta experiência me deu fez-me perceber que ser professor é ser um constante *aprendiz de viajante* que carece de um coração sempre aberto e humilde à aventura de entrar na escola de aprender, de ensinar e de tentar tirar do outro o melhor que ele tem para dar.

IIIª Parte

Contributos Teológicos para uma valorização da Unidade Letiva 2:

Deus, o Grande Mistério

Quando pensamos o tema de Deus e lançamos a questão sobre Ele, normalmente a resposta obtida é uma resposta ‘*standart*’ advinda da tradição cristã, sobejamente vivida no nosso contexto: “Deus é Pai de Jesus, que fez o bem, foi morto por crucifixão pela humanidade para a salvar”.

A questão de Deus sempre foi tema do pensamento e da experiência dos homens e mulheres, relacionado com questões centrais da sua existência, nomeadamente nas questões de sentido: *quem sou, de onde venho, para onde vou?* Por isso, dizemos que o tema de Deus é universal e intemporal.

A necessidade humana de compreender o *cosmos*, levou a humanidade à busca do Transcendente, do Outro que não abarcamos na sua profundidade, mas apenas aquilo que Ele nos dá a conhecer. Esta busca insaciável provém da incapacidade dos homens e mulheres encontrarem respostas, dentro dos seus limites racionais, para a realidade que os rodeia e para o sentido último das suas vidas.

Deus revela-se ao mundo enquanto mistério, no qual o Seu Filho, Jesus, revela o Pai como mistério de amor, sentido e interpelação de toda a nossa existência, colocando em realce os limites humanos para a dizibilidade e pensabilidade de Deus na Sua totalidade.

Por isso, falamos melhor de Deus quando reconhecemos os nossos limites, não querendo dominar essa realidade fazendo-a corresponder, na sua totalidade, aos nossos limites e desejos, incorrendo, assim, numa leitura idolátrica de Deus (Pinho, 2002).

O sentido dos limites da nossa linguagem provém da consciência que todas as afirmações que fazemos sobre Deus tem de ser questionada, corrigida, completada ou superada por outra, daí que o falar de Deus é essencialmente analógica (Pinho, 2002).

Ao longo da história a questionabilidade da humanidade sobre “Deus” veio com respostas “*claras e inquestionáveis, mas para nós, hoje, ela vem acompanhada de uma série de indagações novas*” (Ratzinger, 2017, p. 73).

Nos tempos atuais de pós-modernidade, em que se vive um individualismo antropológico, o tema de Deus, mesmo com o anúncio da ‘morte de Deus’, “*levanta-se com toda a força no meio de nós*” (Ratzinger, 2017, p. 73).

Não é nossa pretensão nesta parte do nosso trabalho encontrar as respostas totalizantes e últimas sobre o tema, muito menos realizar um tratado teológico ou filosófico. Pretendemos sim, realizar reflexões e leituras teológicas e antropológicas do tema de Deus como mistério, que favoreçam uma melhor hermenêutica no contexto da disciplina de EMRC, onde o tema tem maior incidência no 9º ano de escolaridade.

O nosso trabalho visa, em última instância, valorizar a proposta curricular do PEMRC, apresentando novas propostas de enriquecimento tendo em conta a nossa experiência da PES e as reflexões de seguida apresentadas.

3.1 Aproximação teológico-antropológica à questão de Deus na atualidade

3.1.1 O Deus de Jesus Cristo: abertura ao mistério revelado

Falar do Deus de Jesus Cristo, é falar do testemunho dado por Jesus deste Deus, que se ‘baixa’ até à condição humana e se revela.

S. Tomás sustentava que era necessária uma doutrina fundada na revelação, visto que, o homem está ordenado para Deus, que excede a compreensão da razão, para que o homem possa conhecer a vontade de Deus, o seu fim último, e acalmar as inquietações do coração. Logo, a teologia, que tem Deus como objeto, deve ajudar o homem a chegar ao seu fim último (Ladaria, 2010).

Deus, no ato da revelação, não manifesta a totalidade de si, de forma a que o compreendêssemos. A revelação consiste no desvelamento do mistério oculto: o mistério da sua liberdade, da sua pessoa. A revelação é a revelação de Deus oculto, como tal (Kasper, 2011).

A revelação de Deus no seu filho Jesus Cristo, mais do que uma comunicação de verdades, é uma doação da sua vida, uma autocomunicação. O que conhecemos de Deus foi porque Ele se deu a conhecer; foi Ele que tomou a iniciativa. Assim, a revelação no A.T. ao povo de Deus foi um passo de autodesvelamento de Deus, que atingiu a plenitude em Cristo. A revelação de Deus como Pai comporta a de Jesus como Filho, na

unidade do Espírito – a unidade divina na Trindade e a Trindade na unidade (Ladaria, 2010). Rahner reconhece que, a fim de poder autocomunicar-se livremente para fora de si, Deus terá que ser pensado quanto à autocomunicação imanente a si mesmo. O Deus único é, assim, autocomunicação do Pai, em verdade (no Filho) e em amor (no Espírito). Esta autocomunicação é pensada, por Rahner, como uma espécie de autorealização de Deus, sem sair de si mesmo (Duque, 2008b).

Esta revelação é o evento que brota da bondade de Deus e que se realiza num diálogo feito de amor, mediante a qual o Pai se dispõe aos homens e mulheres, para conversar e os convidar a participar na vida trinitária, numa dimensão de comunhão (Fisichella, 2006).

O Deus revelado é uno e trino. Não há unidade sem trindade e vice-versa. É uma unidade na trindade. Contudo, também as outras religiões contêm sementes do Verbo e traços da verdade e da presença do Espírito. Deus pode ser conhecido mediante as obras da criação, que com a luz da razão podem conduzir ao reconhecimento da existência de Deus. No entanto, é em Cristo que Deus se revela de forma profunda e plena. Só à luz do mistério trinitário é possível compreender a encarnação: faz-se homem, morre e introduz-nos na plenitude da Sua vida. Contudo, Deus permanece misterioso e inescrutável, pois supera a possibilidade da compreensão humana, mas dando sentido ao que nos rodeia. Quanto maior é a Sua revelação, maior é o Seu mistério. Logo, a revelação confronta-nos com o mistério de Deus, na medida em que Ele se dá. A revelação do mistério é a revelação da salvação – Deus -, revelação do abismo do amor, que vai ao encontro das ânsias do coração humano. Deus, em si mesmo, é amor, o amante, aquele que doa, que é dom de si (Ladaria, 2010).

O mistério da Trindade é o mistério central da fé, ao qual se chega mediante a reflexão e contemplação da encarnação de Cristo. Em nome de Deus Trino entra-se na comunidade dos crentes, pelo batismo. A Trindade está no centro da liturgia, está no centro da vida da Igreja. Sem a Trindade não é possível entender a salvação de Cristo, pelo que, a cristologia ver-se-ia reduzida a uma funcionalidade. Pela História da Salvação chegamos ao mistério de Deus; a exigência de nos confrontarmos com esse mistério em si mesmo advém da própria História da Salvação (Ladaria, 2010).

Deus uno e trino – três pessoas ou três atributos de Deus. Quando se procura um deus/religião válidos para todos e submetidos à razão, aí não cabe a teologia trinitária. Não se pode separar as questões da existência de Deus e das características do seu ser – Amor (Ladaria, 2010).

Assim, a Trindade e unidade são dois aspetos do ser de Deus, que se auto-implicam mutuamente – triuno. Parte da revelação de Deus em Cristo, na revelação da Trindade económica, que se abre ao mistério da Trindade Imanente, pelo que, a noção de pessoa é central na teologia trinitária. Logo, é necessário abrimo-nos à «adoração do mistério santo que não podemos abarcar», para «crer com maior profundidade» e «dar a razão da nossa esperança», «descobrimo a riqueza das grandes intuições que nos precederam», para «nos sentirmos mais iluminados pelo mistério de amor que nos envolve» - Deus revelado em Cristo (Ladaria, 2010).

Deus Pai- Jesus Filho: o carácter de paternidade e de filiação traz a novidade na revelação de Deus, que não existia no A.T. Deus não se havia revelado como figura humana, e Jesus revela a condição divina e, por conseguinte, revela a essência de Deus (Lacoste, 1998).

Através de Cristo acedemos ao conhecimento de Deus uno e trino. O ponto de partida: a economia de salvação. A economia é o único caminho para o conhecimento da teologia. Rahner desenvolve um axioma fundamental para a teologia trinitária: «a trindade económica é a trindade imanente, e vice-versa», isto é, Deus revela-se na economia tal como é na sua vida imanente. A trindade é uma verdade de fé que não é deduzível a partir de um conhecimento proveniente das coisas criadas, ainda que elas contenham vestígios da Trindade. Só pela fé temos acesso ao Ser de Deus. Só pela revelação chegamos ao seu conhecimento, na medida em que Deus se mostra tal como é, de contrário não se revelaria. A revelação é, em si mesma, um ato de salvação. Logo, Deus revela-se e salva-nos de acordo com o seu Ser (Ladaria, 2010).

Partindo do pensamento de Karl Rahner, este vai afirmar que a Trindade é mistério, e mistério de salvação para nós. É mistério que vem ao nosso encontro, portanto, quando está em jogo a nossa salvação. Se não fosse assim, nem sequer haveria sido revelada. Portanto, não há sentido em pensar o Deus de nossa fé como “*mistério lógico*”, mas sim como “*mistério de salvação*”. Segundo Rahner, portanto, há que proceder sempre partindo do nível da *economia* (Deus agindo em nosso favor e por nós) em direção ao nível da *imanência* (Deus na sua vida eterna e perfeita comunhão entre as divinas pessoas) (Bingemer, 2004).

A trindade é uma verdade de fé que não é deduzível a partir de um conhecimento proveniente das coisas criadas, ainda que elas contenham vestígios da Trindade. Só pela fé temos acesso ao Ser de Deus. Só pela revelação chegamos ao seu conhecimento, na medida em que Deus se mostra tal como é, de contrário não se revelaria. A revelação é,

em si mesma, um ato de salvação. Logo, Deus revela-se e salva-nos de acordo com o seu Ser. Deus, ao atuar fora de si, implica que atuem unitariamente as três pessoas. Deus é o único princípio da criação e da história da salvação. E no atuar de Deus se apropriam as distintas pessoas, os modos de atuar que correspondem, na vida interior de Deus, ao que é próprio daquela pessoa – doutrina das apropriações. Apenas na Encarnação (ação ad extra) as pessoas atuam diferentemente, ao ponto de apenas o Filho assumir hipostaticamente a natureza humana. Contudo, também as outras pessoas participam no Evento: o Pai envia o Filho; o Espírito Santo, descendo sobre Maria, permitiu a revelação. É esta diferenciação que nos permite conhecê-las, na medida em que responde ao que elas são. Assim, a Encarnação mostra a verdade última do ser do homem. Há uma relação interna entre o *logos* e a natureza humana: o Filho, enquanto *logos*, é Palavra do Pai, na qual ele se pode manifestar/descobrir livremente. Nesta maneira de atuar, Deus mostra-nos algo do seu ser íntimo, pois corresponde ao seu modo de ser. Na Encarnação, a salvação que o Filho nos traz é a possibilidade de nos convertermos em filhos de Deus (Ladaria, 2010). Este *logos* significa “razão”, “sentido”, mas também “palavra”, palavra que é igualmente relação, criador. Este Deus, que é *logos* dá-nos a racionalidade do mundo, do nosso ser, a justa adequação da razão a Deus e vice-versa, ainda que essa razão ultrapasse infinitamente a nossa. O mundo advém da razão, e essa razão é pessoa, é amor. (Ratzinger, 2017).

Se no A.T. utiliza-se muito pouco a ideia de paternidade para se referir a Deus ou para relacioná-Lo com a criação, visto que, Ele deu-se a conhecer como o Deus da Aliança que estabeleceu com o povo de Israel, e, por isso, a paternidade de Deus é relacionada com o seu estatuto de Senhor, que domina sobre todas as coisas e que cuida do povo eleito, já no N.T. a revelação desta paternidade é um dado central da mensagem evangélica sobre Deus, que é Pai de Jesus, que durante toda a sua vida terrena apresenta um comportamento filial, e que nos comunica a condição filial. Por isso, Ele que saiu do Pai, conhece e dá a conhecer o Pai, dando testemunho dele, e por ele é glorificado. Mas, a ação paterna pressupõe a existência da filiação. Ora, Jesus viveu na condição filial, sem que se tenha intitulado Filho de Deus, mas, apenas, Filho. Desde sempre Jesus é Filho de Deus, e pela ressurreição é-o constituído em poder, ação esta na qual toma parte ativa o Espírito Santo. Desta for, nos diferentes mistérios da vida de Jesus realiza-se a revelação do mistério trinitário (Ladaria, 2010).

No entanto, Deus não é apenas Pai de Jesus, pois Jesus encarnado e glorificado introduz-nos na relação filial com o Pai, e onde o Espírito constitui o vínculo que

relaciona a filiação divina de Jesus e a nossa. Na verdade, a filiação divina será na sua plenitude um dom escatológico (Ladaria, 2010).

Mas, o evento Jesus, consumado no evento *kenótico*, torna-se possível mediante a ação do Espírito Santo, que desce sobre Maria, e que, desde a encarnação, está presente na vida de Jesus, revelando, assim, o seu caráter transcendente e divino. No entanto, também no batismo se assiste à sua unção com o Espírito, dotando-o de força para o cumprimento da sua missão, que nesse momento se inicia publicamente. Mas Jesus possui o Espírito como algo que lhe é próprio, e não, apenas, como um mero dom recebido de fora, um princípio externo. Antes, o Espírito habita e permanece Nele como lugar natural.

Assim, no mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus revela/manifesta o Deus uno e trino, que é Amor e Pai, e a filiação divina no Espírito Santo. A revelação trinitária no mistério da cruz, corresponde, assim, à demonstração máxima do seu amor por nós, mediante a entrega do Filho, onde pelo crucificado penetramos no mistério de Deus, e onde Deus reconcilia o mundo consigo. Desta forma, Deus coloca-se contra Si mesmo ao entregar-se para dar uma vida nova ao homem e salvá-lo. Assim, a revelação de Deus trino na paixão e morte tem sentido à luz da ressurreição, pela qual, Deus introduz na sua vida algo de novo, mediante a humanidade assumida pelo Filho (Ladaria, 2010).

Neste sentido, a ressurreição constitui o momento culminante da revelação da paternidade de Deus e da filiação divina de Jesus, que tem como agente principal o próprio Deus. Tudo isto possibilita a compreensão da trindade imanente, mediante a economia salvífica, ainda que, a trindade imanente não se esgote na economia. Assim, a ressurreição é uma exigência da geração eterna, pois é a maior expressão da mesma (Ladaria, 2010).

O Pai envia o Filho, pelo qual o Espírito desce aos nossos corações, numa atuação conjunta. O Espírito está em Jesus na sua vida terrena, mas ele não pode ser comunicado, pois o Filho ainda não foi glorificado. Logo, é necessário que Jesus morra, para que ressuscite, para que comunique e dê o Espírito. Esta é a novidade da ação do Espírito: Ele que já se tinha manifestado no A.T. e em Jesus, agora manifesta-se como Espírito do Pai e do Filho. Daqui, decorre a identidade e efeitos do Espírito, patente no N.T., nos Sinóticos, Atos, *Corpus Paulinum* e João. Em suma, os efeitos do mesmo na Igreja e no homem estão, também, em relação com Jesus, evitando sempre os subordinacionismos e instrumentalizações. O Espírito Santo universaliza e torna eficaz, em cada tempo e lugar, a obra de Cristo, atualizando-a, tornando-a presente, especialmente nos sacramentos. No

entanto, ela não tem fronteiras, pois não está limitada à nossa pura necessidade imanente (Ladaria, 2010).

Naturalmente que o Espírito Santo, enquanto pessoa da trindade, implica, a conjugação de identidade e relacionalidade, pois constitui um agente dotado de liberdade, e não um mero instrumento estático e sem iniciativa, ainda que, aja na dependência do Pai e do Filho. Logo, o Pai revela-se no/pelo Filho; o Filho realiza a salvação nos homens por meio da ação do Espírito Santo, como temos sistematizado na estrutura trinitária de salvação, nas suas dinâmicas descendente e ascendente (Ladaria, 2010).

Assim, a revelação não se reduz a uma mera comunicação ou informação, mas ela introduz-nos singularmente na vida divina, enquanto filhos adotivos.

3.1.2 *Um Deus de Amor*

“Deus é amor, e que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4,16).

Nesta passagem podemos observar, com clareza, que o centro da fé cristã reside no seguinte: *“a imagem cristã de Deus é também a conseqüente imagem do ser humano e do seu caminho”* (Bento XVI, 2006, p. 5).

Esta passagem da primeira carta de João é a novidade do autor sagrado para a definição de Deus, que quer fechar a possibilidade de outras fórmulas. O autor da carta pretende fixar-se na natureza de Deus, na sua essência qualificadora (Fisichella, 2006).

Deus na encarnação de Jesus assume a plenitude do Seu amor pela humanidade, dando o seu Filho, o *Logos*, que ao mesmo tempo Deus, revela a essência da dimensão e vida trinitária.

A confissão cristã da realidade de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, é o ponto fulcral da centralidade da revelação de Deus na história e que caracteriza a identidade do cristianismo (Pinho, 2002) .

Deus, pelo ato da criação, demonstra o seu desejo de amor para com a humanidade e pela sua criação, que provêm da sua *“Palavra criadora”* (Bento XVI, 2006, p. 21).

Na sua relação com o Povo Eleito, Deus vai manifestando a sua essência, o seu ser. Realiza com o povo uma Aliança fundada numa doação recíproca entre as partes: o cumprimento dos mandamentos por parte do povo, resultava a proteção de Deus para o povo, para os seus descendentes e para a terra que Deus lhes dera em promessa.

Esta história de amor entre Deus e o Povo de Israel, teve vários cenários: o afastamento de Deus, idolatria, adultério, traição, que levaram à quebra da Aliança. No entanto, “*o Amor apaixonado de Deus pelo seu povo – pelo ser humano – é, ao mesmo tempo, um amor que perdoa*” (Bento XVI, 2006, p. 23). Deus manifesta-se irrevogavelmente fiel à sua Aliança com o Povo Eleito e de forma gratuita e incondicional revela que é misericórdia e perdão (Pinho, 2002), como nos mostra o testemunho bíblico.

O A.T. e o N.T. formam uma unidade de conhecimento progressivo da revelação de Deus ao Povo Eleito, e, em Cristo, a todas as nações. Todo o AT prepara a vinda de Jesus, e, conseqüentemente, a revelação definitiva do Deus uno e trino. Tal preparação servir-se-á de figuras de mediação - enquanto momentos de preparação até à revelação do Deus uno e trino no N.T. - face à tensão entre a transcendência de Deus e o seu caráter misterioso e à sua capacidade de, simultaneamente, se tornar presente no mundo. Assim, surgem como figuras de mediação: a Palavra de Deus, a Sabedoria divina e o Espírito (Ladaria, 2010). Assim, no A.T. não há uma revelação antecipada deste Deus que é trindade divina, pelo que, é necessário interpretá-lo à luz do N.T..

A ação *kenótica* permite à humanidade o deslumbramento supremo do amor de Deus pela humanidade: “*Porque Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único*” (Jo 3,16). A utilização do autor sagrado no início do versículo do termo “*porque*” faz com este ganhe valor explicativo: o verbo “*dar*” o Filho por parte de Deus é utilizado em modo absoluto, quer dizer dar tudo de maneira total e plena (Fisichella, 2006).

O amor de Deus, com a doação do Seu Filho ganha um rosto: Jesus. Jesus é a autocomunicação, autoadoação e autorealização do Deus que é Pai.

O N.T. é a narrativa viva do acontecimento da revelação de Deus, em Jesus. Este amor fez-se visível, pois em Jesus, que é Filho, vemos Deus, que é Pai. Na história de amor que a Bíblia narra, Deus procura-nos, vem ao nosso encontro, para que este amor seja contagiante (Bento XVI, 2006).

Jesus, *verdadeiro Deus e verdadeiro Homem*, na sua vida terrena vai colocar em claro as características do Reino e, por conseguinte, do amor de Deus que é uno e trino. É um amor para converter o coração, para o cuidado dos mais frágeis, dos doentes, dos perdidos, dos que sofrem, dos que são marginalizados.

O amor de Deus é o da valorização da dignidade humana em todos os seus expoentes e em todos os contextos. De recordar a parábola do Juízo Final (Mt 25, 31-46), onde o amor é o critério de decisão sobre o valor ou inutilidade da vida humana. Aqui podemos observar que Jesus se identifica com os mais frágeis, onde podemos acolher as

obras de misericórdia corporais: famintos, sedentos, forasteiro, nus, enfermos, encarcerados (Bento XVI, 2006). Neste manancial, o “*amor de Deus e o amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus*” (Bento XVI, 2006, p. 30).

Como acabamos de observar, Deus ama as suas criaturas, homens e mulheres, sem condições e por pura bondade, e esta premissa constitui a máxima da práxis cristã, que nos identifica com este amor de doação e entrega aos outros, sobretudo os mais frágeis (Pinho, 2002).

O acontecimento da cruz, constitui o extremo deste amor de Deus pela humanidade: Deus, que deu o Seu Filho único ao mundo, dá-o até à morte deste, como premissa para a redenção e salvação da humanidade.

Na experiência da morte na cruz Deus revela o amor na sua forma mais radical: Deus vira-se contra si próprio, ou seja, Ele entrega-se à morte para levantar o ser humano e salvá-lo (Bento XVI, 2006). Neste ato, Deus revela a própria vida trinitária que é vivida como eterna e total autoadoação, onde o abandono de si é só em ordem à geração, geração esta que é a vida plena em Deus (Fisichella, 2006). Quanta beleza!

Jesus tendo autoconsciência de Filho, doou-se na sua total liberdade, como correspondência à amor com que o Pai gera o Filho. Esta relação, onde Deus tem autoconsciência de Si enquanto Pai e Jesus enquanto Filho, espiram o Amor como Terceira Pessoa. Esta doação do Espírito, presença de Deus na história, depois da glorificação do Filho, admite que o Pai tenha dado tudo, juntamente com o Filho (Fisichella, 2006).

Esta dinâmica trinitária, em que cada Pessoa age sem querer ser o outro, demonstra a verdade da essência do amor de Deus: Todos se dão por um amor incondicional aos homens e mulheres, criados à imagem e semelhança de Deus.

Esta experiência de sofrimento, dor, traição e morte é marcada pelo selo do amor, que encontra sentido nas palavras do Apóstolo, “*tudo desculpa, tudo suporta*” (1 Cor 13,7). Este extremo de doação é incompreensível à razão humana, causa escândalo. Daí que o evangelista Marcos coloca na boca do centurião o testemunho de fé: “*Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus*” (Mc 15,39) (Fisichella, 2006).

A doação do Filho, a sua condição humana, a sua morte e conseqüente glorificação, irá afetar em definitivo a trindade: Jesus, na sua glorificação, leva consigo a humanidade, tornando-nos participantes deste Deus, que é uno e trino. Nós, que por Jesus, somos elevados à condição de filhos adotivos, tornamo-nos participantes no mistério.

O desvelamento do amor de Deus na sua plenitude, impele o crente a viver de acordo com os parâmetros deste Reino anunciado por Jesus.

Jesus e a sua vida terrena são exemplo do estilo de vida a acolher e a experienciar pelo crente, o batizado. Este, animado pelo Espírito Santo segue Jesus durante a sua vida, assumindo os seus critérios e atitudes que são carregados de amor (Bingemer, 2014).

O amor ao próximo advém do mandato de Jesus na Última Ceia: “*Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros*” (Jo 13, 34). Amar a Deus e amar o próximo são condições indivisíveis: “*um exige tão intimamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o ser humano se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar*” (Bento XVI, 2006, p. 31). Neste amor a Deus e ao próximo, que é parte central do Mistério de Deus, é, igualmente, raiz da humanização do homem e centro da evangelização: “*o amor é a lei fundamental e a estrutura básica de toda a realidade*” (Pinho, 2002, p. 43).

Este bafejar de amor, decorrente da evangelização, ganha sentido na experiência de tantos e tantas, que correspondendo ao amor de Cristo deram a sua vida como dom total de si mesmo (Fisichella, 2006). Por isso, este amor, “*fundamento e horizonte último do ser de Deus*” (Pinho, 2002, p. 43), transporta-nos para uma experiência de amor proporcionada interiormente e que deve ser, posteriormente, comunicada ao outros: o amor cresce através do amor (Bento XVI, 2006).

3.1.3 O conceito de Deus, o ídolo e a via icónica

Para a compreensão deste mistério revelado por Deus, não se deixando fascinar pelo que é acessório, pretendemos aqui, partindo sobretudo das leituras e do pensamento de João Duque, apresentar a diferença entre *ídolo* e *ícone*.

No artigo *O conceito de Deus na teologia fundamental* de João Duque (2008a), este afirma que a Deus só pode ser pensável através da Sua própria palavra, a partir do qual Ele interpela o ser humano, interrompendo a sua autossegurança e dando-lhe uma nova segurança que é a fé. A palavra de Deus aos homens torna-se assim a condição de possibilidade da palavra dos homens a Deus e sobre Deus. A vinda de Deus até à sua magna criação, o ser humano, precisamente na sua palavra, é condição da possibilidade do próprio conceito de Deus.

Na relação do ser humano com o divino, Duque apresenta-nos, partindo de diversos autores, e da sua reflexão pessoal, a distinção entre *ídolo* e *ícone*.

O ponto de partida do processo relacional, segundo o modo idolátrico, é o próprio ser humano, pelo que, a envergadura da visão depende de quem vê. Neste sentido, o objeto da visão não passa de um espelho invisível, no qual o homem apenas se revê a si mesmo, como ídolo, pelo que tudo começa e termina no próprio sujeito, enquanto projetante e projetado. Transpondo este modelo para o conceito, este seria como um simples reflexo do pensamento do sujeito, sendo construído medida do mesmo. A construção do conceito de Deus, recorrendo ao modo idolátrico, constituiria uma negação do próprio Deus, dado que implicaria a Sua redução ao horizonte do visível e do pensável que seria subjetivo (Duque, 2008a).

Para Jean-Luc Marion o conceito de ídolo determina-se ao modo de ver as coisas e não ao objeto em si. O que é contemplado produz, no sujeito que o vê, um fascínio, fascínio esse que paralisa o contemplador, não podendo este ir além do que vê, produzindo assim um olhar idolátrico (Duque, 2012b).

Juntamente com este aspeto, corre um outro mais subtil, mas que acaba por qualificar o ídolo: o resultado do fascínio de que se fala é o olhar sobre si mesmo, pois o sujeito não tem capacidade para olhar além do que o fascina. O ídolo, o espelho invisível não prevê algo extra-mundo, pois depende apenas do olhar (Duque, 2012b).

Transpondo este modelo para o conceito, este afigurar-se-ia como um simples reflexo do pensamento do sujeito, sendo construído à sua medida. A construção do conceito de Deus, através do modo idolátrico, constituiria uma negação do próprio Deus, dado que implicaria a Sua redução ao horizonte do visível e do pensável (Duque, 2008a).

A subjetividade no ídolo e no seu sentido, o sujeito apenas se fascina com o sentido que contruiu, porque se fascina consigo mesmo e naquilo que se projeta. O sentido que não ultrapassa aquilo que nós somos e conseguimos captar pode ser de salvação, pois ninguém é autossuficiente para se salvar a si mesmo. Isto leva a uma sensação de pseudossalvação que leva à destruição do sujeito e à ilusão que este possui de salvação. (Duque, 2012b).

O modo idolátrico possui uma das versões mais antigas de ídolo: a idolatria do *indivíduo*. O indivíduo é a origem e o fim de si mesmo, apenas regendo a sua vida partindo da vontade individual. Com a modernidade e pós-modernidade esta versão ganhou força crescida, continuando o indivíduo à volta de si mesmo e na sua existência particular, ficando aquilo que era exterior a si como perigo e ameaça à sua autoconstrução

(Duque, 2012b). Esta visão da realidade individual, levará o sujeito à desvinculação social e a perceber muito rapidamente que não possui recursos suficientes para a construção do seu “eu”. Essa realidade e o desejo incomensurável de autorrealização levará o sujeito a perceber que o seu ideal torna-se inatingível. O isolamento idolátrico, que faz do sujeito o seu próprio deus, levará este a desvelar que o ídolo de vida feliz que o fascina o levará à autodestruição (Duque, 2012b).

Outra versão é o ídolo *virtual*. Este ídolo é visto numa noção que pretende afirmar que o que é virtual é aquilo que ainda não é mas poderá vir a ser (Duque, 2012b). Esta virtualidade, centrada nas tecnologias leva o sujeito a aspirar a realização dos seus sonhos, conduzindo o seu olhar para essa realidade que não é corpórea, que leva até à manipulação e à reformulação da realidade. O infonauta é o pós-humano, que cria um mundo melhor, mais perfeito, mais eficiente (Duque, 2012b).

João Duque (2012b) apresenta-nos ainda um outro ídolo bem atual: a *eterna juventude* que se pretende construir partindo da superação da finitude humana e na possibilidade da morte. O ser humano não olha para o envelhecimento como sinal de vida madura de quem ganhou com a experiência duma vida. Esta utopia levou o tema do envelhecimento a um tabu cultural. Os mais velhos, agentes deslumbradores dessa realidade, são marginalizados. Esta problemática coloca-se aos jovens adultos, pois esse horizonte de humanidade atingido levam os homens e mulher a olharem para si mesmo como horizontes idolátricos e, assim, à automutilação.

Quanto ao modo icónico, este não resulta de uma visão, mas provoca-a (Duque, 2012b) Este modo de ver e de pensar, aquilo que se vê adquire a sua visibilidade não por ser visto, mas por ver, pelo que apenas podemos ver o ícone como ícone, se formos originalmente vistos por ele. A invisibilidade que nos contempla, através da visibilidade do ícone, é que nos permite ver para além do primeiro visível. Portanto, no ícone, o efeito de espelho é ultrapassado, estando nós na presença de uma alteridade que habita e transcende a visibilidade. Assim sendo, transpondo esta análise para o conceito de Deus, poderíamos conceber o conceito icónico como o único modo de conceber a Deus, sem o tornar numa mera projeção idolátrica. Ao contrário da visão idolátrica, na visão icónica dá-se um modo de ver, no qual se vê que se é visto pelo outro/Outro, sendo esse olhar um constituinte duma identidade própria. (Duque, 2008a).

A experiência do outro humano é, nesta dinâmica, ícone em que nos contempla o Outro invisível. Podemos afirmar que a relação ao outro visível é presença da relação a Outro invisível e esta última é fundamento da primeira (Duque, 2008a).

Este modo de relação apresentado pode ser analisado a partir de dois aspectos centrais: quanto à origem e quanto à finalidade da nossa identidade. O primeiro constitui a nossa identidade como sere a partir do outro. A identidade do humano é a identidade de filho, ou seja, filiação que permanece toda a vida. Isso conduz-nos à experiência de que somos dádiva de algo que nos precede e, que segundo a via icónica, nos faz saber acolher essa dádiva, superando a possibilidade de sermos seres absolutos, princípios de nós mesmos. O segundo aspecto constitui a nossa identidade como transparência para o outro, como seres para o outro. A dádiva gratuita de sermos filhos faz de nós doadores, em gratuidade. A consciência de filiação, de filho, faz de nós possibilidade para ser igualmente doadores, para sermos pai/mãe. Assim, deixando-se ver, ou seja, cativar, afetar, por uma dádiva que o precede, caminhamos para dádiva ao outro, para se dar ao mundo (Duque, 2008a).

A distinção entre ídolo e ícone não está presente nos próprios objetos, mas no modo como nós estabelecemos relação com eles, pelo que, no que diz respeito ao conceito de Deus, o vértice é o modo como com Ele nos relacionamos. Assim, a condição indispensável para a verdade do conceito de Deus, e consequentemente para a sua pensabilidade e dizibilidade, é que este seja construído, acolhido e compreendido de modo icónico (Duque, 2008a).

João Duque, além deste critério base, propõe que se pense a verdade do conceito de Deus a partir de uma determinada modalidade icónica da sua constituição: a origem do conceito de Deus a partir da história da salvação, enquanto história da revelação.

A inatingível transcendência de Deus, relativamente ao mundo e à linguagem humana, não pode negar a possibilidade da pensabilidade e dizibilidade de Deus, senão entraríamos numa dialética de rutura e de contradição com a própria teologia.

A necessidade da relacionalidade como elemento do conceito de Deus: apenas compreendendo Deus como relação é que poderemos pensar e desvelar a Sua relação com o mundo, protegendo a sua condição de transcendente.

O verdadeiro conceito de Deus é aquele que provém d'Ele próprio e que nos atinge na sua revelação na nossa história de homens e mulheres, concreta, plural e ao mesmo tempo singular.

A questão da verdade: a verdade do conteúdo do conceito de Deus é essencial para toda a Teologia Fundamental, sendo que a verdade do Deus uni-trino (monoteísmo trinitário) é a verdade da relacionalidade e na unidade das diferenças que se torna fundamental para a interpretação do Mistério Pascal de Jesus.

Concluindo, a compreensão da relação do crente com o fundamento absoluto, compreendido, acolhido e vivido na realidade da história pessoal e comunitária, esclarece-se por referência ao conceito de Deus uno e trino.

3.1.4 A relevância/significatividade da relação teologal

A modernidade veio aflorar os descobrimentos espetaculares da ciência e colocar em questão os dogmatismos religiosos, bem como criar a expectativa que o ser humano, como desenvolvimento da técnica e da ciência, unido ao poder popular iria libertar o homem da ignorância, da irracionalidade e da pobreza (González-Carvajal, 1998).

A corrente da modernidade vai colocar-se, relativamente à religião, numa atitude de secularização, em que a religião, tendo perdido a sua pertinência social e até humana, reduz-se ao contexto individual e interior, onde todos os campos sociais estão em rutura com o religioso (Duque, 2004).

A atitude religiosa e as correspondentes atitudes culturais são vistas pelos modernos como uma fase infantil da humanidade, que serão superadas na idade adulta com a autonomia e emancipação do ser humano a todos os laços transcendentais ou heterónimos (Duque, 2004).

A dialética da modernidade vai ser a fomentadora da sua própria crise: o facto de não se vincular a qualquer tipo de tradição, não lhe vai permitir criar a sua própria tradição, o que inflige um sistema circulatório que a leva a recomeçar a cada passo, tornando-se, com o tempo, numa situação humanamente insustentável (Duque, 2004).

Com pretensão de rutura com o transcendente e com as manifestações religiosas, a modernidade quis ocupar esse vazio, colocando no centro o ser humano e a sua emancipação, com ritos e símbolos próprios, no lugar anteriormente ocupado pela religião. Isso transformou-se na divinização do homem. Todas estas promessas da modernidade dum religião laica que, em grande parte, não foram realizadas causou uma enorme desilusão no projeto que, conseqüentemente, levou a uma crise de valores que voltou a ser preenchido por elementos religiosos: entramos na pós-modernidade (Duque, 2004).

A pós-modernidade nasce da relação pós-secular com a religião, superando os preconceitos trazidos pela modernidade relativa à dimensão religiosa do ser humano,

fazendo com que estes tenham uma nova preponderância. Temos assim um “regresso do religioso” (Duque, 2004).

A nova perspectiva pós-moderna fará o ser humano olhar para a realidade de forma diferente: enquanto que o homem moderno era obcecado pela ciência, técnica e produção, o homem pós-moderno está obcecado pelo consumismo. Marcado pelo individualismo, o homem procura gozar das experiências terrenas, dando passos para o hedonismo, ou seja, o prazer como bem supremo e objetivo de vida (González-Carvajal, 1998).

Ora, isso irá desaguar numa leitura de superação do postulado de Descartes “*penso, logo existe*” e dar lugar ao “*sinto, logo existo*”. Isto não é fazer jus à filosofia de Descartes, pois a leitura é redutora. A pós-modernidade quer com isto dizer que, partindo do sonho dogmático da razão, o sujeito nunca poderá relacionar-se com o incondicionado, com o absoluto (González-Carvajal, 1998).

O ser humano e religião são o horizonte da reflexão atual, bem como a pertinência do cristianismo, enquanto religião do presente e do horizonte futuro.

No contexto contemporâneo, a religião poderia ser vista como mais uma das ofertas do nosso mundo, segundo mecanismos do mercado e do consumo, onde o ser humano procuraria o conforto das respostas para o possível fracasso da economia e da ciência (Duque, 2004).

A religião é uma procura que se “*assume como resposta humana a uma interpelação ou questão originária, que constantemente precede e questiona o ser humano e lhe exige uma resposta da procura*” (Duque, 2004, p. 14).

Duque (2004) propõe a análise do fenómeno religioso partindo de três categorias: o *dom*, a *figuração* e a *transfiguração*.

A primeira, o *dom*, interpreta a realidade como *dom gratuito*: dom por não se tratar duma produção nossa ou do nosso mundo e gratuito por não depender de nenhuma necessidade prévia que a obrigasse a existir. Esta interpretação do real remete para uma origem transcendente a esse real. Por outro lado, essa realidade que advém do dom transcendente, não lhe pode ser estranha, pelo que deve corresponder a essa origem, ou seja, terá que ser *imane*nte à realidade. Podemos desvelar uma definição de religião: “*a nossa realidade como dom gratuito de uma origem transcendente, correspondendo a essa origem, na medida em que a reconhece e para ela se oriente*” (Duque, 2004, pp. 15-16). O culto, neste contexto, é a resposta real-simbólica desse reconhecimento, pois a religião é uma atitude humana (Duque, 2004).

A segunda categoria apresentada por Duque, a *figuração*, remete-nos para o simbólico, já que o ser humano cria símbolos e neles se exprime. Ou seja, o ser humano elabora formas ou figuras concretas que correspondem ao seu próprio ser, contextualizado no espaço e tempo da sua história que o orientarão para aquilo que ele é e irá ser. Ora a figuração é realização de cultura, que produz e que é resultado dela. Como tal, a religião é também cultura, enquanto resposta à sua origem mais originária: ela articula os seus símbolos “*à origem transcendente da realidade assumida como dom gratuito*” (Duque, 2004, p. 17). Desta figuração cultural resulta a dimensão institucional da religião que vive em tensão com as realidades sociopolíticas. Uma religião sem cultura, ou seja, sem a concretização simbólica era uma contradição em si mesma, uma vez que não passava de uma mera ideia produzida pelo ser humano.

O “regresso do religioso” veio alargar o leque de possibilidades dos movimentos religiosos, que não requerem uma vinculação institucional, sendo a religião vista de forma subjetiva e individualista. Ora, isso acentuar ainda mais a crise de valores ditos tradicionais em prol de valores individuais. Daí a necessidade e importância da reflexão de João Duque.

Última categoria apresentada por João Duque leva-nos a olhar para o ser humano como um ser em caminho, que busca o sentido de si, própria verdade e da verdade do real. Logo, essa dinâmica não se pode cingir exclusivamente à figurativa, pois o movimento de criação de novas figuras culturais torna-a uma atividade *transfiguradora*. A fonte desta transfiguração é a sua origem transcendente, que se torna origem e meta dessa transfiguração. Assim, esta dimensão transfiguradora encontra-se relação com a dimensão originária, que concebe a realidade como doação gratuita, que produz uma dimensão figuradora na realização de novas culturas concretas.

Como síntese, o autor afirma que o dom gratuito originário, a figuração cultural dessa origem e orientação para todas as transfigurações, rumo à plenitude, são dimensões que não podem existir umas sem as outras.

A religião cristã é “*concebida como resposta que interpela e como acolhimento do ser e da salvação como dom gratuito*” (Duque, 2004, p. 25). O cristianismo tem pontos convergentes com outras tradições religiosas, mas ao mesmo tempo distingue-se pela sua identidade própria: a fé no Deus uno e trino e a encarnação. Assim, a identidade cristã vincula-se na visão de Deus, do ser humano e do mundo em que a unidade assenta no respeito e reconhecimento das diferenças e na sua múltipla relação (Duque, 2004). Nesse sentido, os cristãos são habitantes do mundo, mas interpelados a uma vocação específica

perante a cultura, que implica discernimento da mesma e intervenção no contexto pluralista com a relação que possui com este Deus uno e trino (Duque, 2012a).

Numa época vazia de valores, o cristianismo apresenta-se como uma alternativa, propondo uma vivência ética num mundo segregado e individualista, assente na valorização inquestionável da dignidade da pessoa humana, independentemente do seu contexto e estrato social. Ao mesmo tempo, apresenta-se com uma proposta de *cultura no sentido antropológico*, como nos apresenta Carvajal (1998). Este tipo de cultura não individualista, mas uma cultura do povo, assume. Uma cultura que é permanente em que todos se podem identificar e buscar um sentido (González-Carvajal, 1998). No entanto, a cultura produzida pela religião cristã não pressupõe uma alienação do ser humano, “*como consumidor ou mesmo objetivo de consumo*” (Duque, 2004, p. 23).

A centralidade da fé cristã pressupõe que o crente se oriente para a pessoa de Jesus Cristo e que essa orientação implique um conteúdo determinado, que na verdade é a mesma pessoa (Jesus Cristo), simplesmente no conjunto das afirmações que sobre ela se fazem e que dão forma à visão do mundo na perspetiva cristã (Duque, 2012a). Como tal Jesus “*é sempre um evento humano, realizando-se incontornavelmente como evento inter-humano, nunca sendo puro produto humano*” (Duque, 2006, p. 154). A dimensão crente é que possibilita a articulação paradoxal. Assim a fé pode ser definida como o modo de existência segundo a qual a identidade pessoal, assente na liberdade, se desenrola na relação inter-humana, que tem como fundamento uma interpelação do outro-Outro, que é anterior a qualquer pretensa de autoconstrução, tanto a nível pessoal como a nível social (Duque, 2006). O acesso a este Jesus é, radicalmente, o acesso crente, seja na sua forma originária da identidade cristã seja no conteúdo que, mediado de diversos modos, estabelece critérios dessa identidade (Duque, 2012a).

João Duque (2006) afirma que a disseminação contemporânea do crer na relação com a fé cristã, evoca novas possibilidades dessa relação mediada. Como tal apresentamos algumas dessas mediações que passo a expor: a crença em Jesus dá-se numa cultura pluralista e na liberdade pessoal do crente implica uma hermenêutica valorativa do sujeito com a sua relação interpessoal com Jesus; a disseminação atual do crer pressupõe uma apreciação positiva, mesmo no âmbito do desejo, do prazer e do afeto, como mediação fundamental do acesso a Jesus, evitando assim versões utópico-ideológicas; a instabilidade atual do crer alerta-nos para a necessidade de hermenêuticas permanentes sobre o conteúdo da fé cristã. Deve-se privilegiar a relação com Deus como encontro pessoal com o mistério envolvente, que não abarcamos na profundidade nos diversos

contextos do cristianismo; a procura surge como especial forma de experiência de Deus, superando a fixação pessoal nas respostas já encontradas; o crente dá mais importância à mediação emocional da experiência de Deus, ou seja, crer é primeiramente um afeto para cada sujeito na medida em que sente o seu valor que, por conseguinte, determina emocionalmente o sentido da sua existência.

Nesta relação e experiência, os crentes cristãos podem saber-se como filhos de um amor originário e gratuito, como vimos noutra parte desta parte. O desafio cultural atual propõe que a fé cristã seja uma proposta para os seres humanos se sentirem como seres dados, ou seja, filhos, não como autores de si, mas como seres de liberdade, com poder de decisão. A vivência na liberdade dos filhos de Deus é um contributo profundamente humanizante, num contexto cultural desiludido e que continua à procura (Duque, 2012a).

A relação com Deus enquanto Pai trinitário e faz-nos ter consciência de nós enquanto filhos, por relação com o Filho trinitário. Isso nos critérios da fé cristã é uma vivência determinante: a interpretação que o ser humano tem de si mesmo é como *dádiva de si* por relação ao Filho (Duque, 2012a).

A experiência crente de Deus, mediado pela incorporação do Filho, são o vínculo para uma relação teologal entre o Criador e a criatura. Esta experiência, realizada num contexto específico necessita de uma hermenêutica sempre renovada que possibilite a plenitude da relação com Deus. A experiência da busca de sentido, inerente à condição humana, pressupõe uma consciência que não somos frutos de nós próprios, mas de um dom gratuito, dum amor que nos ultrapassa na sua profundidade, que experimentamos intensamente na vivência única e ao mesmo tempo coletiva desse Amor originário que é Deus. O crente, consciente dessa vivência e dessa condição de filho não pode fechar-se em si mesmo como único modo de a conservar. É na doação de si, num contexto cultural plural, que dá a conhecer os critérios dessa relação teologal que, por si só, é testemunha credível da fé cristã, como garante duma identidade e duma ética que valoriza a dignidade do ser humano e do mundo em que vivemos.

3.1.5 A experiência cristã de Deus: amado para um amor de alteridade

A experiência religiosa é entendida por Jean Mouroux como “o ato – ou o conjunto de atos – pelo qual o homem se entende a si mesmo na relação com Deus”

(García, 2002, p. 252). Esta experiência necessita duma realidade concreta que é a realidade da criação, ou seja, a presença do transcendente no ser humano para fazê-lo existir e chamá-lo a si (García, 2002).

Esta experiência exige uma resposta pessoal dos homens e mulheres, pela consciência que estes possuem do conjunto de relações pessoais que os comprometem inteiros, ou seja, na sua totalidade e nas diversas dimensões, em relação ao Criador (García, 2002). A experiência religiosa afeta o homem até ao fundo das entranhas da sua existência (Kasper, 2011).

A forma pessoal da experiência em que consiste crer, para se realizar, necessita de se encarnar na totalidade de condições, aspetos e dimensões de cada sujeito. Tem de ser vivenciado pondo ao serviço a consciência, a razão, a vontade e o sentimento de cada pessoa (Velasco, 1997). Assim, toda a experiência aparece condicionada à situação individual de cada um, pela cultura e sociedade onde estão inseridos.

Assim, experiência religiosa está mediada historicamente, uma vez que depende de experiências e histórias passadas, que ganham um novo sentido com a experiência pessoal de cada um, ou seja, a experiência encontra-se sempre em tensão com a recordação da experiência passada, a experiência atual e a sua transmissão, com a esperança da sua conservação e confirmação (Kasper, 2011). Daí a experiência ser “*ser um processo de aprendizagem sempre novo e nunca fechado*” (Kasper, 2011, p. 107). É igualmente mediatizada, porque a presença de Deus não é captada diretamente senão através de sinais ou conjunto de sinais, que terão resposta pessoal livre em forma de pensamentos, atitudes espirituais, sentimentos e ações religiosas que permitam captar a presença do divino (García, 2002).

No entanto, esta experiência não pode ficar refém de posições objetivistas ou subjetivistas, pois abarca ambas: é o resultado do jogo da realidade objetiva com o tratamento subjetivo inserido num determinado contexto. É o choque com a realidade e a interpretação deste choque colocado em palavras, imagens, símbolos e conceitos: dialética histórica (Kasper, 2011).

Na verdade, segundo Mouroux, esta experiência religiosa é uma experiência integrante, na medida em que se encontram comprometidos e hierarquicamente integrados os aspetos mais importantes da pessoa: intelectual, voluntário, afetivo, ativo, comunitário ou social. A redução da experiência apenas a um dos seus elementos iria produzir uma deformada visão da autêntica relação entre o homem e Deus (García, 2002).

Na experiência religiosa aparece o horizonte último, global e acolhedor da experiência humana: a dimensão do mistério, que é a origem e meta de toda a experiência. (Kasper, 2011). Ou seja, é uma experiência do sagrado, porque Deus revela-se no seu mistério mais profundo, como o Totalmente Outro, como transcendente e imanente, como Ser que está longe e perto, como presença que precede o homem e simultaneamente o constitui desde o seu interior, no qual sobressai os traços de interiorização e personalização que caracterizam a relação com Deus (García, 2002).

O homem nesta experiência sente a presença duma realidade que se impõe e que impõe uma determinada orientação de vida (Velasco, 1997).

A experiência religiosa só descobre o seu verdadeiro sentido dentro duma linguagem religiosa e duma tradição cristã (Kasper, 2011).

A experiência cristã de Deus tem como fundamento histórico central a experiência pascal dos apóstolos de Jesus, no qual depois de crucificado e morto, Jesus aparece como ressuscitado e Senhor (Velasco, 1997). Este ato de amor maior por parte Deus, possibilitou aos homens e mulheres deste mundo o acesso a Deus na Sua plenitude.

Este Jesus, como já vimos anteriormente, apresenta-se como revelador do Pai, que na sua condição humana nos dá a possibilidade de aceder ao Deus uno e trino.

Jesus aparece num contexto social e político onde o Povo Eleito sente de forma mais perene a necessidade e a esperança no Messias, o salvador enviado por Deus (Velasco, 1997).

A Sua mensagem vem trazer algo novo a este povo, habituado à presença de profetas. Este Jesus não vive como eles: Ele vem em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel, dirige a sua atenção e o seu amor aos pobres, aos marginalizados, aos doentes, aos publicanos e chama-se a Si mesmo como Filho do Homem (Velasco, 1997). Jesus através da sua pregação apresenta o Reino de Deus: que *“é a proclamação de uma nova sociedade constituída segundo a vontade e os desígnios do Pai”* (Velasco, 1997, p. 78).

Este Reino assente no amor, no perdão, na misericórdia, no serviço aos mais frágeis e marginalizados, implica a chamada incondicional ao seu seguimento. Esta nova forma de Deus se dizer presente na história da humanidade vai revelar que o messianismo de Jesus não é o esperado por parte do povo, que assentava num messianismo político (Velasco, 1997).

Nesta perspetiva, a vivência e a pregação de Jesus vão levar ao confronto com as autoridades políticas e religiosas. Por sua vez, este confronto vai levar à condenação e morte de Jesus.

Com este acontecimento, os discípulos desanimam, veem as suas esperanças fracassadas. No entanto, a experiência de encontro dos discípulos com Jesus ressuscitado é experiência marcante que mudará para sempre o decurso da história: a ressurreição e o encontro com Jesus ressuscitado mostra-nos que existe a possibilidade duma “*nova humanidade liberta, onde podemos ter a certeza que o fim não é a morte, mas a vida, aquela a quem chamamos eterna por ser participação íntima na própria vida divina*” (Ambrosio, 2002, pp. 124-125).

Os relatos de aparição são igualmente relatos de missão: este deslumbramento do aparecimento de Jesus é sobretudo testemunhal e está orientado para provocar um recomeço de iniciativa evangelizadora por parte dos discípulos, que na incondicional relação de comunhão/seguimento de Jesus se veem preparados para a missão (Sequeri, 2013).

Esta nova experiência de Deus em Jesus ressuscitado traz consigo uma novidade: o Espírito Santo. O Espírito é a raiz da experiência cristã. A experiência cristã “*tem lugar no coração do homem, quer dizer, no centro da pessoa humana*” (Kasper, 2011, p. 106). Partindo da transformação do coração, através da efusão do Espírito, é que os discípulos puderam reconhecer o ressuscitado. Ele é a raiz, pois a doação do Espírito é o culminar da revelação da doação de Deus à humanidade (Velasco, 1997).

O Espírito Santo transforma o interior do crente e que torna presente nele a consciência da Presença de Deus uno e trino. Uma presença que transforma, molda e anima todos os congregados em Jesus Cristo (Velasco, 1997). Esta união/comunhão dos experienciados formam a Igreja, Templo de Deus, Corpo de Cristo. Todas as experiências individuais são diversas e irreduzíveis, mas encontram a sua unidade e fonte – Cristo e Espírito Santo – na sua convergência que é a Igreja (García, 2002).

Todo o crente, pelo Espírito Santo, conforma-se com Cristo, através dos sacramentos, da vida de fé e do testemunho, e faz nascer em nós a mesma vida de Cristo, que nos permite viver por imitação a Este (García, 2002), como afirma o Apóstolo dos gentios: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim*”(Gl 2, 20).

Jesus é o núcleo central da experiência Cristã de Deus, onde este nos revela Deus na sua plenitude de ser e modo de ser, na qual pelo Espírito Santo somos configurados com Ele para vivermos uma vida nova, uma vida de amor a Deus e amor aos outros.

Assim, Ele é o único mediador entre Deus e os homens: só a partir de Jesus, o homem pode ter acesso à realidade que é totalmente inacessível, ou seja, Deus Trindade (García, 2002). Jesus comunica Deus e a união do homem com a humanidade de Cristo é o caminho de acesso a Deus (Velasco, 1997).

A experiência cristã de Deus leva o sujeito ao ato de fé. Em análise, podemos distinguir a fé em dois momentos: a *fides qua* e a *fides quae*. A primeira pretende qualificar o ato que com o impulso da graça se crê e que comporta a entrega pessoal a Deus que se revela e se torna verídico e credível; a segunda especifica o momento da fé que de maneira unitária consiste no mistério da revelação de Deus em Jesus Cristo: fé na Trindade (Fisichella, 2006). Ambos são momentos dum único ato, que completam o ato de fé.

Jesus no anúncio do Reino e no testamento que deixa aos apóstolos na *última ceia* vai transmitir a centralidade da vivência da fé em Jesus Cristo: amar a Deus e ao próximo. Como já havíamos referido anteriormente, o amor a Deus e ao próximo são duas condições indivisíveis da experiência cristã. Estas condições são a realidade de uma amor que é supremo e que advém de Deus. A primeira motivação para viver este amor “*é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais*” (Francisco, 2014, p. 174).

Assim, a fé em Jesus é um dinamismo relacional do sujeito livre que lhe é proposto a partir da diferença, ou seja, nesta relação de liberdade pessoal e interpelação transcendente de uma alteridade que se pode compreender essa mesma fé (Duque, 2013). A fé, a relação e o amor subjacentes não podem ficar refém da nossa individualidade, mas tem de ser estendida aos outros: o amor cresce através da vivência desse amor (Bento XVI, 2006).

Esta condição crente, no qual vivemos conformados com Cristo e vivemos segundo o modo de viver de Cristo a definição da nossa condição humana é condicionada: somos “*ser a partir do outro e ser para o outro; núcleo de relações de diferenças reais/pessoais; a consideração do ser humano como ser corpóreo ou incarnado*” (Duque, 2012a, p. 169). Esta noção impele-nos para uma alteridade concreta, em que vivemos essa conformação numa práxis evangélica que advém dum amor que habita e plenifica a vida humana que é condição de possibilidade e mola impulsionadora dessa práxis (Bingemer, 2014).

Não há amor verdadeiro a não ser que o outro seja reconhecido como sujeito, o outro semelhante e não como um objeto de consumo (Geffré, 1994).

“O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus” (Francisco, 2014, p. 179). Deus criou-nos à sua imagem e semelhança e por isso cada pessoa “reflete algo da sua glória” (Francisco, 2014, p. 181) e é objeto da ternura e do amor infinito de Deus, pois Ele habita em cada um (Francisco, 2014).

Neste contexto, o cristão é incompreensível sem a categoria de «compaixão», pois em referência ao Crucificado, “*ser cristão implica assumir a atitude de quem sofre como o sofrimento do outro, constituindo essa relação ao outro o único caminho de salvação*” (Duque, 2006, p. 162). Ao dar a Sua vida na cruz por nós, Jesus dá sentido à vida humana afirmando que cada um é imensamente sagrado e merece o afeto e dedicação dos irmãos em Cristo (Francisco, 2014).

Podemos encontrar na Sagrada Escritura o amor de Jesus pelos mais frágeis, na qual somos enviados a praticar como testemunhas desse mesmo amor contagiante. Na práxis dessa experiência de amor reconhecemos no outro a imagem de Deus, rosto da possibilidade da continua experiência que nos transforma, renova e converte.

A nossa relação com Deus ganha sentido numa vida que é colocada ao serviço dos outros, “*é a nova vida no existir para os outros*” (Pinho, 2002, p. 55).

O culto e a oração são contributos preciosos a esta vivência da fé. A oração alimenta a doação diária do amor que imana e que transforma e o culto como momento em que colocamos diante de Deus os propósitos da vivência generosa e donde recebemos o dom de amor que se manifesta na dedicação e serviço aos irmãos (Francisco, 2018).

Somos seguidores deste Cristo salvador e só esta experiência nos possibilita vivenciar os valores éticos manifestados na prática de Jesus, vivemos segundo o Espírito (Silva, 2011).

A experiência do amor ao próximo, do pobre, do marginalizado, do doente, pode ser o ponto de partida para chegar a Deus, na medida que esse *ethos* estabelece a relação com os outras criaturas e, como tal, por referência ao Criador, vivemos a experiência desse amor (Silva, 2011).

Em jeito de conclusão, a experiência cristã de Deus assume a categoria de amor que advém dum duplo sentido: vertical e horizontal, como a Cruz. O vertical advém desta relação amorosa entre Deus e as suas criaturas, no qual o segundo se sente interpelado e aberto ao mistério de Deus imana. Experimentamos esse amor na revelação concreta de Jesus que na plenitude do seu amor dá a sua vida por nós e nos possibilita a participação plena em Deus Uno e Trino. Dessa relação vertical advém o sentido horizontal no qual cada criatura, criado à imagem e semelhança de Deus, é o rosto concreto desse Deus amor

e por isso somos impelidos a dar a vida aos nossos semelhantes tendo como base a vivência evangélica de Jesus.

Não podemos mais viver para nós, pois o a vida e o exemplo de Jesus são imperativos ao amor e serviço ao outro (Velasco, 1997). A fé e o amor, vivenciados na Igreja mistério de presença e de missão (García, 2002), ou se conjugam juntos, ou juntos se dissolvem: a fé procede do amor e o amor procede da fé (Fisichella, 2006).

Esta experiência de amor, na qual professamos a nossa fé, é sacramental e mediada: em Jesus Cristo, sacramento originário de Deus e na Igreja como continuadora sacramental da presença de Jesus na história, corpo histórico de Jesus no mundo, que através da celebração cultual e da escuta da palavra somos confirmados continuamente na prática do amor e no serviço aos irmãos (Velasco, 1997).

“O rosto humano do irmão torna-se ao mesmo tempo expressão do próprio rosto de Deus” (Pinho, 2002, p. 45).

3.2 Aproximação exegética a alguns textos bíblicos

O trabalho que se segue foi realizado no âmbito da unidade curricular Hermenêutica dos Textos Religiosos do Mestrado em Ciências Religiosas – ensino de Educação Moral e Religiosa Católica.

Aqui pretendemos realizar uma análise dos textos bíblicos que fazem parte da unidade letiva lecionada que é o tema deste: *Deus, o grande mistério*.

O objetivo da análise exegética é aferir se os textos apresentados pelo programa da disciplina se enquadram ou não no contexto em que são utilizados. Na verdade, o programa da disciplina apresenta os textos como conteúdos programáticos, ganhando assim uma relevância considerável para as aprendizagens dos alunos no ensino religioso. Além disso, pretendemos que esta análise favoreça uma melhor hermenêutica dos textos, adequada aos contextos escolares, culturais e sociais em que nos encontramos.

Os textos propostos pelo programa para a unidade letiva enumerada são os seguintes: Sir 43, 27-33, Sl 23, Jr 7, 4-11 e Tg 2, 14-17. Para cada um dos textos será apresentado o enquadramento curricular, uma análise exegética, onde iremos fazer uma leitura crítica do texto sagrado, partindo de investigações académicas, e faremos uma leitura da pertinência curricular do texto.

A leitura de textos sagrados no contexto escolar pode incorrer num perigo catequético, fugindo assim da missão e intencionalidade da disciplina. No entanto, a Palavra de Deus não é um conjunto de verdades mais ou menos teóricas, mas a revelação da pessoa de Deus (Alves, 2004). Ora, o objetivo da unidade é lançar o questionamento de Deus, partindo da leitura de diversas tradições religiosas, sobretudo as denominadas “religiões do livro”. É impossível apresentar o Deus judeo-cristão sem recorrer aos textos da sagrada escritura.

3.2.1 *Sir 43, 27-33*

Enquadramento Curricular

O texto apresentado corresponde ao conteúdo *A imensidão e bondade de Deus*, inserida na Meta curricular *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (B)* e no objetivo *Destacar a bondade e a grandeza de Deus* (SNEC, 2014). O texto aparece no subcapítulo *Deus, oceano de Amor*, do recurso Manual editado pelo SNEC, denominado de *Quero Ser* (SNEC, 2015).

Análise Exegética

Apresentamos os temas doutriniais abordados pelo autor no seu escrito (Lindez, 1995):

- a) *A Sabedoria* – aqui expõe sobre a origem da sabedoria e sobre a forma como deve ser amada;
- b) *O Homem* – aqui fala sobre as dicotomias sensato e néscio, justo e malvado, rico e pobre, generoso e tacaño, alegre e triste, humilde e soberbo, mortal e imorta;
- c) *A Vida em sociedade* – expõe sobre a palavra, os ofícios, a vida familiar, o matrimónio, os filhos, os servos, a vida extrafamiliar, as más companhias, os poderosos, os amigos e as festas;
- d) *A Injustiça social* – aqui explana todos os contextos de injustiça, sobretudo com os mais pobres e frágeis;
- e) *O âmbito religioso* – neste campo fala sobre Deus, enquanto bom e misericordioso, enquanto criador, o que providencia e sobre o temor do Senhor.

O pensamento e a escrita do autor sofrem influências da cultura imergente, a cultura helénica. Definitivamente, a influência grega está presente nas características gerais da obra. Parece que Ben Sira escreve um livro escolar ao estilo dos educadores grego e que tem presente a orientação educativa dos estoicos (Asencio, 1997). No entanto, o influxo negativo da cultura grega também vai “irritar” o autor, quando expõe a sua cólera contra o domínio estrangeiro e o facto da sociedade judaica se deixar imiscuir pela cultura helénica (Sir 36, 1-17) (Asencio, 1997).

Perícopo Sir 43, 27-33

O autor sagrado neste texto repete o que autor do livro de Job expôs nos capítulos 38-39, afirmando que tudo é obra do Criador e que este mantém vivo tudo o que cria (Gilbert, 2003).

Nesta perícopo, o autor pretende prestar um elogio ao criador (Gilbert, 2003) e recapitular as ideias que nela expressa. Pretende apresentar a Sabedoria na natureza e na história. A maestria da obra criadora implica soberania e a suprema sabedoria de Deus, daí que, implicitamente, afirma o que havia exposto no início do livro: «toda a sabedoria vem do Senhor e com ele está sempre» (Sir 1,1) (Asencio, 1997).

Neste excerto, o autor apresenta a conclusão do que apresentou no capítulo 43 até ao vv 27. A sua apresentação ele refere os elementos cósmicos criados por Deus e fá-lo em dois grupos: no primeiro tudo o que pertence ao céu (Sir 43,1-12) e no segundo aquilo que é próximo do ser humano, a terra e o mar (Sir 43, 13-26) (Gilbert, 2003).

Diante da palavra criadora de Deus só sabe afirmar o seguinte: “Ele é tudo”. A expressão é muito próxima de “Deus do mundo” de Sir 36,1, se bem que alguns comentaristas creem poder descobrir em tal expressão influências da filosofia estoica. (Asencio, 1997) A expressão remete para a leitura de que Deus é a origem de tudo e tudo existe por referência a Ele (Gilbert, 2003). A frase “Ele é tudo” pode incorrer numa leitura de Deus como panteísta (Lindez, 1995).

Sira coloca neste texto o reconhecimento: “Ele é maior que todas as suas obras” (43,29). “Quem o viu a fim de o poder descrever? Quem é capaz de o louvar como Ele é, em toda a sua amplidão?”. Esta confissão de grandeza não se opõe ao reconhecimento da sua misericórdia, pois como afirma noutras passagens “como é a sua grandeza, assim é a sua misericórdia” (2,18b; cf. 3,20; 17,29a) (Lindez, 1995).

São muitas as passagens do livro que atestam sem vacilar a fé em Deus, criador de tudo quanto existe. Nisto está incluído o homem, imagem e semelhança de Deus, tangível e visível. No entanto, Deus é “maior do que as suas obras” (Lindez, 1995).

O excerto remete, ainda, para a condição do mistério: “Por muito que digamos, muito nos ficará por dizer”, “(...) pois não vimos senão um pouco das suas obras”. O autor pretende enaltecer as obras visíveis e indicar que muito existe mais que nos é oculto e que não conseguimos abarcar. Contrariamente ao homem, tangível e visível, Deus mostra-se apenas naquilo que se revela nas suas obras. Não importa conhecer tudo o que vemos, Deus permanece mistério (Lindez, 1995).

A expressão em Sir 43,33^a “O Senhor fez todas as coisas” é de indubitável tradição bíblica. A contemplação do canto do sábio termina em elogio ao criador e a necessidade da piedade autêntica para chegar à verdadeira sabedoria. (Sir 43,33b). Aqui aparecem em perfeita harmonia a teologia da criação e a sabedoria (Asencio, 1997).

A contemplação do universo incita a louvar o Criador que necessariamente o supera sem medida comum. Nesse sentido, Ele é infinito e misterioso além de todas as suas obras (Gilbert, 2003).

Pertinência Curricular

A subtema onde está inserido este texto, pretende sublinhar a grandeza e o mistério de Deus. O facto de o autor sagrado afirmar a sua limitação linguística para falar sobre Deus, está a vincar a grandeza de Deus criador e a sua condição de mistério.

A simbiose que o autor apresentar no texto entre o criador e o que é criado, sobretudo o Homem, pretende realçar o objetivo deste na unidade letiva. Deus cria, e dá a sabedoria àqueles que o seguem.

Assim, parece realçar a intencionalidade de que o projeto de Deus para a felicidade humana depende da forma como vivemos a nossa relação com o criador e os outros, apontando para a vivência com a restante criação, sobretudo o semelhante. Daí a referência na análise exegética do homem como criado à imagem e semelhança de Deus.

O texto insere-se, como já vimos, num hino de louvor ao criador. O questionamento do autor no texto remete para a necessidade de reflexão sobre a criação, sobre a grandeza de Deus, sobre o mistério e sobre as limitações humanas face à sua pequenez.

Em suma, o texto vai ao encontro com o pretendido no programa, *destacar a bondade e grandeza de Deus*, apontando para a necessidade de conformidade pessoal com o criador e a *construção da vida e da história* partindo dessa relação.

3.2.2 Sl 23

Enquadramento Curricular

O texto apresentado corresponde ao conteúdo *A fé como confiança e entrega*, inserida na Meta curricular *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (B)* e no objetivo *Destacar a bondade e a grandeza de Deus* (SNEC, 2014). O texto aparece no subcapítulo *Deus, oceano de Amor*, do recurso Manual editado pelo SNEC, denominado de *Quero Ser* (SNEC, 2015).

Análise Exegética

O salmo 23 é um exemplo maior de um salmo individual de confiança em Deus. Este está inserido na coleção de salmos atribuídos a David (Asensio, 1994). O salmo 23 originou-se num “Sitz im Leben” (contexto vital) em que se entoava o cântico de ação de graças do indivíduo. É característica desta celebração uma fórmula de confissão de fé que imana da confiança. Se o orante confiava em Yahvé em tempo de necessidade e tribulação, então vai elogiar as façanhas de Deus com expressões de confissão de fé, enquanto a sua sorte tinha mudado para melhor (Kraus, 1993).

O salmo 23 pertence, indubitavelmente, à tradição de Jerusalém e poderíamos datá-lo como dos tempos anteriores ao deserto (Kraus, 1993).

Na primeira parte do salmo, pode ser denominada como o *Canto do Pastor*, conforme refere Ravasi. O autor canta num clima de autêntica confiança: “*nada me falta*” ou “*faltar*” (Ravasi, 1999).

A figura do pastor, usual também noutras áreas do antigo oriente, no Antigo Testamento originalmente não se referia ao relacionamento de Deus com o indivíduo, mas com a coletivo e, além disso, era usada para expressar a ação salvífica de Deus com o Povo da Aliança. Ou seja, a experiência comunitária fez com que o salmista desenvolvesse as suas piedosas reflexões (Weiser, 1994). O indivíduo, que é membro do

“rebanho”, sabe muito bem que se protegeu debaixo do Senhor benévolo e poderoso de “Pastor”; não precisa de nada (Kraus, 1993).

A memória do passado amor de Deus, Pastor de Israel, é a raiz da confiança presente e da esperança futura, para onde nos remete o salmista (Ravasi, 1999).

Este pastor não conduz o seu rebanho a campos estéreis, onde as ovelhas não encontram mais do que ervados abrasados pelo calor. Não, mas elege frescas pradarias, ideais para o pasto. Além disso, leva-os a lugares com abundância de água. Fala de “águas tranquilas”, referindo-se a águas que fluem mansamente (Ravasi, 1999). Portanto, o cantor confessa a multiplicidade de bênçãos que ele, como indivíduo, experimentou no povo de Deus.

Além da imagem do pastor, o salmista canta que o Senhor o irá proteger e ferir todos aqueles que tentam atacar o rebanho, além de que o “cajado” servirá para no caminho trazer as ovelhas que se apartam (Asensio, 1994). O “bastão” significa dar força, coragem, sustentar, confortar, na leitura epistemológica. Paralelamente, pode significar ajudar e socorrer (Ravasi, 1999).

A ação litúrgica terminou, os cânticos emudeceram, as pessoas, com ornamentos festivos e a cabeça ungida com óleo apresentam-se para a alegre refeição sacrificial na casa de Deus (Weiser, 1994). Yahvé manifesta-se como o anfitrião bondoso que prepara significativamente a mesa para que coma um perseguido e, desta maneira, o coloca debaixo da sua proteção. No banquete, estão os “pobres” e os perseguidos, que experimentaram a ajuda e a salvação de Deus (Kraus, 1993).

O itinerário interno, partindo do símbolo geográfico do vale, revela sempre um itinerário da consciência, que se transfigura no itinerário do peregrino que regressa à casa da luz (Ravasi, 1999).

Neste momento em que a sua felicidade em Deus atinge o seu clímax, a proximidade direta de Deus, experimentada na casa de Deus, transcende simbolicamente os limites do espaço e do tempo: o momento da presença divina transforma-se em eterno futuro aos olhos da fé. Permanecerá com Deus, não apenas como hóspede, mas como membro da casa do seu Deus, isto é, na mais íntima e ininterrupta comunhão com ele “até ao fim dos dias” (Weiser, 1994). A cena da unção, pertence ao rito antigo de hospitalidade antes do hóspede se sentar à mesa. Este rito apresentado no salmo pode ter imensas leituras, mas pretendemos destacar o que nos diz a filigrana da simbologia que realça um sacrifício de comunhão celebrada depois da peregrinação processional à cidade santa. Daí o verbo

“retornar”: remete aqui para a esperança, a promessa de voltar na peregrinação anual (Ravasi, 1999).

A bondade e a fidelidade de Deus elencadas pelo salmista são equivalentes ao pastor que guia o seu rebanho. Isso ficou expresso com o verbo «acompanhar» que indica vigilância, companhia e solicitude. O amor de Deus é atento: Ele segue e assiste de muito próximo aquele que lhe é fiel (Ravasi, 1999).

As tradições que derivam do salmo 23, dão-nos a conhecer claramente que esta fé não é uma atitude individualista. Esta fé que confia, vive pelo poder salvador em que Yahvé se manifestou ao seu povo. Na mensagem do Novo Testamento, é uma mensagem que significa conformidade a Jesus Cristo (Kraus, 1993).

Concluindo, a partir dos significados sugeridos pela metáfora do pastor, o salmista descreve os cuidados pessoais e sociais mais significativos que o Deus pastor proporciona, nomeadamente satisfação face aos inimigos, felicidade e presença nas celebrações no Templo (CEP, 2019).

Pertinência Curricular

A partir do que está previsto no currículo da disciplina, do conteúdo, objetivo e metas estipuladas onde se insere este texto, podemos afirmar que a sua utilização é correta. Podemos, a partir do texto, verificar que o salmista a partir da sua experiência de fé comunitário e, por conseguinte, individual, mostra a sua confiança e total entrega ao seu Deus, representado na metáfora do pastor.

A partir do canto, o salmista pretende enaltecer a bondade do seu Deus e de todos os seus benefícios para consigo. Este enaltecimento é estendido à restante comunidade crente, como vimos na análise exegética.

Com o texto pretende-se apresentar a vivência e a relação íntima entre os que creem e Aquele em que creem. É uma relação de proximidade, de comunhão, de cuidado, de hospitalidade, que dá àquele que crê, um sentido de pertença e de esperança numa vivência escatológica.

Este texto tem muita conexão o Novo Testamento. A evocação de Cristo como “Bom Pastor” que guia e apascenta as suas ovelhas, que as conhece e que dá a vida por elas (Jo 10,1-21), representa uma leitura renovada e enriquecedora do salmo. Os evangelistas inspiram-se neste salmo para construir, entre outras, a cena da multiplicação

dos pães: a gente como ovelhas sem pastor, a erva verde, o banquete (cf. Mc 6, 34-44) (Oporto & García, 1997).

Este retrato de Deus apresentado pelo Salmo 23, pode servir de ponte para o tema seguinte, onde se remete para a vivência da fé cristã.

Jesus é o rosto de Deus Pai, que não limita o seu amor ao povo de Israel, mas a toda a humanidade. Por isso, os que seguem Jesus, o Bom Pastor, reconhecem-se como irmãos, as ovelhas, e veem nos outros, pessoas igualmente amadas e protegidas por Deus (SNEC, 2015), remetendo para uma vivência comunitária e de alteridade.

3.2.3 Jr 7, 4-11

Enquadramento Curricular

O texto apresentado corresponde ao conteúdo *A coerência entre a fé e as obras*, inserida na Meta curricular *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (B)* e no objetivo *Destacar a bondade e a grandeza de Deus* (SNEC, 2014). O texto aparece no subcapítulo *Deus, oceano de Amor*, do recurso Manual editado pelo SNEC, denominado de *Quero Ser* (SNEC, 2015).

Análise Exegética

A teologia da pregação de Jeremias coloca-se na teologia da aliança (Lacy, 1997). O autor sagrado no seu texto remete-se a outras tradições e a outros livros através de repetições textuais de outros profetas (Amós, Oseias e Deutero-Isaiás), mas sobretudo ao Deuteronomio e à história deuteronomista (Fischer, 1997).

O seu texto inclui narrações, confissões e oráculos. Jeremias pregou sobre a salvação e fez-lho em todos os tempos e de modos diferentes (Lacy, 1997). Trata-se duma salvação paradoxal: consequência da obediência ou da aceitação do castigo. A novidade da restauração terá características de uma *nova aliança*. Há que aceitar esta novidade na sua dureza: se a nova aliança é infalível pelos instrumentos de mudança (o coração) e pelo duplo juramento divino (Jr 31), também significa que a Aliança do Sinai fracassou e já não vale (Lacy, 1997). Esta mudança passa pelo exame de consciência, pelo reconhecimento do erro, a eliminar o mal e as suas causas e uma mudança completa para

poderem regressar a Deus que é único, um Deus de salvação e de paz, que se dá na sua plenitude (Fischer, 1997).

Perícopes Jr 7, 4-11

O texto está inserido no discurso no Templo de Jerusalém e tem redação compacte e homogênea de *oráculos* (Lacy, 1997). Nesta passagem, o profeta alerta que o Templo não é garantia de segurança (Lacy, 1997). Denuncia a confiança mágica do povo no Templo e o culto aos deuses pagãos (Lacy, 1997). Quando o autor refere “*Não vos fiéis em palavras de mentira (...)*” descreve algo de culto pagão ao deus Baal. A repetição tripla remete para algo de mágico, típico deste tipo de culto (Lacy, 1997).

O esquema desta passagem do discurso é simples: Jr 7, 5-7 - conversão à justiça (boas obras, caridade) e Jr 7, 8-11 - o engano ilusório do povo (Lacy, 1997). Esta passagem opõe a errônea confiança do Templo (daí a tripla referência ao Templo no início do trecho) com uma dupla promessa: “*emendai a vossa conduta...e vos deixarei habitar neste lugar*” (vv 5.7). Para habitar com segurança no país é necessária uma conduta justa. Esta justiça é o comportamento correto diante da tradicional tríade deuteronomista: o estrangeiro, o órfão e a viúva (Fischer, 1997). É uma “teologia do templo” dos sacerdotes e dos líderes nacionais. Eles argumentavam que Deus tinha escolhido Sião como sua morada terrestre e prometera a David e aos seus descendentes um reino para sempre (Thompson, 1980).

O templo é símbolo inviolável e Deus não o deixará ocupar, o que levou o povo a entoar a tríplice invocação presente no vv.4 (Thompson, 1980).

Nos vv. 5 e 6, o profeta apresenta os termos para que Deus continuasse no meio deles e os deixasse viver em Jerusalém. Esses termos são repetidos posteriormente. Eles apresentam e enfatizam importantes princípios morais, éticos e religiosos que são essenciais para a invocação feita pelo profeta. O incumprimento dos termos e a injustiça, sobretudo para os grupos indicados pelo profeta, levará à desgraça e ao derramamento de sangue inocente. O cumprimento, conforme está no vv.7, fará com que Deus permaneça com o povo “*neste lugar*” que “*deu desde sempre e para sempre aos vossos pais*”. Levanta-se a dúvida se o profeta se refere a Jerusalém ou ao Templo (Thompson, 1980).

O profeta na última parte da perícopes, volta a enfatizar o comportamento pecaminoso do povo, referindo que continuaram a confiar nas palavras da mentira, referindo-se, implicitamente, ao culto pagão. Depois do Sinai, o povo tinha as palavras corretas e conheciam o seu Deus. No entanto, continuaram a roubar, matar, a cometer

adultério e a jurar falso. A partir destes comportamentos, o povo está sujeito ao julgamento divino. Contudo, escondem-se ‘atrás do Templo’ e dos seus rituais. O Templo não é lugar para incumpridores (Thompson, 1980).

O povo abusava do Templo como modo de proteção, como uma capa para encobrir as suas ações malvadas. Ao agir desta forma comportavam-se como ladrões. Esta ação opõe-se à palavra de Deus: habitar este lugar é algo indissolúvelmente vinculado à justiça e ao comportamento de respeito equitativo do outro, sobretudo os socialmente mais débeis. A verdadeira proteção advém da promessa de Deus e da conduta pessoal eticamente reta (Thompson, 1980).

Pertinência Curricular

O texto do profeta Jeremias, pretende vincar, no contexto programático e curricular, a valorização do comportamento ético. Ora, como foi possível verificar na análise exegética, o povo eleito viveu enormes tribulações ao longo de muitos anos, sendo escravizado e maltratado por impérios poderosos.

A experiência dolorosa fez o povo desviar-se da Lei dada por Deus a Moisés no Sinai e vincular-se a ídolos de cariz material e pagão. Esse desvio, levou o povo a centrar a sua vida num culto vazio e sem sentido. A relação do povo com o Templo era sinal disso mesmo: camuflagem numa religião ritualista em detrimento do comportamento justo assente em valores morais, coisa que a religião ritualista não permite.

Utilizando uma linguagem dura, o profeta pretende, partindo da leitura exegética, alertar o povo para a necessidade de uma mudança radical, onde a prática ritual no Templo é indissociável da prática da justiça e do bem, da caridade, sobretudo com os mais frágeis. Essa mudança é interior (coração) e exterior (ação), tal como Jesus vai proclamar na sua missão salvífica. Deus estabelece os princípios para que o povo continue a contar com a sua proteção e a habitar no “*Templo do Senhor*”.

Olhando para a perícopes e para a sua análise exegética, e apesar da dura linguagem apresentada pelo autor sagrado, podemos considerar que o texto pode ser utilizado no currículo, como forma de *destacar a bondade de Deus*, partindo da *coerência entre a fé e as obras*, e a sua vinculação à história individual e comunitária de cada crente.

3.2.4 Tg 2, 14-17

Enquadramento Curricular

O texto apresentado corresponde ao conteúdo *A coerência entre a fé e as obras*, inserida na Meta curricular *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (B)* e no objetivo *Destacar a bondade e a grandeza de Deus* (SNEC, 2014). O texto aparece no subcapítulo *Deus, oceano de Amor*, do recurso Manual editado pelo SNEC, denominado de *Quero Ser* (SNEC, 2015).

Análise Exegética

O género literário da carta de S. Tiago tem só o elementar do género epistolar. O seu conteúdo exortativo faz com que se pareça mais com as *reclamações* gregas ou com as catequeses judeo-cristãs (SNEC, 2015).

Este género de *reclamações* são populares no helenismo por influência da filosofia cínico-estoica: tom dialogal (2,18), interpelações aos ouvintes, suposição e refutação de objeções que poderiam fazer os adversários, perguntas (2,14ss), exemplos tirados da natureza, da técnica e da história, comparações e injúrias (Tuñi & Alegre, 2005).

A fé verdadeira aparece como um dinamismo de ação e ela não amadurece se não se expressar na ação. A separação entre as chamadas dimensões verticais e horizontais do cristianismo são refutadas por esta carta que é uma pequena joia da literatura exortativa do Novo Testamento (Rodriguez, 2008).

É claro que a carta contém uma série de exortações morais de diversa longitude, mais ou menos relacionadas entre si (Tuñi & Alegre, 2005).

Perícope Tg 2, 14-17

O capítulo 2 desenvolve dois aspetos essenciais da fé autenticamente crista: a fé que se verifica no amor ao próximo, sem nenhum tipo de discriminação nem aceção de pessoas (Tg 2, 1-13), e a fé operativa e eficaz mediante as obras concretas, em contraposição à religião reduzida a excesso de palavras ou formalismos (Gabarrón, 1995).

O autor questiona no vv.14 e espera uma resposta negativa de quem ouve. Esta fé é incapaz de salvar sem *obras*, sem valor. Estas *obras*, como descreve S. Tiago noutras

passagens, são *obras de amor*. Estas *obras de amor* são um pilar do mundo e é comparado pelo autor à *Shechinah*, à caridade (Adamson, 1976).

O autor remete para obras concretas de caridade ou de amor, como a cobrir a nudez e a necessidade de alimentar quem necessita. O tempo verbal impõe uma atitude continuada desse comportamento e não uma mera temporária condição. A expressão “*ide em paz*” não remete para uma ideia progressiva para chegar à paz, mas para partir em paz. Remetendo para a ideia da falha do amor cristão não é acidental, mas deliberada. O autor pretende alertar para esta ação de dar a paz, no final dum encontro. Não se pode enviar em paz o que tem frio e fome, deixando a lei do amor por cumprir (Adamson, 1976).

O tema da fé e das obras mantém-se como o pilar central de todo o conjunto, com uma aplicação especialmente enfática no problema da discriminação social e das riquezas. Este tema aparece já desde início da carta (1,22-25) e permeia todo o escrito. A passagem supramencionada, centrada na dinâmica *fé-obras*, constitui o esqueleto que dá unidade literária a toda a passagem (Rodriguez, 2008).

A fé sem obras reflete a vida dupla de quem não quer comprometer-se com as exigências concretas da adesão a Deus que está do lado dos mais fracos (Gabarrón, 1995).

O autor não quer aqui argumentar contra a fé exaltando as obras, mas sim põe em relevo a necessidade de uma fé conseqüente que leva à prática das obras (Gabarrón, 1995).

A questão apresentada no início da perícopé (2,14) não quer dizer que a fé é inecessária para salvar-se, mas que a fé não pode ser somente teórica e que tem que manifestar-se em obras (Gabarrón, 1995). S. Tiago, quando fala de *obras* refere-se aos atos de bem, de misericórdia, que são frutos da caridade, como a assistência aos necessitados, daí serem indispensáveis. Relativamente à fé, esta é apenas uma pura *proclamação verbal* ou intelectual de verdades abstratas. O autor tem a audácia de afirmar que essa fé também possuem os demónios (2,19) (Gabarrón, 1995).

A retórica e a dicotomia *fé-obras* apresentadas nesta perícopé, pretende alertar que o cumprimento desta simbiose em ordem a obter a salvação eterna (4,12) (Tuñi & Alegre, 2005).

O autor utiliza um exemplo da vida quotidiana, para mostrar que se alguém passa necessidade e nós o dispensarmos sem lhe dar o que necessita, este tipo de fé é inútil. Para o autor, as obras são sinal da fé autêntica (Tuñi & Alegre, 2005).

O autor, no final do capítulo reflete por meio de uma imagem antropológica e de uma sentença da realidade da fé sem obras: é um cadáver (Gabarrón, 1995). Pretende afirmar que sem obras a fé é mais do que fé dum cadáver de um homem. Essa fé carece de força – se é exteriormente inoperante é porque é interiormente morta (Adamson, 1976).

Pertinência Curricular

O texto está inserido num contexto em que o programa pretende apresentar características de Deus, a sua bondade e grandeza. Recorre ao texto bíblico para o fazer. Esta perícopes de S. Tiago pretende apresentar a implicação do todo aquele que acredita em Deus. Ou seja, a crença em Deus implica uma agir ético de enorme alteridade.

Uma fé unicamente teórica, é morta. Faz parte da missão do cristão a vivência no serviço ao próximo. Isso é parte do projeto de felicidade de todos aqueles que acredita no Deus cristão. Esta justificação podemos encontrar em muitos outros textos: nos evangelhos e em muitas das cartas de Paulo.

A coerência da fé cristã exige uma opção concreta e operativa, que cristalize em compromisso e ações pessoais e comunitárias a favor dos pobres (Adamson, 1976).

Esta perícopes está bem contextualizada e bem inserida no programa, conseguindo transmitir o conteúdo pretendido: a coerência entre a fé e as obras, ou seja, a adesão ao Deus tem implicações na vida e na história de cada um.

“A doçura da Palavra de Deus impele-nos a comunicá-la a quantos encontramos na nossa vida, expressando a certeza da esperança que ela contém (cf. 1 Ped 3, 15-16).” (Francisco, 2019a).

Pegando na expressão do Papa Francisco, podemos afirmar que é missão do crente, transmitir a Palavra imanada por Deus. No contexto escolar, ainda que não seja missão do docente catequizar, é impossível não colocar a sua experiência crente na leitura crítica dos textos bíblicos. Podemos dizer, numa análise mais extrema, que essa experiência do docente e a sua leitura e interpretação fazem parte do chamado *currículo oculto*.

“No princípio era a Palavra e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus” (Jo 1,1) .

Nesta passagem, o próprio Deus feito homem, Jesus, é a Palavra encarnada e essa Palavra encarnada transmite quem é Deus. Jesus revela a Palavra, revela Deus, pois é pré-existente, tal como o Pai.

Olhando para esta leitura e para o resultado da análise realizada dos textos propostos, parece-nos que a Sagrada Escritura tem uma relevância acrescida quando se fala na *questão de Deus*. Não podemos de maneira alguma pensar Deus sem recorrer à Palavra por si inspirada e transmitida ao autor sagrado. Ela é revelação, que no diz quem é Deus e a forma como atua na história da humanidade.

Cabe a cada crente, que vive dessa Palavra, transformá-la em ação concreta na sua vida e na vida de tantos desesperados por *‘esta Palavra que dá vida e salva’*.

Os textos apresentados pela unidade letiva em estudo, estão adequadas ao programa curricular do 9º ano de escolaridade. No entanto, parece-nos excessivo colocar neste como conteúdo programático. Devem ser considerados como um recurso indispensável aos objetivos e metas da unidade letiva e não como conteúdo, não incorrendo assim, numa possível leitura mais proselitista dos agentes escolares e dos próprios alunos.

A juntar a esta leitura, devemos considerar, por outro lado, o facto de os textos bíblicos serem uma oportunidade única para muitos discentes contactarem com os escritos sagrados e com a mensagem de fé que deles imanam.

3.3 Balanço crítico e propostas de valorização curricular

O caminho percorrido até este momento do nosso trabalho conduz-nos à necessidade de fazermos uma leitura da UL 2 do 9º ano do programa de EMRC: *Deus, o grande mistério*, proposta pelo PEMRC do SNEC, tendo em conta a nossa experiência pedagógico-didática no âmbito da PES. Além disso, pretendemos apresentar uma perspetiva reflexiva e crítica da mesma, tendo como horizonte as leituras teológico-antropológicas realizadas nos pontos anteriores, com vista a uma proposta de valorização que enriqueça a UL tratada neste relatório e que possibilite uma hermenêutica mais consistente e mais próxima à realidade atual.

3.3.1 Análise da UL e propostas de valorização curricular

O SNEC oferece como recurso valioso para a aplicação dos programas curriculares de EMRC o manual que é construído a partir do próprio programa. No 9º ano de escolaridade o manual, como já vimos anteriormente neste trabalho, tem o nome de *Quero Ser!* (SNEC, 2015). Para realizarmos a análise crítica da UL 2 vamos socorrer-nos desse recurso, pois é a partir dele e do PEMRC (SNEC, 2014) que normalmente, mas não só, construímos as pedagogias.

O manual, que será a nossa referência de análise, divide a UL em quatro temas e cada um dos temas correspondem à concretização dos objetivos e conteúdos elencados no PEMRC. Vejamos:

Temas organizadores do manual	Objetivos do PEMRC	Conteúdos do PEMRC
1- A questão da existência de Deus	- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- O acreditar e o confiar humanos. - A problemática da existência de Deus: Crença e razão. - As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.
2- O fenómeno religioso	- Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	- Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - A fé em Deus e as representações de Deus: As representações das divindades nas culturas antigas: Egito, Grécia e Roma; representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo; o Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo - De um Deus de um povo até a um Deus universal e inequivocamente bom.
3- Deus: oceano de amor	- Destacar a bondade e grandeza do Deus.	- A imensidão e bondade do Deus Judeo-Cristão. - A fé como confiança e entrega. - A coerência entre fé e obras. - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária.
4- Deus transforma corações... as pessoas transformam a sociedade	- Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé.	- Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo: - Vidas com sentido: - S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental.

		<ul style="list-style-type: none"> - S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres. - Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. - Papa João XXIII, a relação Igreja-mundo e o Concílio Vaticano II. - Instituições de inspiração cristã empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Realiza a análise dos temas propostos e tendo em conta os objetivos e conteúdos curriculares iremos apresentar as propostas de valorização para cada um dos temas. Nestas propostas não queremos, de todo, replicar o nosso referencial teórico apresentado anteriormente. Pretendemos, sim, fazer breves e sucintas considerações objetivas para o qual remeteremos para os pontos e páginas do nosso referencial teórico presente nesta IIIª parte do nosso Relatório, bem como para outras fontes utilizadas na PES.

1- A questão da existência de Deus (SNEC, Quero Ser!, 2015, pp. 56-66)

Podemos neste tema ver abordada a questão de Deus como uma questão humana fundamental, na qual homens e mulheres sempre procuraram o transcendente, a divindade, o sagrado. Esta realidade e procura do transcendente acontecem em situações experienciais vida humana, como a experiência de sofrimento, finitude, ausência de sentido ou, pelo contrário, em experiências de encontro da verdade, de felicidade. Todas estas experiências acabam por desaguara na interrogação da existência ou não de Deus.

O ser humano é um ser religioso que procura respostas para as questões mais profundas da sua existência: origem de todas as coisas, o destino último de toda a realidade, o sentido da vida perante a questão de finitude, a questão do mal, etc.. Perante este questionamento, Deus aparece como o princípio e fim último de todas as coisas. Daqui desemboca, por parte dos homens e mulheres, a atitude de crença e confiança em Deus.

Deus não é uma realidade irracional ou absurda onde não conseguimos encontrar razões que sustentem a fé, pelo facto de não se conseguir provar cientificamente a sua existência. O ser humano não consegue abarcar Deus na sua totalidade, caso contrário, deixaria de ser o Absoluto, o Transcendente, o mistério absoluto podemos entrever, mas não decifrar inteiramente. No entanto, podemos encontrar razões para acreditar e confiar Nele: a ordem do universo é um convite a acreditar que tudo o que existe foi fruto da ação

de um ser infinito e inteligente; a existência de valores universais que podem ser pontos de referência absolutos, desafia a acreditar em Deus; face ao absurdo da morte, que coloca limites ao desejo humano de eternidade, Deus garante a vida e o amor como última realidade. Assim, a fé acontece quando alguém, em contacto com uma tradição religiosa faz a experiência de encontro com a presença de Deus.

Ainda neste tema, são apresentados as diversas formas da recusa de Deus: ateísmo – negação da existência de Deus; agnosticismo – o conhecimento humano não tem possibilidade de aceder a Deus; e relativismo – nega a possibilidade de nos aproximarmos da verdade de Deus, afirmando que tudo o que se diga, pense ou faça é igualmente bom, pois cada individuo tem a “sua verdade”.

A fé em Deus é real e tem sentido, pois a crença traduz-se numa confiança que implica um compromisso para a vida, onde Deus é origem e fim último.

Concluindo, crentes e não crentes fazem as mesmas experiências de dever moral, de liberdade, do sentido da vida ou da ausência dele, assim como da morte. Os que o crente do não crente é a interpretação que cada um faz dessas experiências. O crente é otimista e Deus é o sentido de compreensão da história atribuindo-lhe um sentido definitivo, o não crente, negando a Deus, nega a possibilidade de a vida, a história e o universo terem um sentido definitivo.

Propostas de valorização curricular

De forma objetiva sugerimos as seguintes propostas complementares de valorização curricular para este primeiro tema:

- Quando são abordadas as diversas formas da recusa de Deus – ateísmo, agnosticismo e relativismo – pensamos ser importante a contextualização histórico-antropológico-cultural no contexto da modernidade e pós-modernidade. Todas estas incidências históricas, culturais e antropológicas de olhar para a realidade vão ser sinónimo da cultura que vivemos hoje e dos condicionamentos que encontramos face ao religioso e à forma como nos colocamos diante da questão de Deus, trazendo uma visão mais individualista e sentimental de relacionar com o cosmos. Neste sentido, Deus é

substituído por outras coisas sensacionalistas que dão um prazer imediato, levando a uma atitude hedonista da vida (cf. 3.1.4, pp. 90-94)¹⁹;

- Marcadas pelas vicissitudes do ponto anterior, devemos abordar a situação da idolatria, como forma de superação da questão de Deus. Neste tema, o ser humano é visto como o próprio ídolo, uma vez que não tem capacidade para ver além do objeto, onde projeta nele os seus próprios conceitos e é construído à sua medida. Esta construção visa a negação de Deus, pois o ídolo reside no horizonte visível e pensável. Fascinado e refém dessa realidade, o sujeito não tem a abertura para captar o exta-mundo, o transcendente. Este modo idolátrico leva o sujeito a uma sensação de autossalvação, onde este se julga autossuficiente para a sua autoconstrução. O sujeito é assim origem e fim de si mesmo, que o levará à desvinculação social e a rapidamente perceber que não se realiza totalmente sem um processo relacional comum. Esse processo idolátrico levará o sujeito à sua autodestruição. Neste campo devemos aprofundar, com base nas experiências pessoais, os ídolos atuais. No entanto, podemos referir alguns que estão presentes no nosso referencial teórico: a idolatria do indivíduo, idolatria do virtual e idolatria da eterna juventude (cf. 3.1.3, pp. 86-90).

- A questão de Deus quando desemboca numa adesão à fé, acontece no contacto com uma tradição religiosa. Como tal, pensamos ser oportuno abrir a reflexão sobre o religioso e a experiência religiosa. A religião é a resposta humana a uma interpelação ou questão primeira que o precede e o questiona e que lhe exige uma resposta. Essa resposta vai cimentar a relação entre a interpelação e aquele que é interpelado (cf. 3.1.4, pp. 91). Quanto à experiência religiosa está é o ato ou os atos pelo qual o ser humano se entende a si mesmo na relação com o transcendente. Essa experiência vive numa tensão mediatizada na história onde as experiências passadas são referências para a experiências presentes, que confirmadas são referências para experiências futuras. As experiências são necessitas de processos de aprendizagem sempre novos e nunca fechados, pois cada sujeito vive numa realidade concreta e diferente e em tensão com a realidade objetiva trazida pela palavra, imagens e símbolos. A experiência religiosa vai-se traduzir num modo novo de olhar a realidade e numa forma de vivência individual, social e comunitária de acordo com os axiomas da tradição religiosa onde está inserida (cf. 3.1.5, pp. 94-96).

¹⁹ As referências no final das propostas pretendem indicar em que parte do referencial teórico nos podemos basear para uma possível construção pedagógico-didática.

2- *O fenômeno religioso* (SNEC, Quero Ser!, 2015, pp. 67-76)

A procura do transcendente tem a sua origem no início da humanidade. Podemos encontrar vestígios muito antigos que conhecemos da vida humana que apresentam uma certa religiosidade, para quem a existência do sagrado era uma realidade próxima e necessária. As manifestações dessas representações podem ser encontradas em pinturas rupestres, túmulos, imagens, etc.. Nas diversas manifestações religiosas encontradas ao longo da história, podemos encontrar elementos comuns: sacerdotes, lugares sagrados, objetos sagrados, tempos sagrados, rituais, histórias e livros sagrados.

Neste tema são apresentados os diversos elementos constitutivos do fenômeno religioso: doutrina, ritos, ética e a relação como eixo fundamental na relação do crente com Deus e com a restante comunidade.

A consciência da existência de Deus levará à tradução dessa consciência em representações desse Deus como sinónimo de linguagem. Vamos encontrar essas representações ao longo da história humana, nos seus diversos contextos culturais. São apresentadas neste sentido as representações que as antigas culturas egípcia, grega e romanas, que aparecem como figuras humanas (com algumas partes de animais na cultura egípcia) ligadas às forças da natureza e sentimentos humanos.

Após a apresentação breve das representações dos deuses das antigas culturas, desaguamos no Deus do Antigo Testamento, vinculada à tradição religiosa judaica, e no Deus de Jesus Cristo, vinculada à tradição religiosa cristã.

Em Deus do Antigo Testamento são afirmados o monoteísmo, a proibição da representação de Deus por imagens que está relacionada com a natureza misteriosa e transcendente de Deus. Deus é Santo, totalmente distinto do resto do universo. Deus relaciona-se na história com um povo que ele escolheu, o povo de Israel, no qual vai estabelecer uma Aliança dando-lhes o Decálogo como código ético. O cumprimento do Decálogo daria ao povo a proteção de Deus contra os inimigos, o incumprimento levaria o povo a uma situação de abandono e de insegurança. Nesta tradição Deus aparece a consciência de um Deus nacional, que sendo o único, vai-se tomando consciência que também é um Deus de todos os povos. Ganhará um significado universal definitivo no contexto da tradição cristã. Deus vai atuando na história do povo como Pai e Protetor, no qual seu povo vai descrevê-lo na Bíblia muitas vezes de forma antropomórfica. Era a forma com que se conseguiam representar Deus, atribuindo-lhe formas e sentimentos humanos como tentativa de desvendar um pouco da sua natureza misteriosa. Nesta

tradição, é relevante a questão do nome de Deus como designação da sua identidade. Contudo, essa identidade é relativa devido ao mistério. Os israelitas por respeito não pronunciavam o nome de Deus que tinha sido revelado por Deus a Moisés no Monte Sinai «YHWH» - «Aquele que é» ou «Aquele que está presente». Em vez de «YHWH», pronunciavam-se outros nomes que aparecem na Bíblia: *El* (Deus), *Elohim* (Deus), *Adonai* (Meu Senhor), *El-Shaddai* (Omnipotente). O tetragrama «YHWH» representa o símbolo do mistério da vida íntima de Deus, pelo qual não pode ser pronunciado.

Jesus Cristo veio trazer uma grande novidade: Deus é Pai inequivocamente bom. Veio revelar Deus como um Pai que ama os seus filhos, que mostra uma preferência pelos mais pequenos e pelos mais frágeis. Deus é bom que se apresenta como amor e que salva a todos, não só o povo da aliança, mas todos os povos, porque ama a todos com um amor infinito. A mensagem e vida de Jesus apresentar Deus que resgata o ser humano das suas debilidades, garantindo uma vida plena fundada no amor, na solidariedade e na liberdade. Os cristãos acolhem Deus que lhes dá confiança, que os liberta dos medos e dos egoísmos e os impele a servir os outros.

Neste tema é feita ainda uma leitura da arte como forma de “dizer” Deus, afirmando que Deus vai desenhando a obra de arte que é a vida do ser humano. A arte é apresentada como possibilidade de os homens e mulheres se encontrarem a si mesmos e como possibilidade de experiência de encontro com o sagrado. Faz ainda referência à iconografia como uma imagem que nos leva até Deus.

Propostas de valorização curricular

O tema parece-nos organizado e coerente no seu teor. No entanto, apresentaremos algumas propostas para complementar o tema.

- Como primeira proposta, apresentamos a necessidade de tratar com maior incidência deste fenómeno religioso. Não ficando apenas pelo conceito base e simples apresentado no tema em questão. Para uma leitura mais enriquecedora propomos a abordagem que João Duque faz do fenómeno religioso partindo de três categorias: o *dom*, a *figuração* e a *transfiguração*. O autor faz uma análise do fenómeno religioso partindo destas categorias apresentando este como um *dom* que é gratuito onde a realidade corresponde à origem transcendente, na medida em que a reconhece e para ela se oriente. A *figuração* é realização de cultura que também é religião e remete-nos para o campo da

simbólica, onde estes símbolos remetem para a origem transcendente da realidade assumida como dom gratuito. A dinâmica imposta pelo ser humano na busca de si, do seu sentido, da verdade faz com que esse movimento crie novas figuras culturais tornando-a numa atividade *transfiguradora* (cf. 3.1.4, pp. 91-92).

- Parece-nos que devemos realizar quando falamos de representações de Deus, como aqui são apresentadas, a distinção entre monoteísmo – que pressupõe a crença humana num único Deus – e de politeísmo – que pressupõe a crença humana em vários deuses. Certamente existe a dedução normal de que os alunos saibam estas definições, que aqui são apresentadas de uma simples e direta. Estes conceitos são abordados na UL 2 do 7º ano denominada de *As Religiões*.

- A abordagem realizada sobre o Deus de Jesus Cristo neste tema, parece-nos ajustada, uma vez que nos temas seguintes este será aprofundado com maior incidência. Contudo, esta abordagem poderá ser reforçada com a tónica colocada sobre a dinâmica da fé cristã, onde o crente se orienta para a pessoa de Jesus Cristo, como conteúdo da mesma e que essa fé implica uma visão do mundo e o modo de viver nele baseado na axiologia cristã. Nos nossos dias, a crença em Jesus dá-se numa cultura pluralista e na liberdade do sujeito crente, que implica uma hermenêutica valorativa do próprio sujeito com a relação estabelecida do Jesus. Este encontro com Jesus, transforma a vida do crente a forma como ele interage com o outro e com a sua realidade concreta. A forma como essa interação acontece deriva do contexto cultural da abertura com que o crente se coloca diante de Deus, com uma incidência acrescida à mediação emocional da experiência de Deus, pois crer é primeiramente um afeto para cada sujeito, que vai determinar emocionalmente o sentido da sua existência (cf. 3.1.4, pp. 93-94).

- Quando o tema aborda a questão da arte como forma de “dizer Deus” e refere-se à iconografia, pretendemos propor uma abordagem mais aprofundada do ícone, partindo da perspectiva de João Duque. O ícone, contrariamente ao ídolo, não resulta duma visão, mas provoca-a. O ícone remete para o invisível que contempla que o vê. A invisibilidade que nos contempla, através da visibilidade do ícone, é que nos permite ver para além do primeiro visível. Por isso estamos perante uma alteridade que habita e que transcende a visibilidade, daí podermos conceber o conceito de ícone como modo de se conceber a Deus, que vemos e no qual somos igualmente visto por Ele. Isso remete-nos para uma relação onde o que vê é presença de relação com o Outro invisível, no qual Este último é fundamento dessa relação. Para falarmos no conceito de Deus, na Sua

pensabilidade e dizibilidade é que este este construído, acolhido e compreendido a partir do modo icónico (cf. 3.1.3, pp. 88-89).

3- Deus: oceano de amor (SNEC, Quero Ser!, 2015, pp. 77-81)

Neste tema, terão como fonte principal os textos bíblicos sujeitos análise exegética no ponto 3.2 do nosso relatório.

Abordam a grandeza e o mistério de Deus, afirmando que a linguagem humana é limitada e incapaz de revelar plenamente a sua natureza. Ele é apresentado como Todo-Poderoso, invisível, desconhecido, que nutre um enorme amor pela criação e pelo ser humano, obra-magna da criação, no qual a criatura é guiada e conduzida por Deus e a quem prestam louvor e adoração.

Deus é apresentado como Pastor que cuida do seu rebanho com uma presença sempre fiel e protetora. Assim, tranquiliza o seu povo, que confia, escuta e segue o seu Pastor. Esta relação amorosa vai levar o povo a confiar na promessa de vida eterna, onde habitarão “*na casa do Senhor para todo o sempre*” (Sl 23, 6).

Esta relação amorosa, não pode viver apenas do culto ritualista, mas de comportamentos éticos, como a prática da justiça e do bem. Além disso, fé no Deus de Jesus Cristo implica uma simbiose perfeita entre a fé e as obras. Uma fé sem conteúdo prático é uma fé morta, ou seja, a fé é viva quando se concretiza em obras.

Na última parte deste tema é apresentada uma espécie de síntese da fé cristã num Deus que se revela na História da Salvação e que a sua relação como Povo Eleito vai levar ao envio do Filho, do Messias prometido para salvar. O nascimento de Jesus, o *Deus-connosco*, o Bom Pastor, o rosto visível de Deus invisível, que pretende reunir todas as pessoas da terra sob a presença do amor de Deus. Jesus revela Deus como Pai, por isso é dado aos cristãos a condição de filhos de Deus, que os torna a todos como irmãos. Deus é amor e por isso os cristãos vivem o mandamento do amor até ao limite, construindo um mundo solidário e colocando a sua vida ao serviço dos irmãos. São o rosto da presença de Deus a atuar na história.

Propostas de valorização curricular

Partindo da análise realizada do tema de Deus como oceano de amor, apresentamos as propostas que podem enriquecer a sua abordagem:

- O tema apresenta a sua abordagem a partir dos textos bíblico. Como já referimos anteriormente, os textos bíblicos não devem ser apresentados no programa como conteúdos, pois a compreensão cristã dos mesmo implica necessariamente uma atitude de fé. Devem sim, ser utilizados como recurso indispensável para compreender Deus e a sua revelação na história. A análise exegética realizada pode ser um contributo para uma melhor hermenêutica dos textos e a sua relação com os apresentados neste tema (cf. 3.2, pp. 100-113).

- Parece-nos que a abordagem apresentada sobre o Mistério do Deus de Jesus Cristo pode e deve ser mais consistente e aprofundada. É desta realidade de mistério que podemos falar de Deus e compreender a sua ação na nossa história. Deus, revela-se em Jesus quando Este se ‘baixa’ até à condição humana para atuar na história humana. Deus nesta revelação doa-se e autocomunica-se como Pai, em verdade no Filho e em amor no Espírito Santo. Esta revelação do Filho traduz-se em amor, amor de plenitude revelador de Deus que é Uno e Trino. Jesus ama e ama até ao fim da sua vida, esta como sinal de doação para redenção e salvação da humanidade. Quando se glorifica na ressurreição e ascende aos céus, leva consigo a humanidade, que em plenitude tem a possibilidade de habitar na trindade. A trindade ganha sentido novo, pois é afetada pela humanidade de Cristo. Este regresso ao Pai vai levar à comunicação e envio do Espírito Santo, que permitirá a continuidade da obra de Cristo, atualizando-a na vida dos fiéis e na Igreja, através dos sacramentos (cf. 3.1.1, pp. 78-83).

- Tal como na proposta anterior, devemos valorizar a natureza de Deus como amor e ir além duma mera referência. Deus é amor e por isso, o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, tem em si esta essência. Este amor qualifica e a natureza e a essência de Deus. Deus amou tanto a sua criação que no ato *kenótico* deu o seu Filho. Este dar tem sentido absoluto e de plenitude: Deus dá-se por inteiro. Este amor ganha um rosto: Jesus. Na sua ação terrena, Jesus que age em perfeita harmonia com o Pai, revela as características do Reino: conversão do coração humano, o cuidado e o amor pelos mais frágeis e marginalizados. Por isso o amor de Deus visa a valorização e o respeito pela dignidade da vida humana em todos os seus expoentes. O amor de Deus e amor ao próximo são as duas faces dum amor originário: um amor que gera amor. A vivência de Jesus e a sua ação no mundo serão o modelo a seguir, no qual o cristão, fundidos nesse amor são chamados a ser o rosto desse amor pelos outros. Jesus, no mistério da cruz, revela a radicalidade desse amor: dar a vida pela salvação de todos, sem exceção de pessoa (cf. 3.1.2, pp. 83-86).

4- *Deus transforma corações... as pessoas transformam a sociedade* (SNEC, Quero Ser!, 2015, pp. 82-92)

No último tema, o programa propõe a abordagem de pessoas e instituições que imbuídos na experiência cristã de Deus, dedicam a sua vida aos outros e que estão comprometidos com o bem comum.

Começam por apresentar o cristão como presença transformados de Deus no mundo, sendo cada um o rosto e as mãos de Deus a atuar na história. São o coração de Deus a fazer o bem e a multiplicar o amor. Os cristãos manifestam-se em experiências de encontro e de diálogo interpessoais que se traduz numa relação de fraternidade onde se constroem relações interpessoais fundadas na amizade, comunhão e cooperação.

Neste sentido, o programa propões vidas de pessoas que refletem exatamente esta vivência cristã: S. João de Deus, que dedicou a vida aos mais pobres e às pessoas portadoras de doença mental; Aristides de Sousa Mendes que no contexto da II Guerra Mundial contraria as normas emitidas pelo Estado Português e concede cerca de trinta mil vistos aos Judeus para os salvar do extermínio nazi; Papa João XXIII que através da sua sensibilidade e simplicidade vai fomentar um clima de paz no mundo, ao mesmo tempo que pastoralmente cuida dos mais frágeis e doentes, sobretudo crianças. Também como Aristides de Sousa Mendes, durante a II Guerra Mundial, enquanto embaixador do Vaticano vai conceder permissões de trânsito para os refugiados saírem do país onde eram perseguidos; Charles de Foucauld como pessoa que despojou da sua riqueza para viver uma vida dedicada aos pobres. Todos estes modelos são apresentados como testemunhos de vida com sentido.

Além de pessoas, o programa apresenta-nos organizações que, em nome de Deus e a partir da experiência crente, se dedicam a fazer o bem e a afirmar a dignidade da vida humana. São elas: a Cáritas, as Conferências de S. Vicente de Paulo ou Conferências Vicentinas, as Misericórdias e o Ninho. As primeiras três dedicadas ao à caridade e auxílio aos pobres em contexto de precariedade social e a última dedicada à promoção humana e social de mulheres vítimas de prostituição.

Propostas de valorização curricular

Este último tema é a concretização antropológica da vivência da experiência amorosa de Deus, tratada no tema anterior. O tema apresentado pelo currículo e propostas de valorização do ponto anterior são fundamento desta temática, ou seja, não pode ser tratada de forma isolada. Contudo, pretendemos ainda neste tema apresentar propostas de valorização.

- Colocando a tônica na questão antropológica da experiência, parece-nos vantajoso neste tema abordar de forma mais completa a experiência cristã de Deus. Na temática do fenômeno religioso propusemos a abordagem mais generalizada da experiência religiosa. Aqui incidimos sobre a experiência religiosa cristã e no que significa para a vida dos que a possuem. A experiência cristã tem a sua origem histórica na experiência pascal dos apóstolos de Jesus. Este Jesus que procurou renovar o coração dos homens com base no amor, proporciona uma experiência renovadora a quem o experiencia. O Espírito Santo é a raiz da experiência cristã que tem lugar no coração do homem, no seu lugar mais íntimo. Este Espírito transforma o interior do ser humano e o configura com Cristo, modelo de imitação na práxis. Configurados com Cristo vivemos uma vida de amor a Deus e os outros. Jesus é o mediador entre Deus e os homens, por isso o ato de fé é mediado pela experiência de Jesus. Ato de fé que se traduz numa fé professada e vivida, ou seja, critérios de um único ato de fé. Neste contexto, o amor a Deus e ao próximo são condições inseparáveis. Recebemos um amor que nos salva e no qual tem de ser projetado uma alteridade. O amor cresce na vivência desse amor aos irmãos. Somos a partir do Outro e somos para os outros. A experiência configuradora procura alimentar-se da oração e dos sacramentos, que se transformará no amor e dedicação aos irmãos. A experiência de Cristo implica o seguimento ético do seu fundamento, vivendo segundo o Espírito. Em síntese, o a fé e o amor vivenciados na Igreja, mistério de presença e de missão, ou caminham juntos ou se dissolvem (cf. 3.1.5, pp. 96-100)

- A proposta que se segue foi implementada na PES e parece-nos ajustada para este tema: a incorporação no currículo, neste quarto tema, as noções de Bem Comum, apresentado pelo Catecismo da Igreja Católica e a noção de Destino Universal de Bens, apresentado na Doutrina Social da Igreja. Estes conceitos são fundamentais para a abordagem das instituições que se dedicam à valorização da vida humana e da caridade, baseadas na experiência cristã de Deus.

Após a concretização das propostas de valorização curricular da unidade letiva: *Deus, o grande mistério*, baseadas no nosso referencial teórico, noutras fontes importantes e na nossa experiência na PES, apresentamos o quadro organizado e completo da unidade letiva incorporando as nossas propostas:

UL2: DEUS, O GRANDE MISTÉRIO		
Aprendizagens Essenciais: <i>Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão; Refletir sobre a problemática de Deus na atualidade; Discutir várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso; Reconhecer, na mensagem bíblica a bondade e a grandeza de Deus, como um apelo à construção de um mundo solidário; Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus; Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé; Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçados na cosmovisão cristã.</i>		
Esquema Hermenêutico: A problemática da existência de Deus: falar de Deus na atualidade, os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno e experiência religiosa, Deus como mistério de amor, a experiência cristã desse Deus, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.		
Temas organizadores	Objetivos do PEMRC	Conteúdos do PEMRC
1. A questão da existência de Deus na atualidade**	- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- O acreditar e o confiar humanos. - Falar de Deus na atualidade.*** ²⁰ - A experiência religiosa.*** - A problemática da existência de Deus: Crença e razão. - As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - O ídolo: um deus destruidor.*** - Acreditar em Deus: a perspetiva de uma vida futura.** ²¹
2. O fenómeno religioso	- Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e Cristianismo.**	- O fenómeno religioso.*** - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Monoteísmo e Politeísmo.*** - As representações das divindades nas culturas antigas: Egito, Grécia e Roma.** - As representações de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.** - Do Deus Nacional ao Deus Universal.** - O ícone como possibilidade de “dizer Deus”.***

²⁰ *** - a sinalética indica as propostas de valorização da unidade letiva como novo conteúdo.

²¹ ** - a sinalética indica as propostas de valorização da unidade letiva reformulando a linguagem utilizada pelo programa.

3. Deus, mistério de amor**	- Destacar a condição de Deus como Mistério e o amor como sua essência.**	- Deus, o grande Mistério.*** - Deus é feito de amor.*** - A fé como confiança e entrega. - A coerência entre fé e obras. - A fé cristã e as implicações práticas na vivência pessoal e comunitária.
4. Deus transforma corações... as pessoas transformam a sociedade	- Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência prática da fé.	- Experiência cristã de Deus.*** - Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos, pela vivência da sua fé.** - Noção de Bem Comum*** - Noção de Destino Universal de Bens.*** - Instituições de inspiração cristã empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.

3.3.2 Propostas pedagógico-didáticas

No enquadramento da análise realizada da UL e das propostas emanadas provenientes da nossa reflexão teórica e da PES parece-nos oportuno apresentar uma série de propostas pedagógico-didática que têm como objetivo valorizar ainda mais o trabalho realizado até aqui. Obviamente que todas as nossas propostas carecem de uma certa validação por quem as aplica, para quem as aplica e em que contexto escolar as aplica.

Com efeito, apresentamos de forma objetiva e sucinta um conjunto de propostas que podem enriquecer a prática pedagógica desta UL 2: *Deus, o grande mistério*:

- Todas as nossas propostas devem ser ajustadas à realidade educativa em que serão aplicadas. Por isso, achamos que é de máxima importância um conhecimento fundamentado do contexto escolar do ponto de vista do enquadramento cultural, social e económico, do projeto educativo escolar e da turma. Estando a questão de Deus relacionada muito com o contexto sociocultural é de magna importância uma minuciosa caracterização da turma para todas as estratégias e recursos estejam bem enquadrados e ajustados.

- Que a temática de Deus tenha uma referência acentuada na identidade católica da disciplina e que esta seja uma proposta de sentido, de leitura e vivência da realidade atual. Deve-se acentuar a proposta axiológica cristã como referência para a sociedade hodierna.

- Os textos bíblicos devem ser utilizados como recurso e não como conteúdo de aprendizagem, pois para uma melhor compreensão seria necessário a experiência de fé dos discentes.

- Devem ser criados outros recursos didáticos além do manual disponível, devendo estes prever uma interdisciplinaridade, nomeadamente com as ciências sociais e humanas, fomentando a transferibilidade de aprendizagens realizadas pelos alunos noutras disciplinas, sendo estas valiosas para além da perspectiva teológica apresentada pela nossa disciplina.

- A linguagem utilizada nas propostas apresentadas no ponto anterior devem ser ajustadas à linguagem do público-alvo.

- Deve ser privilegiado o método existencial hermenêutico, que engloba a experiência humana, a mensagem cristã e a dimensão ético-moral.

- Tendo em conta a importância da experiência humana deve-se promover trabalhos em grupo, de partilha e debate que sejam um contributo para o desenvolvimento do espírito crítico e da comunicação.

- As estratégias utilizadas devem ser diversificadas e que valorizem as TIC como motivação dos alunos para a aprendizagem.

3.3.3 Reflexões conclusivas

No término desta labuta reflexiva pretendemos deixar claro que todas as nossas reflexões, análises e propostas são um contributo de valorização da UL tratada no âmbito da PES. Este nosso trabalho advém de uma perspectiva das muitas outras possíveis e que certamente são trabalhadas noutros contextos da PES. Não temos a ousadia de afirmar e vincar que esta proposta é «a proposta» colocando barreiras a outras possíveis reflexões certamente bem mais pertinentes do que a nossa.

O caminho traçado e exposto nesta IIIª parte é proveniente da práxis educativa realizada na escola cooperante e na universidade, da partilha e reflexão realizada com os professores cooperantes e com os colegas de mestrado, sendo o nosso contributo apresentado de forma humilde e séria, da mesma forma como nos colocamos diante da aprendizagem realizada ao longo da PES.

Perante a realidade de ensinar e fazer aprender tivemos o cuidado de realizar uma hermenêutica que correspondesse às necessidades da realidade escolar onde aplicamos a

UL. Como gestores do currículo despendemos muito tempo ao seu conhecimento, à sua maturação, *“amámo-lo com dedicação para depois encaminhar e distribuir as propostas de aprendizagem de acordo com as necessidades e realidades pessoais e escolar dos alunos”* (SNEC, 2014, p. 7).

Que estas propostas sejam um contributo sério para a valorização da disciplina de EMRC no contexto escolar e para contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos onde a dimensão espiritual e religiosa sejam afloradas com maior relevância e profundidade. O cristianismo tem de ser um contributo para *“esta nova ideia que o mundo dá de si mesmo, reajustando os seus pilares fundadores às novas exigências de sentido, de razão e de esperança”* (Varanda, 2007).

Conclusão

“(...) uma das maiores alegrias de um educador ocorre quando ele pode ver um estudante constituindo-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de dar” (Francisco, 2019b, p. 120).

Ao terminar o nosso Relatório da Prática de Ensino Supervisionado e do caminho percorrido apraz-nos confirmar as palavras do Papa Francisco. Este deve ser o desejo de todo o docente, em especial o docente de EMRC, pois tem a missão de ajudar os seus alunos a compreender, a vivenciar e experienciar o lugar da pessoa humana na sociedade e na diversidade cultural que hoje se nos penetra, pautando-se por uma postura de intervenção, valorização e defesa da vida e da dignidade humana.

Como disse Bento XVI aos professores de religião católica em Itália, os professores de ERE contribuem para dar alma à escola e para garantirem à fé cristã plena cidadania nos lugares de educação e de cultura (SNEC, 2014).

O resultado deste relatório advém das aprendizagens realizadas ao longo do mestrado e serviram para nos capacitar como professores, dotados de uma enorme componente científica na área da educação com estreita ligação à teologia e à antropologia.

Com o nosso trabalho pretendemos refletir a temática de Deus nos tempos de hoje, contribuindo para uma valorização da mesma como forma de dar sentido à dimensão religiosa do ser humano que é intrínseca ao facto cultural e que contribui para a formação global e integrada da pessoa e que permite transformar o conhecimento em sabedoria de vida (SNEC, 2014).

O questionamento de Deus é uma inquietação fundamental na vida da pessoa humana e a experiência de Deus é a decisiva resposta a essa inquietação. Nessa experiência de Deus homens e mulheres encontram uma resposta de sentido para a sua vida, assente num projeto de felicidade baseado no amor e na doação aos outros, tal como Deus fez ao longo da história, em especial quando se dá e se revela na Pessoa do Seu Filho Jesus. Deus torna-se assim o centro e fundamento da existência de quem O experiencia.

A EMRC deve contribuir para essa experiência apresentando as ferramentas necessárias para o discente se deixe interpelar pelo Mistério grandioso de Amor que se nos revela na história. A dimensão da fé é condição indispensável para compreender

Deus, tendo sempre presente que a nossa condição humana apenas pode abarcar aquilo que Deus nos quer revelar. Como tal, a experiência de Deus é necessariamente uma experiência de fé. Não se começa a ser cristão por uma experiência ética ou por uma ideia, mas pelo encontro com a Pessoa que confere novo horizonte e, com Ele, uma orientação decisiva para a nossa vida (Francisco, 2019b). A novidade desta experiência é o respeito pela liberdade individual de cada um, não ficando o experienciado refém dessa mesma experiência, mas para vivê-la de maneira intensa e recíproca. O Papa Francisco citando Pedro Arrupe diz-nos que *“nada pode ser mais importante do que encontrar Deus. Quer dizer, enamorar-se Dele de uma forma definitiva e absoluta. Enamora-te! Permanece no amor! E tudo será diferente!”* (Francisco, 2019b, p. 69). Como disse Joseph Ratzinger, ensinar e aprender o amor deve ser a missão primordial de quem fala de Deus.

Durante a experiência da PES pautamo-nos por uma atitude de testemunho dessa experiência de amor que Deus dá a quem se mostra capaz de o receber: *“o ser é o processo mais eficaz e o suporte didático mais autêntico do aprender a ser - «crê o que lês, ensina o que crês, vive o que ensinas»*” (CEP, 2002).

Esta experiência de lecionação contribuiu para o desenvolvimento das competências pedagógicas e didáticas e a ter sempre presente um olhar crítico-constructivo relativamente ao programa de EMRC e do nosso desempenho enquanto docentes. Só assim podemos ser professores competentes e profissionais e contribuir para que a disciplina esteja na escola e seja da escola.

As nossas propostas de valorização da UL 2: *Deus, o grande mistério* pretendem ser um contributo para a reflexão de aperfeiçoamento da curricularidade do PERMC onde a exigência da proposta cristã fomente experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos uma participação nova de sentido na vida escolar, no seu processo educativo e na intervenção social e que este seja um contributo eficaz para uma sociedade mais justa, mais bela e mais bondosa (SNEC, 2014).

Não posso terminar sem deixar uma palavra de agradecimento a todos aqueles que contribuíram para que o sucesso alcançado fosse uma realidade: ao Professor Dr. Francisco Guimarães, Professor Doutor António Filipe Babosa, ao Professor Doutor José Pedro Angélico ao meu colega de estágio e a todos os meus colegas de mestrado. A disponibilidade, o respeito, as partilhas, reflexões e críticas foram muitas vezes a força motriz para que o crescimento e aperfeiçoamento alcançados fossem bastante positivos e significativos. Nesses momentos, percebemos que ser professor não é viver na acédia

profissional, mas sim numa dialética sempre construtiva, assente no desejo de aprender
duma forma sempre nova para poder ensinar com um olhar sempre novo e renovado.

Bibliografia

- Abrecht, R. (1994). *A Avaliação Formativa*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Adamson, J. B. (1976). *The Epistle of James*. Michigan: The New International Commentary on the New Testament.
- Alabat, V. B. (1989). *Proyeto Educativo, Plan Anual del Centro, Programación Docente y Memória*. Madrid: Escuela Espanhola.
- Alves, H. (2004). *Comentário à Constituição Dogmática Dei Verbum, Concílio Vaticano II*. Fátima: Difusora Bíblica.
- Ambrosio, J. F. (2002). *Encontro com Cristo, plenitude do ser huamano*. Lisboa: Paulinas Editora.
- Asencio, V. M. (1997). *Comentario al Antiguo Testamento II*. Madrid: La Casa de la Bíblia.
- Asensio, V. M. (1994). *Libros Sapienciales y otros escritos*. Estella: Verbo Divino.
- Bingemer, M. C. (2004). Um Deus pata ser amado: algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner. *Perspetivas Teológicas* (36), pp. 125-141.
- Bingemer, M. C. (2014). *Viver como Crentes no Mundo em Mudança*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Carvalho, C. S. (2007). Metas educativas e avaliação pedagógica. *Pastoral Catequética* 8, pp. 149-150.
- Carvalho, C. S. (2015). Pressupostos epistemológicos e pedagógicos no desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014 . *Pastoral Catequética* 31/32, pp. 29-61.
- Conferência Episcopal Portuguesa (2002) – *Educação - direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Secretariado Geral da CEP. Lisboa. Acedido em 30/11/2019, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>

- Conferência Episcopal Portuguesa (2006). Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade.
- Conferência Episcopal Portuguesa (2019). *Bíblia – Os quatro Evangelhos e os Salmos*. Lisboa: Gráfica Almondina.
- Cohen, A., & Fradique, J. (2018). *Guia da Autonomia e Flexibilidade Curricular*. Lisboa: Raiz Editora.
- CRIAD. (2001). *Missão Carismática Amor de Deus*. Fátima.
- CRIAD (s.d. a). *Projeto Educativo Escolas Amor de Deus*. Fátima.
- CRIAD (s.d. b). *Regulamento Interno Colégio Nossa Senhora de Lourdes*. Porto.
- Debray, R. (2002). Qu'est-ce qu'un fait religieux? *Études*, n° 39-73, pp. 169-180.
- Decreto-Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14.
- Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril. Diário da República n.º 65/2016, Série I de 2016-04-04.
- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. Diário da República n.º 159/2018, Série I de 2018-08-20.
- Doll, W. (1997). *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. Porto Alegre: Artmed.
- Duque, J. (2004). *Cultura contemporânea e cristianismo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Duque, J. (2006). O acesso a Jesus num contexto de disseminação do crer. *Didaskalia*, 36(2), pp. 151-163.
- Duque, J. (2008a). O conceito de Deus na Teologia Fundamental. *Didaskalia*, 38(2), pp. 229-246.
- Duque, J. (2008b). Teologia Trinitária. *Congresso Internacional Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo*. Fátima: Santuário de Fátima.
- Duque, J. (2012a). A condição crente perante os desafios do futuro. *Didaskalia* 32 (2), 165-176.

- Duque, J. (2012b). Novos ídolos - desafios de sempre. *Theologica 2ª série*, 47, 1, pp. 61-69.
- Duque, J. (2013). Transmissão da fé em contexto pós-moderno. *Perspetiva teológica*, 126, pp. 205-217.
- II Concílio do Vaticano (1965). *Gravissimum Educationis*. Obtido de Vaticano.va: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Fischer, G. (1997). *Guía espiritual del Antiguo Testamento: El libro de Jeremías*. Barcelona: Editorial Herber.
- Fisichella, R. (2006). *A fé como resposta de sentido*. Prior Velho: Paulinas.
- Francisco, P. (2014). *A Alegria do Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Francisco, P. (2018). *Alegrai-vos e exultai*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Francisco, P. (2019a). *Aperuit Illis*. Roma: 30 de setembro de 2019, 12: AAS 111.
- Francisco, P. (2019b). *Cristo Vive*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Gabarrón, J. C. (1995). *Comentario al Nuevo Testamento* (3º ed.). Madrid: La Casa de la Biblia.
- García, J. A. (2002). *Fe y experiencia cristiana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.
- Geffré, C. (1994). L'approche de Dieu par l'homme d'aujourd'hui. *Revue des Sciences Religieuses*, 68(4), pp. 489-508. doi:<https://doi.org/10.3406/rscir.1994.3292>
- Gilbert, M. (2003). *Les Cinq livre de Sages: les Proverbes de Salomon, Le livre de Job, Quhélet ou L'Ecclésiaste, Le livre de Bem Sira, La Sagesse de Salomon*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- González-Carvajal, L. (1998). *Ente la utopía y la realidad* (2º ed.). Santander: Editorial Sal Terrae.

- Grün, A. (2008). *O livro das respostas de Anselm Grün. Respostas às principais questões da vida*. . Prior Velho: Paulinas Editora.
- Kasper, W. (2011). *El Dios de JesuCristo* (8ª ed.). Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Kraus, H.-J. (1993). *Los Salmos – Vol. I (1-59)*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Lacoste, J.-Y. (1998). *Dictionnaire critique de Théologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lacy, J. M. (1997). *Comentario al Antiguo Testamento II*. Madrid: La Casa de la Biblia.
- Ladaria, L. F. (2010). *El Dios Vivo Y Verdadeiro: El mistério de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitário.
- Laporta, A. A. (2006). *Teoria y didáctica del patrimonio cultural cristiano: concepto y áreas de la cultura religiosa cristiana en España*. Granada: Universidad de Granada.
- Leite, C. (2003). Forma. *Projeto Educativo de Escola, Projeto Curricular de Escola, Projeto curricular de turma: o que têm em comum? O que os distingue?*, pp. 11-18.
- Lindez, J. V. (1995). *Sabedoria y Sabio en Israel*. Estella: Editorial Verbo Divino.
- Martins, V. (s.d.). *Instituto Politécnico de Viseu*. Obtido de <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium27/23.htm>:
<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium27/23.htm>
- Oporto, S., & García, M. S. (1997). *Comentario al Antiguo Testamento II*. Madrid: La Casa de la Biblia.
- Pinho, J. E. (2002). A questão de Deus e a consciência crítica dos fiéis. *Didaskalia*, 32(2), pp. 31-60.
- Ratzinger, J. (2017). *Introdução ao Cristianismo*. Cascais: Lucerna.
- Ravasi, G. (1999). *Il Libro dei Salmi: Comento e atualizzazione – volume Iº (1-50)*. Bologna: Edizioni Dehoniane.
- Rodriguez, R. H. (2008). *Hebreos y cartas Católicas: Santiago, 1 y Pedro, Judas, 1, 2 y 3 Juan*. Estella: Verbo Divino.

- Roldão, M. d. (1999). *Gestão Curricular. Fundamentos e Práticas*. . Ministério da Educação.
- Roldão, M. d. (2000). Educação Escolar e Currículo. Em AEEP, *Currículo: gestão diferenciada e aprendizagens de qualidade* (pp. 7-22). Lisboa: Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo.
- Roldão, M. d. (2007). Função Docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, pp. 94-102.
- Roldão, M. d. (2013). Desenvolvimento do Currículo e melhoria dos processos e resultados. Em J. Machado, & J. M. Alves, *Melhorar a Escola* (pp. 131-140). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia/Centro de Estudos em Desenvolvimento & Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas (SAME).
- Roldão, M. d., & Almeida, S. d. (2018a). Estudos em Avaliação Educacional. *Contextualização Curricular numa Rede de Escolas Portuguesas: Promessa ou oportunidade perdida?*, pp. 8-46.
- Roldão, M., & Almeida, S. (2018b). *Gestão Curricular: Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Sequeri, P. (2013). *A ideia da fé: tratado de teologia fundamental*. Braga: Editorial Frente e Verso.
- Serpa, M. (2010). *Compreender a avaliação: fundamentos para práticas educativas*. . Lisboa: Edições Colibri.
- Silva, M. I. (2007). *O diretor de turma e a gestão curricular no Conselho de Turma — Consenso ou Conflito? Um Estudo de Caso em Duas Escolas Públicas*. Porto: Universidade Portucalense. Obtido em 13 de nov. de 2018, de <http://repositorio.uportu.pt/bitstream/11328/181/2/TME%20356.pdf>
- Silva, W. S. (2011). A ética cristã como ato primeiro da fé cristã. *Rhema - Revista de Filosofia e Teologia*, 15(48/49/50), pp. 57-74. Obtido em 2 de agosto de 2018, de <https://seer.cesjf.br/index.php/RHEMA/article/view/143>
- SNEC. (2018). *Ser Professor de EMRC*. Obtido de Educris: <https://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>

- SNEC. (2014). *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina.
- SNEC. (2015). *Quero Ser!* Lisboa: Fundação SNEC.
- Thompson, J. A. (1980). *The Book of Jeremiah*. Michigan: The New International Commentary on the Old Testament.
- Torralba, F. (2015). *Pasión por educar*. Madrid: Ediciones Khaf.
- Tuñi, J.-O., & Alegre, X. (2005). *Escritos Joánicos y cartas Católica*. Estella: Verbo Divino.
- Varanda, I. (2007). Deus, história, cosmos. *Didaskalia*, 37 (2), pp. 79-95.
- Velasco, J. M. (1997). *La experiencia cristiana de Dios*. Madrid: Editorial Trotta.
- Weiser, A. (1994). *Os Salmos*. São Paulo: Paulus.
- XVI, P. B. (2006). *Deus é amor*. Prior Velhor: Paulinas Editora.

ANEXOS

Anexo A – Ficha de caracterização da turma



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Departamento de Expressões
Educação Moral e Religiosa Católica

Ficha de Caracterização do Aluno

Quem és tu?

Nome: _____

Ano letivo: _____ / _____ Ano: _____ Turma: _____ Número: _____

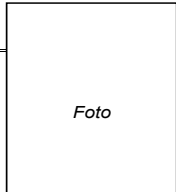
Idade: _____ Data de Nascimento: _____ Naturalidade: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____ - _____

Tens algum problema de saúde? _____ Se sim, qual? _____

Indica três qualidades que te caracterizem: _____



Tu e a tua família

Nome do Pai: _____ Idade: _____

Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____

Nome da Mãe: _____ Idade: _____

Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____

Encarregado de Educação (Grau de Parentesco): _____ Idade: _____

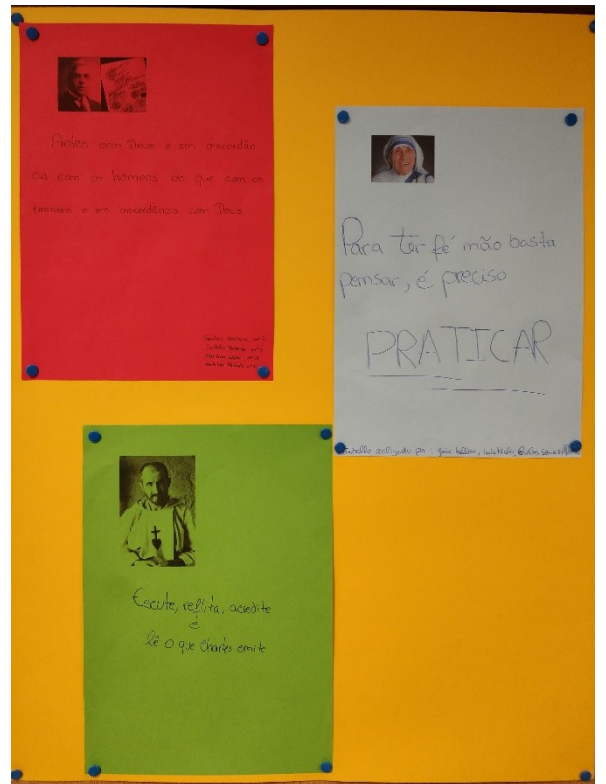
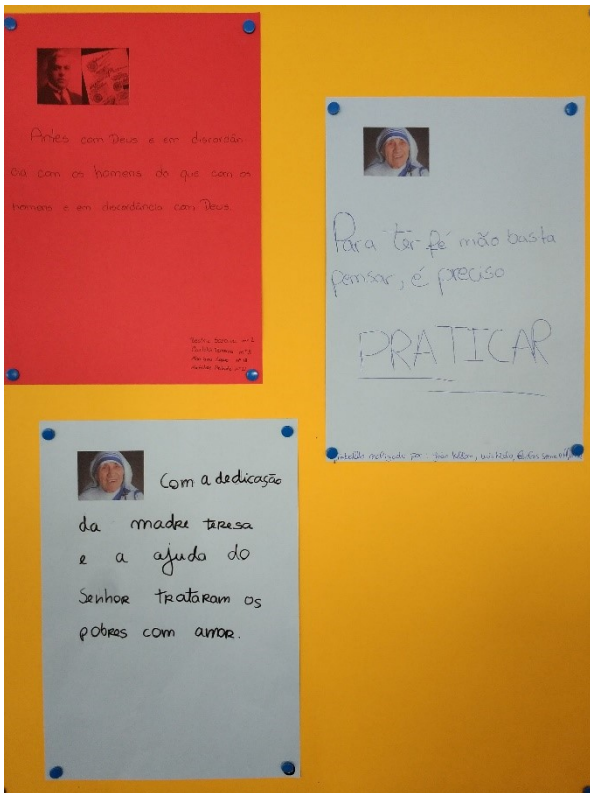
Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____

Número de Irmãos: _____ Idades: _____ Quantos estudam? _____ Quantos trabalham? _____



Com quem vives? _____

Os teus pais...	Nunca	Poucas Vezes	Muitas Vezes
...conversam contigo sobre o teu dia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os teus amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os teus gostos e interesses?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os problemas da sociedade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...controlam o teu estudo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...controlam os teus cadernos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os teus resultados escolares?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo B – Resultado do trabalho de grupo - aula nº 5



Anexo C – QR Code – aula nº 3

EGITO - 1	EGITO - 2
	

GRÉCIA - 1	GRÉCIA - 2
	

Anexo D – Plickers



FIGURA 4 - LOGÓTIPO DO RECURSO PLICKERS

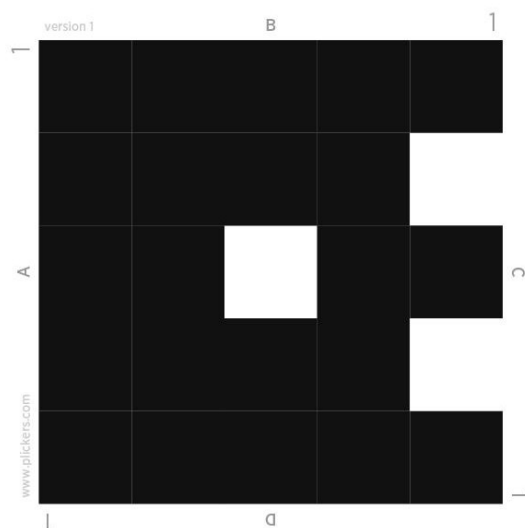


FIGURA 5 - CARTÃO-CÓDIGO ATRIBUÍDO A CADA ALUNO. É A FERRAMENTA UTILIZADA PELOS ALUNOS PARA RESPONDEREM ÀS QUESTÕES COLOCADAS

Anexo E – Avaliação formativa a partir do *Plickers* – aula nº 4

	COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES	MATRIZ DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA 11 DE FEVEREIRO DE 2019	2018/2019
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------	------------------

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRUTURA DE PROVA	MATERIAL A UTILIZAR	DURAÇÃO DA PROVA
<p>1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.</p> <p>2. Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As várias formas de crença num Deus: fé/teísmo. - As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. 	<p>Questões de resposta fechada: resposta de escolha múltipla e resposta de verdadeiro ou falso.</p>	<p>Aplicação: <i>Plickers</i> - Cartão-código de aluno</p>	<p>30 minutos</p>

NUMERO DA QUESTAO	TIPOLOGIA DAS QUESTOES	CRITERIOS DE CORREÇÃO	COTAÇÃO MAXIMA (100%)
1	Escolha múltipla	A	8,33%
2	Escolha múltipla	C	8,33%
3	Escolha múltipla	B	8,33%
4	Escolha múltipla	B	8,33%
5	Escolha múltipla	B	8,33%
6	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%
7	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%
8	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%
9	Escolha múltipla	B	8,33%
10	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%
11	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%
12	Verdadeiro (True) ou Falso (False)	A	8,33%

MISSED

- 1 A problemática da existência de Deus é uma questão humana fundamental porque
- a procura do sagrado é uma realidade humana e universal
 - B Deus explica os fenómenos que a ciência não consegue
 - C necessário mostrar que a existência de Deus não faz qualquer sentido
 - D

MISSED

- 2 A fé/teísmo consiste



- A no desconhecimento face à existência de Deus
- B na negação da existência de Deus
- na crença num Deus

D

MISSED

- 3 O Ateísmo consiste
- A no desconhecimento face à existência de Deus
 - na negação da existência de Deus
 - C na crença em Deus
 - D

MISSED

- 4 O Agnosticismo consiste
- no desconhecimento face à existência de Deus
 - B na negação da existência de Deus
 - C na crença em Deus
 - D

MISSED

- 5 Relativamente aos crentes e não crentes
- A Devem caminhar separadamente, pois não existem pontos de diálogo entre ambos
 - Ambos fazem a experiência de finitude, dever moral e liberdade
 - C fé não deve dialogar com a razão, pois é uma opção sem qualquer fundamento racional
 - D

6 Untitled Set

MISSED

- 6.1 Todas as culturas religiosas apresentam características comuns do fenómeno religioso, como por exemplo: lugares sagrados, objetos sagrados, livros sagrados, etc.
- True
 - B False

7 Untitled Set

MISSED

- 7.1 Relativamente aos elementos constitutivos dos fenómeno religioso: Doutrina é o de normas éticas a praticar no dia a dia.
- A True
 - False

8 Untitled Set

MISSED

- 8.1 Relativamente aos elementos constitutivos dos fenómeno religioso: Os ritos são cerimónias culturais através dos quais se presta adoração à divindade.
- True
 - B False

9 Untitled Set

MISSED

9.1 Na religião do Egito Antigo



- A prestava-se culto a um só Deus, pai de todos os seres
- B prestava-se culto a vários deuses que assumiam traços de animais sagrados
- C os deuses não estavam ligados às forças da natureza
- D

11 Untitled Set

MISSED

11.1 Na religião do Egito Antigo



- A prestava-se culto a um só Deus, pai de todos os seres
- B prestava-se culto a vários deuses que assumiam traços de animais sagrados
- C os deuses não estavam ligados às forças da natureza
- D

10 Untitled Set

MISSED

10.1 Na cultura religiosa da Grécia Antiga, os deuses tinham traços humanos e estes desciam do Monte Olimpo para se relacionar com as pessoas.



- A True
- B False

12 Untitled Set

MISSED

12.1 A tradição religiosa Judaica é monoteísta e o seu Deus estabeleceu uma aliança com o povo de Israel. O seu Deus está sempre presente e o povo deve obedecer e confiar Nele.

יהוה

- A True
- B False

13 Untitled Set

MISSED

13.1 O Deus dos cristãos é apresentado como um Ser infinitamente bom, que é pai e que salva. Ele liberta os crentes dos seus medos e egoísmos e impele-os a servir os outros.



- A True
- B False

Colégio de Nossa Senhora de Lourdes Educação Moral e Religiosa Católica

Trabalho de Avaliação Formativa

Nesta unidade letiva, estudamos a problemática da existência de Deus, os vários posicionamentos perante o transcendente, o fenómeno religioso, as expressões da vivência da fé e as implicações históricas, culturais e sociais dessa vivência.

Trabalho

- Foi-vos entregue um texto de Anselmo Grūn que contém uma pergunta e consequente resposta;
- Fazei uma análise crítica do texto tendo em conta tudo aquilo que aprendeste na unidade letiva 2, “*Deus o Grande Mistério*”.
- Nessa análise crítica deveis colocar uma perspetiva pessoal relativamente à questão colocada, ou seja, deveis responder a essa mesma pergunta tendo em conta a vossa experiência pessoal.

Apresentação

- Documento *Word*;
- Tipo de letra: *Arial*;
- Tamanho de letra: 12 com título a 14;
- Máximo de caracteres incluindo espaços: 2000.

Estrutura do Trabalho

- Título;
- Introdução;
- Análise crítica;
- Conclusão.


Critérios de Avaliação: indicadores e ponderação

- Classificação global: escala percentual de 0 a 100;
- Indicadores:
 - Cumprimento de prazo – 5%
 - Cumprimento dos critérios de elaboração do trabalho – 5%
 - Língua Portuguesa – 10%
 - Introdução – 10%
 - Análise Crítica – 50%
 - Conclusão – 10%
 - Apresentação – 10%

Apresentação – 11 de março

Professor Plácido Santos

Anexo G – Avaliação formativa global – aula nº 9

 COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES		MATRIZ DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA “Deus, o Grande Mistério” – UL2 25 de março 2019			2018/2019
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRUTURA DE PROVA	MATERIAL A UTILIZAR	DURAÇÃO DA PROVA	
1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a afirmação ou negação da existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. 2. Identificar as representações de divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo.	<ul style="list-style-type: none"> - As várias formas de crença num Deus: fé/teísmo. - As várias formas da recusa da crença num Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. - Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. - Noção de Monoteísmo. - Noção de Politeísmo. - As representações das divindades nas culturas antigas e de Deus no Judaísmo e no Cristianismo. 	1. Vinte questões de resposta fechada: resposta de escolha múltipla e resposta de verdadeiro ou falso – Grupo I 2. Duas questões de resposta aberta – Grupo II	- Aplicação: <i>Plickers</i> - Cartão-código de aluno Papel e material de escrita	- 30 minutos - 15 minutos	

<p>3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus para os crentes da tradição religiosa Judaica e Cristã, a partir de textos do livro religioso destes: Torah e Bíblia.</p> <p>4. Descobrir, em factos sociais, acontecimentos históricos e histórias de vida, as transformações provocadas pela vivência da fé.</p>	<p>- A coerência entre a fé e as obras: Tg 2, 14-17.</p> <p>- A fé cristã:</p> <ul style="list-style-type: none"> • uma experiência de encontro; • um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; • um apelo à construção de um mundo solidário. <p>- Vidas de pessoas que transformaram a sociedade onde estavam inseridos pela vivência da sua fé: Aristides de Sousa Mendes</p> <p>- Noção de Bem comum</p> <p>- Instituições de origem religiosas empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.</p>			
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

GRUPO I

NÚMERO DA QUESTÃO	TIPOLOGIA DAS QUESTÕES	CRITÉRIOS DE CORREÇÃO	COTAÇÃO MÁXIMA (100%)
1	Escolha múltipla	B	4%
2	Escolha múltipla	B	4%
3	Escolha múltipla	B	4%
4	Escolha múltipla	A	4%
5	Verdadeiro ou Falso	B	4%
6	Escolha múltipla	A	4%
7	Escolha múltipla	C	4%
8	Escolha múltipla	B	4%
9	Escolha múltipla	A	4%
10	Escolha múltipla	C	4%
11	Escolha múltipla	C	4%
12	Verdadeiro ou Falso	B	4%
13	Escolha múltipla	B	4%

14	Verdadeiro ou Falso	A	4%
15	Escolha múltipla	A	4%
16	Verdadeiro ou Falso	A	4%
17	Verdadeiro ou Falso	A	4%
18	Verdadeiro ou Falso	A	4%
19	Escolha múltipla	B	4%
20	Escolha múltipla	B	4%
TOTAL GRUPO I			80%
GRUPO II			
1	Resposta aberta	Referência a todas as seguintes alíneas: a) Aristides de Sousa Mendes agiu de acordo com a sua crença b) e valores que a ela estão subjacentes. c) Foi um gesto de coragem, pois este arriscou a sua vida, seguindo a sua consciência em prol de um bem maior: a	10%

		<p>dignidade e salvação das pessoas perseguidas.</p> <p>d) Assim colocou em risco a sua carreira em prol do bem comum.</p> <p>Identifica três das alíneas a) – b) – c) – d) 8%</p> <p>Identifica duas das alíneas a) – b) – c) – d) 6%</p> <p>Identifica uma das alíneas a) – b) – c) – d) 4%</p> <p>Outros itens 2%</p>	
2	Resposta aberta	<p>Referência a quatro das seguintes alíneas:</p> <p>1. Argumentos dos crentes</p> <p>a) A ordem do universo é um convite a acreditarmos que tudo o que existe é fruto da ação de um ser infinito e superior.</p> <p>b) A questão do sentido da vida humana, da sua finitude e o desejo</p>	10%

		<p>de eternidade são fatores que levam as pessoas a acreditar em Deus.</p> <p>c) A existência de valores universais são pontos de referência que desafia à crença em Deus.</p> <p>2. Argumentos dos ateus</p> <p>d) Não acreditam em nada que está para além do observável, ou seja, do mundo material.</p> <p>e) A ciência é a única maneira de chegar à verdade.</p> <p>f) O sofrimento e o mal são duas realidades que são incompatíveis com a existência de Deus.</p>	
		Identifica três das alíneas a) – b) – c) – d) – e) – f)	8%
		Identifica duas das alíneas a) – b) – c) – d) – e) – f)	6%

	Identifica uma das alíneas a) – b) – c) – d) – e) – f)	4%
	Outros itens – consideram-se outros argumentos apresentados pelo aluno desde que coerentes e cientificamente corretos.	2%
TOTAL GRUPO II		20%
TOTAL AVALIAÇÃO FORMATIVA		100%

Grupo I

25 March - 31 March 2019

MISSED

- 1 A problemática da existência de Deus é uma questão humana fundamental porque
- A Deus explica os fenómenos que a ciência não consegue
 - a procura do sagrado é uma realidade humana e universal
 - C é necessário mostrar que a existência de Deus não faz qualquer sentido

MISSED

- 2 Qual das seguintes opções NÃO se refere a uma das características do fenómeno religioso?



- A Universal
- Irracional
- C Antropológico
- D Intemporal

3 Untitled Set

MISSED

- 3.1 A doutrina, elemento constitutivo do fenómeno religioso
- A é uma cerimónia cultural através da qual se presta adoração a Deus.
 - é o conjunto de dogmas e/ou crenças de uma tradição religiosa
 - C é o conjunto de normas a viver e praticar no dia a dia.

MISSED

- 4 O ateísmo é uma opção filosófica
- de quem se assume responsável pelos seus atos
 - B de quem considera a opção "Deus" no método científico
 - C de quem remete as questões do bem e do mal para seres hipotéticos

MISSED

- 5 O agnosticismo declara que a questão "Deus" pode ser analisada pela razão
- A Verdadeiro
 - Falso

MISSED

- 6 A fé consiste



- na crença numa ou várias divindades
- B na negação da existência de Deus
- C no desconhecimento face à existência de Deus

MISSED

- 7 Indica uma das razões que sustenta a crença em Deus
- A O conhecimento mais profundo de como, quando e onde surgiu o Universo e a vida é um convite a acreditar em Deus
 - B A existência do sofrimento, do mal, da desgraça e da morte convidam a acreditar em Deus
 - A existência de valores éticos universais que podem ser pontos de referência absolutos
 - D A crença em Deus é a forma de conseguirmos uma explicação para os fenómenos cujos mecanismos desconhecemos

8 Untitled Set

MISSED

- 8.1 "Só me falta saber se Deus existe". Esta frase de Antero de Quental enquadra-se em qual dos seguintes conceitos



- A Ateísmo
- B Agnosticismo
- C Crença

9 Untitled Set

MISSED

- 9.1 "Não tenho necessidade de Deus, nem saberia o que fazer com Ele". Esta frase de Jean Paul Satre enquadra-se em qual dos seguintes conceitos



- A Ateísmo
- B Agnosticismo
- C Crença

10 Untitled Set

MISSED

- 10.1 "É mais razoável acreditar em Deus do que não acreditar". Esta frase de Anselmo Borges enquadra-se em qual dos seguintes conceitos



- A Ateísmo
- B Agnosticismo
- C Crença

MISSED

- 11 Relativamente aos crentes e não crentes

- A devem caminhar separadamente, pois não existem pontos de diálogo entre ambos
- B a fé não deve dialogar com a razão, pois é uma opção sem qualquer fundamento racional
- C ambos fazem a experiência de finitude, dever moral e liberdade

12 Untitled Set

MISSED

- 12.1 Na tradição religiosa do antigo Egito prestava-se culto a vários deuses que assumiam traços de animais sagrados. Contudo, estes não estavam ligados às forças da natureza.



- A Verdadeiro
- B Falso

13 Untitled Set

MISSED

13.1 Relativamente à religião Greco-Romana

- A os gregos e romanos eram monoteístas
- os deuses eram imortais, mas tinham características semelhantes às humanas
- C os deuses gregos e romanos eram totalmente diferentes
- D não existia qualquer relação entre deuses e humanos

14 Untitled Set

MISSED

14.1 A tradição religiosa judaica acredita num Deus transcendente e misterioso que se faz presente no meio do povo em quem este deve confiar e obedecer.

- Verdadeiro
- B Falso

15 Untitled Set

MISSED

15.1 Qual das seguintes opções NÃO corresponde ao nome de Deus na tradição religiosa judaica



- KHNUM
- B ELOHIM
- C YAWÉH
- D ADONAI

16 Untitled Set

MISSED

16.1 O Deus dos cristãos é apresentado como um Ser infinitamente bom, que é pai e que salva. Ele liberta os crentes dos seus medos e egoísmos e convida-os a servir os outros



- Verdadeiro
- B Falso

17 Untitled Set

MISSED

17.1 Segundo textos do Novo Testamento, para os Cristãos a fé e as obras/caridade são inseparáveis

- Verdadeiro
- B Falso

18 Untitled Set

MISSED

18.1 Por Bem comum deve entender-se o conjunto das condições sociais que permitem, tanto aos grupos como a cada um dos seus membros, atingir a sua perfeição, de modo mais completo e adequado



- Verdadeiro
- B Falso

19 Untitled Set

MISSED

19.1 Existem Instituições de matriz Cristã que vivem empenhadas no bem comum. A Santa Casa da Misericórdia é uma delas e tem como principal objetivo



- A ajudar financeiramente as famílias com situação precária em países em conflito
- colocar em prática os preceitos cristãos da caridade expressos nas 14 obras de misericórdia: 7 espirituais e 7 corporais
- C dar resposta a situações de pobreza, exclusão social e situações de emergência internacional em resultado de catástrofes naturais ou calamidade pública

20 Untitled Set

MISSED

20.1 O conhecimento da totalidade de Deus

- A é acessível ao ser humano
- é inacessível ao ser humano
- C é demonstrável cientificamente

Grupo II



COLÉGIO
NOSSA SENHORA
DE LOURDES

Educação Moral e Religiosa Católica

Ano letivo 2018/19 – 2º Período

Ficha de Avaliação de Educação Moral e Religiosa Católica

9ºano de Escolaridade – Turma A

Grupo II

Nome: _____ Número: _____

Classificação: ____/20% _____ Professor: _____

Encarregado(a) de Educação: _____

Observações: _____



"Tenho de salvar estas pessoas, tantas, quantas eu puder. Se estou a desobedecer a ordens, prefiro estar com Deus e contra os homens, do que com os homens e contra Deus".

Aristides de Sousa Mendes



1. Partindo do texto e sabendo que Aristides de Sousa Mendes estava a infringir a lei, apresenta as razões justificativas desta forma de agir. (10%)

R: Aristides de Sousa Mendes agiu de acordo com a sua crença e valores que a ela estão subjacentes. Foi um gesto de coragem, pois este arriscou a sua vida, seguindo a sua consciência em prol de um bem maior: a dignidade e salvação das pessoas perseguidas. Assim colocou em risco a sua carreira em prol do bem comum.

2. Tendo em conta o que foi trabalhado na unidade letiva “Deus, o grande mistério”, apresenta dois argumentos utilizados pelos crentes em Deus e dois argumentos utilizados pelos ateus para justificar as suas posições perante o fenómeno religioso. (10%)


R: Argumentos dos crentes

- 1. A ordem do universo é um convite a acreditarmos que tudo o que existe é fruto da ação de um ser infinito e superior.**
- 2. A questão do sentido da vida humana, da sua finitude e o desejo de eternidade são fatores que levam as pessoas a acreditar em Deus.**
- 3. A existência de valores universais são pontos de referência que desafia à crença em Deus.**

R: Argumentos dos ateus

- 1. Não acreditam em nada que está para além do observável, ou seja, do mundo material.**
- 2. A ciência é a única maneira de chegar à verdade.**
- 3. O sofrimento e o mal são duas realidades que são incompatíveis com a existência de Deus.**

Anexo H – Grelha de observação de aula

 COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES		Colégio Nossa Senhora de Lourdes					Grelha de observação de aula
		Assiduidade e pontualidade	Material	Participação	Respeito pelo outro	Cooperação	Realização das tarefas
<i>nº Nome</i>		<i>Aula nº _____</i>					<i>Data: ___/___/___</i>
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
<i>Professor: Plácido Santos</i>							

Anexo I – Ficha de autoavaliação e heteroavaliação – aula nº 10



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes

2018/2019

Ficha de Autoavaliação e Heteroavaliação

Nome: _____ Ano / Turma: _____ nº: _____

Parâmetros		AVALIAÇÃO														
		1º PERÍODO					2º PERÍODO					3º PERÍODO				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Competências Cognitivas	Testes de Avaliação															
	Trabalhos individuais ou de grupo															
	Empenho e Criatividade															
	Apresentações escritas e/ou orais															
Competências sócio-afetivas	Pontualidade e Assiduidade															
	Interesse e Responsabilidade															
	Participação															
	Comportamento															
	Relação com os outros															
NÍVEL																

Depois de teres realizado a tua autoavaliação procura fazer, de forma responsável e honesta, uma avaliação das aulas, da disciplina, do professor e da turma, em termos gerais. Fá-lo de forma descritiva (isto é, escrevendo um comentário) e atribuindo uma classificação (tal como fizeste na ficha de autoavaliação). Avaliar o trabalho é fundamental para melhorarmos as aulas e o nosso trabalho.

		AVALIAÇÃO	
2º PERÍODO	AULAS		
	DISCIPLINA		
	TURMA		
	PROFESSOR		

Índice

SIGLÁRIO.....	4
RESUMO	5
INTRODUÇÃO	7
Iª PARTE – CARATERIZAÇÃO DA TURMA E GESTÃO CURRICULAR.....	10
1.1 Caraterização da turma.....	10
1.1.1 Projeto Educativo e Instituição de Ensino.....	11
1.1.2 Caraterização da turma.....	15
1.1.2.1 Instrumentos de recolha de dado	15
1.1.2.2 Dados recolhidos a partir da “ <i>Ficha de Caraterização da turma</i> ”	15
1.1.2.3 Dados recolhidos no Conselho de Turma.....	18
1.1.3 Leitura crítica e ilações curriculares e pedagógico-didáticas.....	19
1.1.3.1 Leitura crítica	19
1.1.3.2 Ilações curriculares e pedagógico-didáticas	19
1.2 Gestão Curricular	22
1.2.1 Referencial teórico	22
1.2.2 Calendarização e opções curriculares	26
IIª PARTE – PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	31
2.1 Planificações e Sequência do processo ensino-aprendizagem	31
2.1.1 Planificação Anual	32
2.1.2 Planificação da Unidade Letiva 2: <i>Deus, o grande mistério</i>	37
2.1.3 Sequência do processo ensino-aprendizagem	64
2.2 Recursos	69
2.3 Instrumentos de Avaliação	71
2.4 Balanço crítico de desempenho	75
IIIª PARTE – CONTRIBUTOS TEOLÓGICOS PARA UMA VALORIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2: <i>DEUS, O GRANDE MISTÉRIO</i>.....	80
3.1 Aproximação teológico-antropológica à questão de Deus na atualidade	81
3.1.1 O Deus de Jesus Cristo: abertura ao mistério revelado.....	81
3.1.2 Um Deus de Amor	86
3.1.3 O conceito de Deus, o ídolo e a via icónica	89
3.1.4 A relevância/significatividade da relação teologal.....	93

3.1.5 A experiência cristã de Deus: amado para um amor de alteridade.....	97
3.2 Aproximação exegetica a alguns textos bíblicos	103
3.2.1 Sir 43, 27-33.....	104
3.2.2 Sl 23	107
3.2.3 Jr 7, 4-11	110
3.2.4 Tg 2, 14-17.....	113
3.3 Balanço crítico e propostas de valorização curricular.....	116
3.3.1 Análise da UL e propostas de valorização curricular.....	117
3.3.2 Propostas pedagógico-didáticas	129
3.3.3 Reflexões conclusivas	130
CONCLUSÃO	132
BIBLIOGRAFIA.....	135
ANEXOS	141
Anexo A – Ficha de caracterização da turma	141
Anexo B – Resultado do trabalho de grupo – aula nº5	142
Anexo C – QR Code – aula nº 3.....	143
Anexo D – <i>Plickers</i>	144
Anexo E – Avaliação formativa a partir do <i>Plickers</i> – aula nº 4.....	145
Anexo F – Trabalho de avaliação formativa em grupo – aula nº 6	149
Anexo G – Avaliação formativa global – aula nº 9.....	150
Anexo H – Grelha de observação de aula	163
Anexo I – Ficha de autoavaliação e heteroavaliação – aula nº 10.....	164

